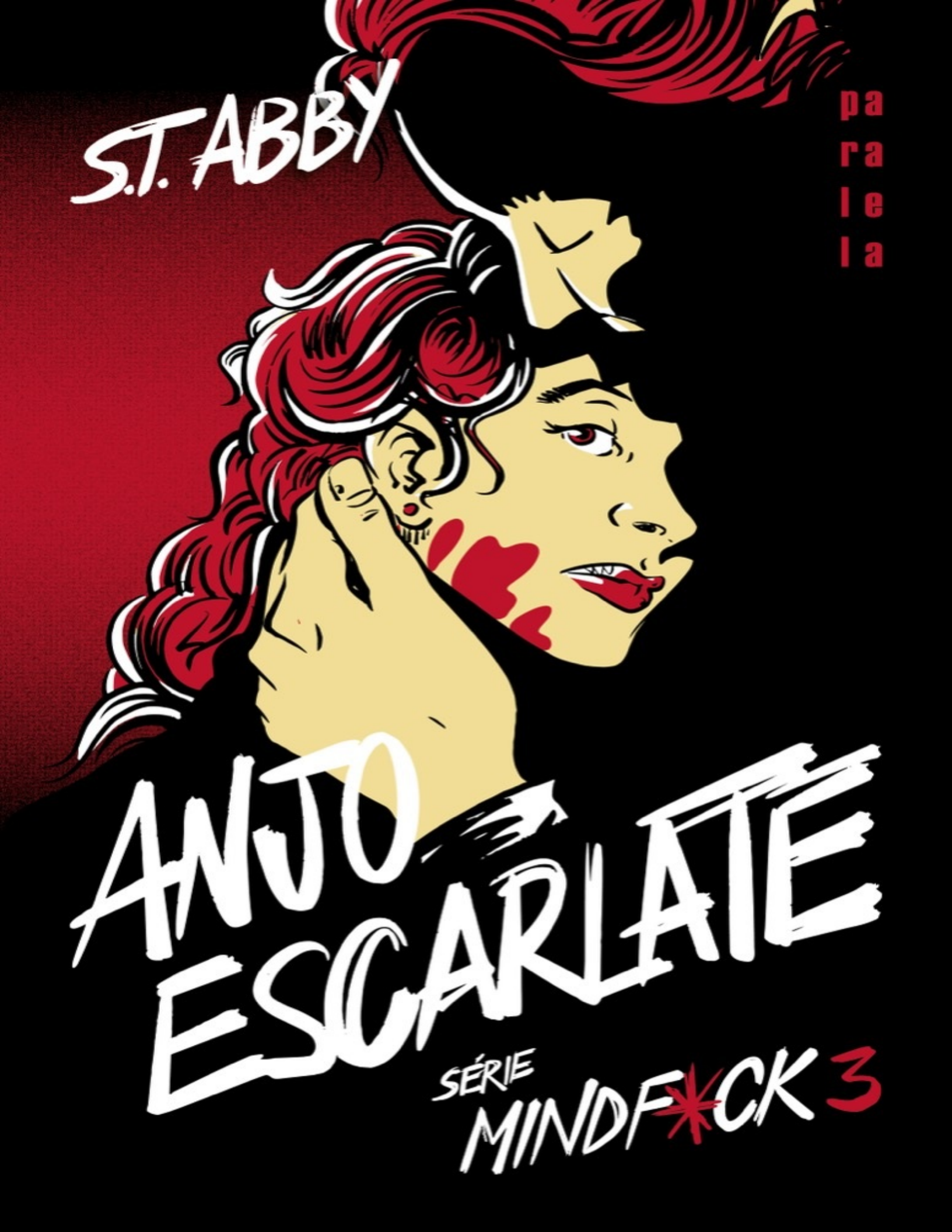

S.T. ABBY
paralela
ANJO ESCARLATE
SÉRIE MINDF*CK 3

S.T. ABBY

ANJO ESCARLATE

SÉRIE MINDF*CK 3

Tradução

LÍGIA AZEVEDO

paralela

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL:
AGRESSÃO FÍSICA, ESTUPRO E VIOLÊNCIA SEXUAL.

Para todo mundo que perdeu sua voz.
Para todo mundo que gostaria de ser Lana Myers.
Para todo mundo que ainda sussurra a respeito.
Para todo mundo que luta diariamente para esquecer.
Você não está só.

Sumário

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Sobre a autora
Créditos

~~Tim Hoover~~
~~Chuck Cosby~~
~~Nathan Malone~~
~~Jeremy Hoyt~~
~~Ben Harris~~
~~Tyler Shane~~
~~Lawrence Martin~~
~~Cara aleatório no beco~~
~~Kenneth Ferguson~~

Para derrotar um monstro, é preciso ser duas vezes mais monstruoso. Para amar um monstro, é preciso compartilhar sua alma.

Lana Myers

1

Antes três horas mais cedo que um minuto tarde demais.
William Shakespeare

LOGAN

"Não entendo por que o cara deixou que ela fosse embora. Não bate nem um pouco com o perfil dele", digo a Craig enquanto paramos na frente da delegacia. "Um sádico sexual em meio a uma onda de assassinatos não libera uma vítima sem mais nem menos."

"Não entendo também. A garota está tão traumatizada que nem aceitou ser levada até a gente. Disse que precisávamos vir e que só conversaria com você. Nem o pai pôde entrar ainda. Ela insiste que só pode falar com ele depois de falar com você."

Confuso, caminho a passos rápidos até a delegacia, então deixo as apresentações por conta de Craig. Por que deixá-la nesta cidade? Por que soltá-la?

Mil perguntas passam pela minha cabeça enquanto sigo para a sala onde a garota se encontra. Ela está tremendo, com os olhos arregalados, claramente em pânico. Uma manta envolve seu corpo.

Há três homens e uma mulher na sala, a uma boa distância dela. A garota parece aterrorizada e com razão. Provavelmente deve ter tido um ataque de pânico toda vez que alguém se aproximava demais.

"Sou o agente especial Bennett", digo baixo, tentando manter o tom caloroso e não me impor.

Seus olhos procuram os meus, e ela começa a chorar na mesma hora. Todos se viram para mim, tão confusos quanto eu.

"Ele... me disse... para... falar com você... só com você", a garota explica, entre os soluços de choro. "Ele disse pra eu não mostrar a ninguém até... você... A ninguém, só você."

Sem entender, dou um passo cauteloso na direção dela.

"Me mostrar o quê, Erica?", pergunto, me agachando com cuidado à sua frente para parecer menor, menos ameaçador.

"Isso", ela diz, tirando a manta e subindo a saia para mostrar a parte interna de uma coxa, que está enfaixada. Tem sangue na faixa, e eu olho para a policial, que é quem está mais próximo de mim.

"Ela se recusou a ser examinada antes que você chegasse", a mulher diz, respondendo à minha pergunta silenciosa.

Erica desenrola a faixa, e eu vejo as palavras gravadas em sua pele.

ELA SEGURA.

Com ponto-final.

Não faz sentido.

"Ele disse aonde estava indo?", pergunto a Erica.

A garota balança a cabeça em meio aos soluços. "Ele falou que ia me matar se eu não obedecesse. Disse que viria atrás de mim. Que me pegou uma vez e podia pegar de novo. Ele disse para eu fazer exatamente o que ele estava mandando, e aí me deixaria viva."

"E ele mandou que você mostrasse isso?", pergunto, ainda tentando entender.

"Sim. Ele mandou que eu fizesse você vir e depois te mostrasse isso. Era tudo o que eu precisava fazer para continuar viva."

Erica chora tanto que fica difícil entender o que diz, mas acho que já tenho o bastante para poupá-la de mais perguntas. Ela não

está em condições de ser interrogada neste momento.

Ele acabou com a garota.

"Agora posso ver meu pai?", ela pergunta, sem parar de chorar. "Fiz o que ele mandou. Fiz tudo direitinho."

"Claro, Erica", digo.

Ainda não decidimos como punir o pai dela pelo que fez. Ele foi solto temporariamente para poder ver a filha.

Com um aceno de cabeça, indico que podem deixá-lo entrar, e a porta é aberta. Segundos depois, a casca de um homem em frangalhos entra. Ele abraça a filha, que chora ainda mais alto. Eu me viro para permitir que os dois tenham um momento de privacidade enquanto ela soluça em seu peito.

"Ela segura", digo a Craig, saindo.

"Não é só juntar com as outras mensagens? Você não pode...", ele diz, abrindo no iPad uma foto da esposa do juiz que Plemmons pendurara em um prédio, "... manter...", Craig prossegue, passando para uma foto do braço de Lisa, "... ela segura", conclui, olhando para mim.

Ao lado dele, Donny balança a cabeça.

"Mas Erica está aqui. Será que ele está dizendo que não podemos manter Erica segura mesmo ela estando com a gente agora? Será que quer um desafio maior?"

Uma onda gelada percorre meu corpo.

"Logan Bennett, você não pode manter ela segura. Meu nome escrito naquele corpo era a primeira parte da mensagem."

Os dois arregalam os olhos, e eu pego meu celular, em pânico. Ligo para Lana, mas cai direito na caixa postal. Xingo e ligo para a viatura destacada para ficar na frente da casa dela esta noite.

"Agente especial Bennett, como posso..."

"Cadê a Lana? Vocês estão monitorando a casa dela neste exato

momento?"

"Não... hum... desculpe. Pensei que alguém tivesse te avisado. Fomos chamados para ajudar a encontrar as crianças que aquele outro doente enterrou."

É como se tivessem cravado e torcido uma faca na minha barriga. Eu me levanto e ligo para Duke, frenético.

"Detetive Du..."

"Diz que você está com Lana agora", eu disparo.

"Não... Pensei que você estivesse. Não foi ela que eu vi no seu escritório?

"Você deixou Lana sozinha, porra?"

"Pensei que ela estivesse com você! De acordo com meu pessoal, você tirou Lana da casa, depois vi vocês juntos!"

"Merda!"

Desligo e começo a correr para o SUV em que viemos. Craig e Donny me seguem.

"Vou ficar aqui para ver o que consigo descobrir!", Donny grita.

Craig se senta no banco do carona e afivela o cinto depressa, quando já estou saindo do estacionamento. Jogo meu celular para ele.

"Continua ligando pra ela."

Ele obedece, mas xinga toda vez, então desliga. "Ou o celular dela está desligado, ou sem bateria. Nem chama."

Piso fundo e acendo os faróis.

"Manda alguém pra lá agora!"

"Já estou fazendo isso", Craig diz, com o celular na orelha. Ele começa a dar ordens a alguém, passa o endereço de Lana. Eu costuro no trânsito, sem nunca pisar no freio.

"Alguém estará lá em vinte minutos", ele me avisa, desligando. "Quanto tempo faz que ela chegou em casa?"

Sinto meu estômago virar do avesso. Lana saiu uma hora antes de mim. Devia ter levado meia hora para chegar em casa. Demorei quase duas horas para sair. Então faz pelo menos duas horas e meia que ele a tem só para si.

Sem ninguém para salvá-la.

No meio do nada.

Sem nenhuma chance de que os vizinhos ouvissem alguma coisa.

"Tempo demais", respondo, em um sussurro rouco. Piso ainda mais fundo no acelerador, temendo o pior, e ouço Craig reagir quando tiro um fino de outro carro. "Tempo pra caralho."

2

O Inferno se encontra vazio, e todos os demônios aqui.
William Shakespeare

HADLEY

Antes...

Dizem que as crianças veem mágica em tudo. Os olhos que me observam quando me sento ao lado dela contam uma história diferente. Tão jovem e já testemunhou algumas das maiores depravações do mundo. Não há mágica nisso. Há apenas maldade.

Os olhos de Lindy May parecem cansados, mas estou emotiva demais para pensar em termos práticos neste momento.

Esse cara continuou fazendo o que fazia porque eu deixei que me convencessem de que era tudo coisa da minha cabeça. A terapeuta. Ele. Minha mãe...

Por minha causa, esta criança sofre agora. Por minha causa, muitas outras morreram. Muitas outras passaram pelo que passei.

Porque fui fraca. Tão fraca que permiti que me manipulassem.

Não suporto essa culpa, mal consigo respirar enquanto me forço a me manter sentada ao seu lado. Para me distrair de minhas inquietações, eu me concentro no fato de que ela conhece Lana. Não tenho nenhuma dúvida de que a menina que não acenou para mais ninguém acenou para Lana porque a conhecia.

"Vocês conhecem Lana Myers?", pergunto.

Ela arregala os olhos. Lindy pigarreia. “Não. Não conhecemos.”

É uma mentira descarada, mas evito desmascará-la. A menina fica inquieta, parecendo desconfortável com a menção a Lana. Craig já foi contar aos outros, então não me resta muito tempo para conseguir respostas.

Laurel olha para Lindy, com a testa franzida.

“Esse homem que machucou você... ele também me machucou”, eu digo, estabelecendo uma relação com ela, dando-lhe algo que forme um vínculo comigo. É difícil me desapegar... não ficar emotiva. Porém consigo, depois de anos de treino.

Laurel estende o braço e puxa minha manga, e eu me inclino para permitir que sussurre em meu ouvido. Sinto quando ela leva a mão à boca, como se para garantir que nenhuma palavra escape do túnel que vai dos seus lábios à minha orelha.

“Meu anjo deu um jeito de ele nunca mais machucar a gente”, ela diz, e uma frieza doentia me inunda. “Meu anjo me salvou. Ela sempre vai cuidar de mim. Está cuidando agora.”

Endireito o corpo, processando suas palavras enquanto Duke entra. Ainda não entendo muito bem o que foi dito quando finalmente saio. Logan me segue, preocupado demais.

Palavras voam da minha boca antes que eu possa impedi-las. De repente, estou chorando, assumindo o peso da minha responsabilidade nisso tudo.

Eu poderia ter impedido que outros saíssem machucados.

As palavras jorram dos meus lábios como vômito, e eu despejo tudo o que contive desde o dia em que fugi. Não tenho certeza do que dizemos um ao outro, é tudo um borrão.

Minha mente funciona no piloto automático, governada pela culpa e pelo desprezo por mim mesma.

Ele não me impede quando finalmente vou embora, mas meus

pés hesitam diante da sala de descanso. Lana está recostada casualmente, vendo TV, como se fosse a pessoa mais relaxada do mundo.

Lana olha para mim, seu corpo atento ao fato de que tem alguém olhando para ela. Essa não é a reação de uma pessoa inocente.

Lana me observa, com um sorrisinho nos lábios, como se me desafiasse a dizer algo aqui e agora.

Meu anjo deu um jeito de ele nunca mais machucar a gente. Meu anjo me salvou. Ela sempre vai cuidar de mim. Está cuidando agora.

As palavras de Laurel são um tapa na cara. Devagar, junto peças que não se encaixam perfeitamente. *Ela*. Laurel disse *ela*.

Laurel acenou para Lana.

Não tem a menor chance de eu estar certa.

Não tem a menor chance de Lana ter matado e torturado o cara... Quer dizer... Tem?

Ela arqueia a sobrancelha para mim, como se me desafiasse a falar primeiro. Se matou um homem e simplesmente veio para cá... Lana é a porra de uma psicopata.

Não. São minhas emoções falando.

Vou embora, desviando o rosto primeiro, decidida a conseguir respostas. Ela veio com Logan, então vai passar um tempo aqui. O cara não vai embora sem obter respostas também.

Só que estou atrás de respostas diferentes.

Disparo até o carro. Já estou na estrada quando meu celular toca e vejo que é Leonard. Penso em não atender, mas volto atrás. Tenho certeza de que é sobre o filho da puta doentio que permiti que aterrorizasse criancinhas inocentes porque nunca fui além da superfície depois de me tornar uma agente do FBI.

"O que foi?", pergunto, então pigarreio para conter o soluço de choro que percebo que está na garganta.

“Nosso castrador e mutilador matou Ferguson”, ele diz, com toda a calma.

Quase deixo o celular cair.

“Quê?”, pergunto, sem conseguir acreditar.

“Ele não queria que a gente fizesse a ligação, mas deixou a menina com Lindy May Wheeler, que, adivinha só, já morou em Delaney Grove.”

“Isso não faz sentido. Pelo perfil, é um sádico, e um sádico nunca...”

“Estamos revendo o perfil. É uma questão de vingança, e não de sadismo. Tudo o que pensávamos saber está prestes a mudar. Achamos que o cara criou uma afinidade com você. De alguma forma, sabia sobre Ferguson e... seu passado.”

A última parte sai entre a hesitação e o arrependimento.

Seguro o celular com mais força e dirijo mais rápido.

“Tá. Me mantém atualizada”, digo, estoica, sem permitir que minha voz denuncie o turbilhão de emoções dentro de mim.

Desligo, pensando que estou ficando maluca. É maluquice achar que Lana matou o filho da puta. O caso é pessoal demais para mim, o que me impede de pensar racionalmente.

Porém Leonard disse que o assassino sabe do meu passado e criou afinidade comigo. Dei a Lana um motivo para se interessar por mim quando manifestei minhas desconfianças, o que foi idiotice. Ela permaneceu calma demais. Indiferente demais às minhas acusações.

Foi como se estivesse preparada para aquelas perguntas.

Se foi Lana quem matou Kenneth, então também matou homens com o dobro do tamanho dela, depois de dominá-los fisicamente. Não é possível que eu esteja certa.

Então por que estou indo para a casa dela? Por que ainda não

estou convencida de que ela não é o anjo que Laurel mencionou?

Logan vai me odiar para sempre se descobrir que sou louca a ponto de acusar sua namorada — que ele considera perfeita — de algo tão bizarramente impossível, sem mencionar extremamente hediondo.

A polícia já tinha ido embora quando entro na garagem dela. Tento ignorar o fato de que isso é maluquice. Todos foram destacados para cuidar desse caso. A polícia está atrás das dezenas e dezenas de corpos deixados para trás por um demônio que eu devia ter matado.

A casa está escura. Giro a maçaneta com cuidado e fico surpresa ao constatar que a porta abre. Entro e a fecho sem trancá-la. Logan esteve no quarto de Lana, então passo direto por ele, ciente de que ela seria esperta o bastante para manter seus segredinhos sujos escondidos.

Ignoro a parte incômoda da minha mente que me acha maluca por desconfiar de Lana. Ela não seria fisicamente capaz de fazer nada daquilo. A morte de Kenneth seria uma tarefa e tanto. Lana precisaria ter arrastado o cara para fora do porão e pelo morro que leva até a praia. Impossível.

Sigo em frente, no entanto, deixando-me levar mais por instinto do que pela razão.

Há algo nela... algo estranhamente composto que Logan não enxerga. Algo sombrio em seus olhos quando olha no fundo de sua alma.

Mas quão sinistra pode ser uma pessoa que salva uma criança?

Estou tão confusa.

Encontro uma porta trancada, o que me obriga a abri-la. Sou treinada para isso e resolvo tudo em questão de segundos. Não tem nada no quarto, no entanto.

Por que trancar um quarto vazio?

Há quatro estantes sem livros encostadas nas paredes.

Quando eu me viro, confusa, um grito escapa da minha garganta diante do corpo grande que de repente me ataca.

Tento pegar minha arma, mas é tarde. A fera tromba comigo, me imprensando contra a parede e me deixando atordoada. Solto mais um grito agonizante.

Minha arma é tirada de mim e jogada no chão. Outro gemido de dor me escapa, e sou empurrada contra a parede outra vez. Alguém segura minha mão às minhas costas. Sinto um hálito quente e mentolado na pele.

"Ora, que bela surpresa, agente Grace", uma voz de homem diz, fazendo um arrepio percorrer minha espinha. "Duas pelo preço de uma", ele prossegue, ainda me prendendo. "Que pena que estou esperando a outra. Mas sua vez vai chegar. Vou até ignorar seu cabelo ruivo."

Sinto o ar preso nos pulmões quando a ficha cai com tudo. Em meio ao caos, Logan não deve ter se dado conta de que nenhum policial poderia mais ficar de babá. Há uma única pessoa que poderia estar aqui agora.

"Diga, agente Grace", ele fala, prendendo minhas mãos com minhas próprias algemas enquanto permaneço imobilizada, subjugada e me debatendo em vão, "você tem medo do Bicho-Papão?"

Meu estômago se revira. Ele me joga no chão e sobe em cima de mim, rindo. Grito por ajuda, o que só o faz rir mais.

"Grita! Grita o quanto quiser!", ele me provoca. "Este é o melhor lugar no mundo para gritar, porque ninguém pode te ouvir, agente."

Meus pés são erguidos, e eu percebo que ele os está amarrando

às minhas mãos, forçando minhas costas a se arquearem no processo.

"Você só não pode gritar quando minha convidada chegar", o cara prossegue, sorrindo na escuridão. Agora que meus olhos se adaptaram, consigo ver sua cabeça careca quando ele vai enfiar algo em minha boca.

Tento me desvencilhar, porém o cara aperta os dedos na minha mandíbula, forçando-a a abrir. Então coloca uma mordaça e a amarra, e eu ouço o ruído inconfundível de *silver tape* segundos antes de ele tapar minha boca com um pedaço.

Eu me debato, sem desistir, ainda que com as mãos e os pés amarrados juntos. Ele volta a rir enquanto me pega e me carrega sem esforço escada abaixo, arrastando minha cabeça pela parede de propósito.

Grito, mas ouço apenas um ruído abafado pelas camadas de proteção na minha boca. Minha cabeça bate com tudo na parede quando ele se vira de forma abrupta.

"Opa", Plemmons diz, brincando.

Ele me joga no chão, e eu gemo, mas nada sai quando meu cotovelo e meu quadril batem com tudo. Ouço um rangido e vejo as portas dobráveis do armário se abrindo. Ele chuta minha barriga para me mandar para o espaço apertado, com força o bastante a ponto de quebrar algumas costelas.

Então o cara se ajoelha e termina de me empurrar. Viro a cabeça quando ele tenta tirar o cabelo da frente dos meus olhos.

"Aproveite o show, agente Grace. Pelo menos você vai saber o que te aguarda."

Em seguida, Plemmons fecha a porta, e graças a pequenos vãos, cujas frestas me permitem ver quem está adiante, observo seus pés se afastarem.

Música toma conta da casa, uma canção clássica, suave. Percebo que a porta da frente está no meu campo de visão e a observo, desejando nunca ter desconfiado de nada.

Uma lágrima rola, e a sensação é de que uma chama lambe minha pele.

Logan vai chegar com ela. Vai morrer bem na minha frente. E não tenho nem como avisá-lo.

Sinto o celular no bolso da frente, me provocando — tão perto e tão longe. Por mais que me revire, não consigo pegá-lo.

Parece levar horas até a porta finalmente se abrir, e eu tento gritar. Tento avisá-la. O som baixo que consigo produzir é afogado pela música clássica que ainda toca.

Lana fecha a porta. Está sozinha. Sem Logan. Não lhe resta nenhuma esperança de ser salva.

Tudo acontece rápido.

Plemmons surge de seu ponto cego e lhe dá um soco em um lado do rosto. O impacto faz com que ela deixe a chave e o celular caírem e trombe com a parede, atordoada, confusa.

Ele se atira sobre Lana, que grita após tentar atingi-lo com uma das mãos, só para tê-la retorcida. Plemmons usa o outro braço para enforcá-la. Apesar da música, ouço cada palavra do cara.

"Briguenta. Gosto disso. E bonita. O agente Bennett sabe escolher", ele provoca. "Finalmente ele te deixou sozinha. Agora me diga, princesa: você tem medo do Bicho-Papão?"

Plemmons a tira do chão e a joga contra a parede à frente dele. O baque é forte, e Lana vai ao chão.

O que chama minha atenção é o som da risada dela ao se levantar devagar.

"Bicho-Papão", ela diz, encarando Plemmons. "Você demorou."

Plemmons interrompe suas passadas, com uma mistura de

confusão e raiva no rosto. Ele sente tesão no medo. Na dor.

E Lana age como se fosse imune a tudo.

Será que Logan lhe ensinou como deveria reagir?

Ou ela é de fato tão estupidamente destemida assim?

Plemmons avança em sua direção e chuta sua barriga antes de pegá-la pelo cabelo para colocá-la de pé.

Um ruído estrangulado de dor escapa de Lana. Ele a empurra contra a parede com força o bastante para quebrar alguma coisa. O rosto dela está de lado, e Lana sorri quando Plemmons chega por trás.

"Você não está rindo agora, está?", ele pergunta, levando a mão à calça dela, para baixá-la. "Não vai rir mais esta noite."

"Acho que já me machuquei o bastante pra que seja convincente", ela retruca antes que ele consiga terminar.

O estranho comentário o faz parar. Sinto minha pulsação nos ouvidos.

Lana desfere uma cotovelada no ar e o atinge em um ângulo impossível. Puxo o ar pelo nariz, chocada ao vê-lo cambaleando para trás.

Ela enxuga a boca e baixa os olhos para os dedos, então acende a luz com a outra mão, revelando os dedos ensanguentados.

Seu nariz e o lábio inferior estão sangrando. Seu rosto já está ficando roxo onde ele o atingiu. A dor não parece incomodá-la, no entanto.

Os olhos de Plemmons se estreitam.

"O Bicho-Papão não é tão assustador na luz", ela diz, e um sorriso sombrio repuxa os cantos de seus lábios.

O nariz dele está sangrando, por conta da cotovelada. Plemmons solta um rugido de fúria antes de partir para cima dela. Lana gira e

se esquiva de um soco. Então dá uma joelhada forte nas costelas dele.

Plemmons se dobra para a frente, e ela gira de novo, dando um chute em suas costas. Ele bate contra a parede, e o sorriso de Lana se alarga ao vê-lo se virar, confuso. Furioso. Pronto para matar.

"Não posso te deixar machucado demais. Não quero que eles desconfiem, não é mesmo?"

Sinto o sangue congelar dentro do corpo. Balanço a cabeça, sem conseguir acreditar.

Ele pega uma faca, a mesma com que matou tantas outras. Lana não se preocupa muito com ela.

"Ah, como eu queria poder tirar de você tanto quanto você tirou daquelas mulheres. De fazer você sentir a mesma dor e o mesmo medo que elas sentiram", Lana diz, com um sorriso no rosto. "Mas não posso. Só posso te privar de todo o seu orgulho, que você tanto preza. De todo o *poder* que você pensa ter. Daí posso te matar."

Plemmons vai correndo para cima dela com a faca. Lana desvia de dois golpes sem nenhuma dificuldade, como se estivesse brincando com ele.

No terceiro golpe, ela agarra o pulso de Plemmons e o torce depressa, deixando a mão dele em uma posição estranha e o fazendo gritar. A faca vai ao chão. Ela gira e lhe dá uma rasteira.

Quando Plemmons cai, ela chuta a faca para fora do alcance dele. O cara se põe de pé depressa e corre na direção da mesa, mas Lana pega a faca e a lança com tanta força em uma das gavetas que a lâmina fica cravada nela.

A gaveta não cede, mesmo ele a puxando com força. Agora é Lana quem o ataca, rindo. Plemmons tenta segurá-la, mas ela é rápida demais e lhe dá uma joelhada no saco com tanta força que

ele cai para trás, soluçando, provavelmente com as bolas na garganta.

"Uma boa e velha joelhada no saco deixa tudo mais crível", ela diz, puxando a faca da gaveta antes de abri-la e tirar uma arma de lá. "Bela tentativa. Pena que sei onde escondo minhas próprias armas."

Ela é a gata e ele é o rato.

O homem que por tanto tempo aterrorizou Boston, e agora Washington, é apenas um brinquedo para ela.

Quem é Lana Myers, cacete?

Não emito nenhum ruído, assustada agora por outro motivo. Eu entrei aqui e ameacei uma garota que faz um sádico sexual se ajoelhar e chorar.

"O grande Bicho-Papão", ela diz, com um suspiro, rodeando-o com a faca na mão. "Sempre odiei filmes de terror. Sabe por quê?", Lana pergunta, enquanto ele leva a mão à virilha, ainda se contorcendo de dor. "Vou te dizer por quê", ela prossegue, dando as costas para o cara e seguindo na direção da sala de estar. "Porque sempre retratam as mulheres como patéticas, aos gritos, incapazes de se salvar. O vilão sempre caminha. A garota sempre corre. E ainda assim o *Bicho-Papão* as alcança."

Plemmons consegue se levantar, com ela ainda de costas para ele. Arregalo os olhos, sem saber quem seria pior encarar.

Dois demônios em um único cômodo.

Como foi que vim parar aqui?

"Também odeio quando pintam as mulheres como idiotas que dão sorte", Lana prossegue, alheia à aproximação furtiva dele. "Como elas pegam uma faca no último segundo e o assassino corre de encontro com a lâmina. É tão anticlimático. E ele sempre

desaparece quando elas finalmente vão pedir ajuda. Só para depois fazer uma última tentativa."

Plemmons continua se esgueirando em silêncio. No último segundo, ataca.

Lana sorri, e meu coração pula para a garganta quando ela dá um pulo ágil e seus tornozelos agarram o pescoço dele e o viram, tudo em um único movimento fluido.

Ela é a porra de uma ninja assassina.

Ele vai ao chão, e Lana o enforca, com as pernas em sua garganta.

"Gosto de enforcar homens tanto quanto você gosta de enforcar mulheres", ela sibila, em um tom tão sombrio e sinistro que me deixa mal ao confirmar meus piores medos. "Mas não faço dos mais fracos minhas presas. Não faço de inocentes minhas presas."

Lana o solta e se levanta com a velocidade quase sobrenatural de antes. Absorvo suas palavras devagar. E só então entendo o que significam.

Vingança. Leonard disse que o assassino era movido por vingança.

Afinidade.

As peças tentam se encaixar.

Plemmons tosse, parecendo sufocar com o ar que entra em seus pulmões. "Quem... é... você?", ele pergunta, com a respiração dificultosa.

O sorriso dela se alarga. "Sou a garota que se encarrega dos homens mais sombrios. Homens que fizeram coisas obscuras e perversas com os fracos. Homens que se aproveitam dos inocentes. Homens que pensaram ter me matado quando eu estava vulnerável. Assim como as mulheres que você matou."

Lana se abaixa perto da cabeça dele, que se vira de bruços, ainda com a mão no pescoço. Plemmons está fingindo. E é um péssimo

ator. Droga! Ele está fingindo!

Quero avisá-la, finalmente escolhendo um lado, porém as palavras são sufocadas pela mordaça e pela música constante.

Ela passa o lado cego da lâmina pela bochecha de Plemmons. Ele para de se debater e fica imóvel.

"Você é como eu", diz, e há mais surpresa em seu tom do que medo ou malícia.

"Não", Lana diz, baixo. "Sou muito pior e muito melhor que você. Sou aquilo que os monstros no escuro temem. E agora serei o pesadelo do Bicho-Papão."

Ela se afasta e Plemmons se levanta. Quando fica cara a cara com Lana, ela lhe oferece uma piscadela. Uma piscadela, puta que o pariu. Está desfrutando de cada segundo.

Lana está fazendo o que prometeu: privando-o de seu orgulho e poder, esmagando a sensação de intocável de que ele antes gozava.

Plemmons pega um abajur e o atira na cabeça dela. Lana se abaixa, rindo, então ele pega uma mesa de canto e a atira também.

Ela desvia de novo, usando sua velocidade em vantagem própria. É como se quisesse que isso acontecesse.

"Você nem consegue ficar de pau duro como um cara normal", Lana provoca, e sorri quando as narinas do cara se dilatam e a fúria se torna visível nas feições dele. "Precisa cortar as mulheres, ver seu sangue, pra isso. Você é fraco", ela diz, atravessando o cômodo. "Eu nem deveria perder meu tempo com você. Os homens que mato são fortes e poderosos, capazes de comer uma mulher sem precisar forçar. Só estupram quando sentem que uma precisa ser colocada em seu lugar."

Tudo o que Lana diz é para provocá-lo, para pôr abaixo a fachada que Plemmons construiu, para emasculá-lo. Se ela é boa em perfis,

é porque estudou isso. Lana aprendeu a diminuir e arruinar suas vítimas.

Como elas a arruinaram.

Ela é uma vítima. Ou, pelo menos, foi.

Suas palavras se somam, contando uma história que ainda não foi revelada por inteiro.

"Sabe o que eu tiro deles?", Lana pergunta, baixando os olhos antes de voltar a encará-lo. Meu estômago se revira. Sei o que ela tira. "Tudo", Lana conclui afinal. "Eles têm mais para dar."

Lana volta a ficar de costas para Plemmons, agindo como se ele não tivesse nenhum poder sobre ela, deixando claro que não o considera uma ameaça. A arma está diante da porta do armário, mas ele ainda não tentou pegá-la.

Recorrer à arma seria fraqueza.

Ela o tem na palma da mão.

Ela está manipulando um homem que manipulou o mundo todo.

E está conseguindo.

Plemmons ataca, louco para se provar. Lana se vira para ele, com a faca na altura da cintura. Plemmons vai direto nela, e eu me contenho para não fazer barulho, agora preocupada com a possibilidade de ser ouvida.

Lana revira os olhos quando os dele se arregalam em choque. O rosto de Plemmons empalidece enquanto ele cambaleia para trás. A faca sai quando ela a puxa.

"E agora dei sorte", Lana zomba. "Como nos filmes de terror. Ninguém vai desconfiar de nada."

Ele cai de joelhos, sangrando profusamente pela ferida no abdome. Sangue demais para que Plemmons sobreviva, se a ajuda não vier imediatamente.

Eu teria sido a próxima vítima dele. Agora me pergunto o que

vai acontecer se Lana descobrir que sei de tudo.

Mas ela já poderia ter me matado. Ninguém saberia.

Em vez disso, Lana localizou meu padrasto, o matou e salvou a vida de uma menina. Uma menina que decepcionei por não ser a heroína que um demônio foi.

Lana Myers, ou quem quer que ela seja na verdade, sobreviveu a algo tão sombrio que precisa se vingar.

E Logan está dormindo com ela.

Está se apaixonando.

E ela é a porra de uma psicopata.

Minha culpa por meu fracasso me leva a perguntar o que vai acontecer se eu a impedir. Não conheço suas vítimas o suficiente para saber se elas estão machucando pessoas do jeito que permiti que Kenneth machucasse.

Falhei com muitas ao confiar em mentiras.

Lana pôs um fim às maldades dele.

E se eu a impedir antes que ela termine? Mal consigo conviver com a culpa agora.

Não tenho ideia do que fazer.

Enquanto considero as opções, Lana se senta e fica vendo o cara sangrar, segurando a faca casualmente, como se fosse o controle remoto e ela estivesse assistindo a seu programa de TV preferido. Plemmons engasga e cospe sangue, olhando para ela sem conseguir acreditar.

Ele veio matar uma mulher fraca, mas acabou descobrindo que ele era a presa que adentrou a toca dos leões.

"Essa é minha parte preferida", Lana lhe diz, baixo. "O olhar de resignação. O momento em que a esperança se esvai e você reconhece que não vai ser salvo. Já passei por isso. É assustador. Conheço muito bem o pânico em que você se encontra, a

impotência que sente. A diferença é que você não vai se levantar e viver para matar todos um dia."

Viver para matar todos um dia.

Guardo cada informação, decidida a fazer uma lista de prós e contras de revelar ao mundo quem Lana é.

"Tiraram demais de mim. Deixaram muito pouco. Eu não tinha nada a perder", ela sussurra, e mal consigo ouvir. "Até ele."

Meu coração bate mais forte. Logan. Ela está falando de Logan.

"Então você quis matar *ele*. Ele é bom demais para morrer. É o oposto de nós. Sua luz ainda brilha. Espero que se divirtam com você no inferno. Você se condenou no dia em que escolheu como alvo a única coisa que me faz sentir que ainda tenho uma alma a ser salva. A única coisa que amo mais que a vingança."

Eis minha resposta. Fico assistindo com ela à morte do Bicho-Papão, vítima de sua própria faca. Nas mãos de uma mulher.

Nas mãos de uma vítima.

De certa maneira, isso é justiça poética.

3

O curso do amor verdadeiro nunca foi tranquilo.
William Shakespeare

LANA

Meu irmão amava Shakespeare. Ele vivia e respirava as palavras de um homem cuja geração não o valorizava devidamente. As pessoas da época de Shakespeare não respeitavam ou apreciavam a angústia e o tormento embutidos em cada tragédia que ele construía sob o disfarce de romance.

Marcus era um romântico incorrigível, com nada além de luz e beleza dentro dele.

O mundo à sua volta apagou essa luz.

Roubou essa beleza.

Envergonhou seu nome.

Matou-o.

Nos destruiu.

Eu me deleito em ver o Bicho-Papão dar seu último suspiro. Ele nunca mais roubará luzes tão fortes quanto a do meu irmão.

Ele nunca mais será visto como um imortal atormentando a polícia e o FBI. Nunca mais será o pesadelo que aterroriza mulheres, que assombra suas vidas. O Bicho-Papão será lembrado como um mortal que morreu nas mãos de uma mulher fraca que ele não conseguiu matar.

Uma mulher que teve a *sorte* de matá-lo primeiro.

Curiosa, visto uma luva, verifico seus bolsos e encontro um controle remoto. Hum...

Olho em volta e logo descubro o que o troço controla. Há um aparelhinho perto da minha lareira que não estava ali antes. Tenho quase certeza de que é um bloqueador de sinal. Meu celular estava funcionando antes que eu entrasse, então ele deve ter ligado em algum outro momento.

Devolvo o controle ao bolso do cara e me levanto para ir buscar meu celular, que caiu nos cinco segundos em que fui pega de surpresa. Quando tento ligar, não funciona. Claro.

Ótimo. Isso vai servir de desculpa para a meia hora em que fiquei assistindo ao cara sangrar até morrer — assim como ele fazia com as próprias vítimas.

Olho por cima do ombro quando uma cena de filme de terror me vem à cabeça, mas o cara continua morto. Não tem como um mero mortal desaparecer depois do último suspiro.

Volto a olhar para o celular e o levo comigo até o sofá. Uma garota normal não notaria um bloqueador de sinal — ou não saberia do que se trata — logo depois da experiência traumática de matar um homem.

Desligo a música e tira o iPod da caixinha de som. Cretino.

Odeio que outras pessoas toquem minhas coisas. E agora ele manchou todo o chão de sangue. Vou levar uma eternidade para limpar.

Eu diria que é falta de consideração, mas como fui eu que esfaqueei o cara, preciso reconhecer que a culpa é minha. Eu devia ter deixado que ele se enfiasse na minha lâmina em um piso frio, e não no carpete.

Paciência. Agora posso trocar o piso para taco de madeira, como andava pensando. Não costumo reformar minhas casas, mas com

Logan morando mais ou menos perto, tenho mais motivos para ficar do que para ir embora.

Quanto tempo vai levar para alguém vir ver como estou? Será que devo correr para a rua gritando? Como uma pessoa normal age depois de ter sido atacada por um maníaco homicida e matá-lo por um golpe de sorte?

Será que fica se balançando em um canto? Chora? Espero que não. Não consigo forçar o choro e não gosto de me balançar. Me deixa enjoada.

Será que grito e finjo estar inconsolável ou morrendo de medo? Não gosto de gritar. Arranha minha garganta. E não sei se conseguiria convencer alguém de que estou com medo, porque... nem me lembro como é sentir medo.

O cara queria me estuprar, claro. Lembro bem qual é a sensação que vem depois. Eu me senti entorpecida. Destruída. Querendo me matar. Porém foi muito mais do que um homem que me levou a isso.

E foi muito mais que estupro o que me destruiu.

Então, no fim, acho que não sei, e não importa. Porque ele não chegou nem perto disso.

Devo parecer perplexa, chocada? Mostrar remorso, ainda que ele merecesse morrer? Vou acabar rindo se tentar fingir que me sinto mal por esse merdinha sádico.

Talvez eu consiga parecer perplexa ou chocada. Talvez possa fingir que ainda não caiu a ficha de que matei um cara?

Para mim, não é fácil entender garotas normais, porque não consigo lembrar a última vez que fui uma. Garotas normais passam tempo demais reagindo a suas ações. Elas consideram o ar que respiram algo dado, porque nunca foram privadas dele.

Já eu? Eu estive no inferno, o que me tornou insensível a todo o

resto.

Opto por parecer chocada. É o mais fácil de fingir.

Enquanto aguardo que alguém apareça — e vai aparecer, quando Logan descobrir que estou sozinha —, treino um olhar vazio. Seguro a faca com força, a ponto de os nós dos dedos ficarem brancos, certa de que é o que uma garota em choque faria.

Isso.

Assim está ótimo.

Eu aguardo.

E aguardo.

E aguardo.

Aff...

Finalmente, ouço o som *inconfundível* de sirenes e freios na frente da minha casa. Nossa. Ainda bem que não precisei de resgate. Uma chegada com tanto estardalhaço teria levado o idiota sangrando no meu chão a me matar na mesma hora e ainda lhe daria tempo de escapar.

Panacas.

Fico curiosa quando eles arrombam a porta e percebo, de canto de olho, que chegam com as armas apontadas. Como sabem que o cara está aqui?

Mantenho o olhar vazio e aguardo.

"Puta merda", alguém diz, e eu permaneço em *choque*, olhando para a frente.

Por quanto tempo será que preciso continuar assim?

Meus olhos ardem, de tanto tempo que estão arregalados. "Plemmons está na sala", uma voz alta e forte diz.

Não mexo a cabeça, mas vejo um cara se ajoelhar enquanto outro mantém a arma apontada para o Bicho-Papão.

"Nada aqui."

"Nada aqui."

"Nada aqui."

Vozes repetem essas palavras por toda a minha casa.

"Morto", o cara ajoelhado diz, então pega o rádio preso a seu ombro. "Plemmons está morto. A casa está segura."

Ele aperta um botão no rádio e repete o que disse.

"O que está rolando?", pergunta então.

Parece que o aparelhinho não bloqueia apenas o sinal de celular.

"Não sei. O meu não está funcionando também. Nem o celular. Não mexe na cena do crime. O caso é do FBI. Revista a casa até eles chegarem. Já estão enchendo o nosso saco por termos levado meia hora a mais do que deveríamos. Como eu ia saber que não era só o cara sendo paranoico? Eles nos colocaram atolados até os joelhos em um cemitério sem identificação, com todo mundo em campo."

"Senhorita?", o outro diz, sem responder ao babaca resmungão, e se aproxima da pobre garota em choque que estou fingindo ser.

Ele toca meu pulso com cuidado, e eu estremeço.

"Calma", o policial me tranquiliza, pegando a faca da minha mão e passando-a para outro, que a guarda em um saco transparente. "Você está segura agora, srta. Myers."

Sua voz é tão gentil que preciso me esforçar para não sorrir em agradecimento por sua preocupação genuína.

Há um ruído forte atrás de nós, um *tum-tum-tum* alto. Eu me viro sem pensar enquanto os policiais sacam suas armas, apontando na direção do armário.

Sinto minha pulsação nos ouvidos enquanto os caras abrem o armário e toda a cor se esvai do meu rosto ao ver Hadley se debatendo no chão, provavelmente depois de ter batido na porta com a cabeça.

Seus sons abafados chegam aos meus ouvidos e meus olhos dão

com sua boca tapada.

Retiro o que eu disse. Agora me lembro de como é sentir medo, porque o medo sobe pela minha espinha, indo cada vez mais alto. Eles vão meter bala em mim antes que eu possa escapar. Tem pelo menos quinze policiais na minha casa agora.

Não preciso mais fingir estar em choque. Nada no meu corpo funciona. Mesmo que eu quisesse correr, não conseguiria.

Hadley mantém os olhos fixos em mim, só desviando o rosto quando desamarram seus pés e tiram suas algemas. Assim que suas mãos estão livres, ela tira a *silver tape* da boca.

Meu corpo enrijece mais a cada segundo que passa. Torço para que Hadley estivesse inconsciente esse tempo todo. Quer dizer, é possível. Até agora, ela permaneceu em silêncio completo.

Hadley esfrega os pulsos enquanto a ajudam a se levantar. Ela cambaleia e um policial a segura por debaixo do braço.

"Sou a agente Hadley Grace", ela diz, com firmeza, quando os homens abrem a boca, provavelmente por descobrir de quem se trata.

As bocas se fecham e as armas são abaixadas.

"Vim ver como a srta. Myers estava depois que fiquei sabendo que a viatura tinha ido embora", ela mente, aparentemente sem esforço.

Hadley veio atrás de algo contra mim.

E encontrou.

Como uma idiota em um fim, mostrei as cartas que tinha na mão, ao falar com um homem que eu sabia que não poderia contar nada a ninguém. Fiz até o monólogo do vilão, puta que pariu!

Tudo para provocá-lo.

Tudo para tirar seu poder.

Eu não sabia que estava sendo observada.

Hadley me avalia demoradamente.

"O que aconteceu?", um policial pergunta.

Ela volta sua atenção para o cara.

"Eu estava lá em cima, verificando se havia alguém, depois de constatar que a porta tinha sido deixada aberta. Ele me atingiu por trás e me amarrou para poder esperar a srta. Myers chegar. Querendo que eu assistisse a tudo. Querendo que eu visse o que aconteceria comigo depois que ele acabasse com ela."

Seus olhos se voltam a mim, e seu silêncio me transmite algo, embora eu não saiba exatamente o quê.

"A srta. Myers resistiu. Deu sorte. Até jogou algumas coisas nele", Hadley diz, o que só me deixa ainda mais chocada. Ela aponta para o que sobrou do abajur e a mesinha de canto quebrada, que *ele* jogou em mim. "Ela o pegou de guarda baixa e ele soltou a faca. De alguma maneira, ela a pegou antes e se virou bem na hora. Ele correu direto para a faca."

Hadley continua me avaliando, enquanto tento descobrir que porra ela está fazendo. Por que está me acobertando? Não quer contar a verdade agora para que não seja a polícia a me prender, em vez do FBI?

"Pura. Sorte", Hadley diz, quase citando minhas palavras de antes.

Permaneço imóvel, sem compreender seus motivos.

"Deu mesmo", um cara concorda.

Os lábios de Hadley se contorcem, e ela desvia o rosto. "Vou chamar minha equipe."

Sinto um buraco no estômago e uma náusea mais forte a cada segundo. Ela pega o telefone, depois franze a testa e olha para o corpo. "Tem um controle remoto no bolso dele. Eu... vi antes."

Não aguento mais.

Odeio esse jogo dela.

"Não podemos encostar em nada até o FBI chegar", um cara diz, e Hadley arqueia a sobrancelha.

"Eu sou do FBI."

"Até seu..."

"Cadê todo mundo, caralho? Por que ninguém atende a porra do telefone?", ouço Logan dizer, e viro a cabeça imediatamente para a porta. "Lana!", ele grita, e o pânico fica evidente em sua voz.

"Aqui!", grito de volta, e minha voz falha de verdade. Não sei o que Hadley está prestes a fazer. As lágrimas nos meus olhos são reais.

Se ela contar quem realmente sou, esta será a última vez que ele me olha sem horror e repulsa.

Seus olhos desvairados me encontram e seu corpo inteiro relaxa. Ele atravessa a sala, sem notar o corpo ensanguentado antes de me puxar para si.

Meus olhos buscam Hadley, que nos observa com uma expressão indecifrável. Ela desvia o rosto e conta aos policiais algo sobre o ataque — outra mentira.

Logan me abraça forte. Eu me inclino em sua direção, sinto seu corpo rígido e absorvo a sensação. Então ele se afasta para avaliar meu rosto e faz uma careta ao constatar seu estado.

Não há nada de fisicamente errado comigo que eu não tenha permitido. Tirando as consequências do primeiro soco, para o qual eu estava despreparada.

"Que porra é essa?", eu o ouço dizer, quando finalmente vê o corpo do Bicho-Papão, e baixo os olhos.

Logan volta a me puxar para si, como se para me proteger daquela visão.

"Ela deu sorte", Hadley diz, e minha atenção retorna a ela.

Ele olha para a colega. “O que você está fazendo aqui?”

“Vim verificar como Lana estava quando fiquei sabendo que a viatura tinha ido embora”, Hadley diz, mentindo outra vez. “Vou deixar a polícia te dar os detalhes, porque vou ter uma baita dor de cabeça.” Ela aponta para a têmpora machucada. Seus olhos encontram os meus antes de retornarem aos dele. “Lana salvou nossa vida hoje.”

Hadley vai embora, e eu continuo sem entender o que ela pretende.

Se queria podres a meu respeito, teve muito mais do que esperava. Por que ir embora? Por que não contar tudo?

Logan leva as mãos ao meu rosto e eu me encolho quando ele aperta um pouco demais. O machucado já está fazendo meu rosto inchar.

“Merda”, ele sibila. “Vamos tirar você daqui.”

Craig entra, e seus olhos vão direto para o homem morto na minha sala de estar.

“Bom, essa é uma maneira de fechar um caso”, ele diz, com os olhos arregalados em descrença.

“Avisa a imprensa que acabou”, Logan manda antes de me pegar no colo, mantendo-me junto a seu corpo como se eu fosse frágil.

Deixo que ele faça isso. Quando Logan está por perto, sinto que não preciso ser tão invencível. Quando ele está comigo, sinto que posso deixar que cuide de mim, sem que isso me torne fraca.

É como se minha vulnerabilidade não fosse um problema, porque ele nunca a usou contra mim.

Comigo no colo, Logan atravessa a multidão de policiais, que não para de crescer. Todos querem ver o Bicho-Papão morto com os próprios olhos.

“Lana!” A voz familiar me faz virar a cabeça. Duke vem trotando

na minha direção. O arrependimento é perceptível em seus olhos. “Vim assim que você ligou”, ele diz para Logan, parecendo chocado. “Como conseguiu chegar antes?”

“Ele dirigiu tão rápido que continuo com o cu na mão. Acho que só pisou no freio quando chegamos”, Craig diz. Não percebi que ele nos seguia.

“Tira a polícia da casa. Precisamos liberar o local”, Logan diz.

“O que aconteceu?”, Duke pergunta, olhando além de nós. “Ele atacou mesmo?”

“Atacou. E Lana teve sorte”, Hadley diz, passando por nós e puxando Craig pelo cotovelo. “Me dá uma carona pra casa, vai que eu tenho uma concussão.”

Meu estômago se revira. Logan me dá um beijo cuidadoso na testa, sem ter feito uma pergunta que fosse sobre como matei o cara na minha casa. Tudo o que importa para ele é eu estar viva e o cara morto. Os detalhes parecem irrelevantes, como se eu fosse a prioridade indiscutível.

Quando ele olha para mim, parece torturado pela culpa.

“Não é culpa sua”, digo, sabendo que meu rosto machucado é o motivo por trás de seus olhos em geral brilhantes estarem opacos.

Meus machucados são apenas superficiais. Sobrevivi a coisa muito, *muito* pior.

“É culpa minha, sim. Mas ninguém vai te tocar de novo, Lana.”

Seus lábios encontram os meus e eu retribuo o beijo, decidida a lidar com Hadley depois.

Quando se afasta, Logan olha para um homem e uma mulher que chegam de SUV e não saem do veículo.

“Deem uma carona pra gente. Vamos passar a noite em um hotel”, Logan diz.

“Minha bolsa está...”

“Posso pagar uma diária de hotel”, ele me interrompe, sem sequer me olhar.

Meus lábios tentam se retorcer em um sorriso, mas eu não deixo, sabendo que alguém que passou pelo que acabei de passar não sorriria com o namorado bancando o macho alfa logo em seguida. Espera-se que eu me comporte de maneira calma e tímida.

“Subam”, a mulher diz.

“Alguém precisa analisar a cena”, o cara diz.

Os dois não parecem muito preocupados, ou são estranhamente reservados quanto à sua curiosidade.

“Ele morreu. Não tem cena.”

“Morreu?”, a mulher pergunta, surpresa, então estreita os olhos. “Eu queria ter matado ele.”

“Vou tirar uma semana de folga”, Logan anuncia. “O caso está encerrado. Hadley foi atacada. Lana foi...”

“Hadley?”, o homem e a mulher repetem juntos.

“Ela está com um hematoma”, Logan explica. “Não tenho todos os detalhes e no momento nem sei se seria capaz de suportar. Donny vai se encarregar de tudo. Vocês podem voltar depois de deixarem a gente.”

Ele se senta no banco de trás ainda me carregando no colo. Continuo ali e sinto os olhos pesarem. Com toda a adrenalina circulando pelo meu corpo, quase esqueci que faz mais de vinte e quatro horas que não durmo.

Agora me sinto acabada, derrotada pelo relógio mostrando as horas. Talvez já esteja mais perto de quarenta e oito horas que de vinte e quatro. Ficamos um tempo no escritório de Logan. Já era quase meio-dia. Tinha acabado de escurecer quando cheguei em casa.

Agora são... Porra, minha vista está tão turva por falta de sono

que nem consigo enxergar o relógio direito. Não consigo ver as horas.

E não me importo.

Eles conversam enquanto o cara dirige. Logan os chama de Leonard e Elise.

"Hadley também foi para um hotel", alguém diz, e isso me desperta na hora. Elise. Elise diz. "Estava cansada demais para ir para casa e assustada demais."

"Que hotel?", Logan pergunta.

"Aquele novo, pertinho da gente", Elise diz. "Tem massagista lá. Certeza de que foi por isso que ela o escolheu."

"Leva a gente pra lá também. Depois vou checar como Hadley está."

Hadley ainda não disse nada. Se fosse contar tudo, já teria feito isso, não? Aparentemente, já falou com esses dois.

"Aquele outro caso deu o maior rolo de jurisdição", Leonard diz, voltando a me acordar. Sem perceber, eu tinha fechado os olhos.

"A polícia ficou disputando entre si. Duke argumentou que o assassino estava na jurisdição dele. A polícia local disse que o que importava era onde os corpos estavam enterrados."

"Sim, e a viatura foi chamada por causa dessa briguinha", Logan resmunga. "A noite de hoje poderia ter sido bem diferente."

Ele me abraça com mais força, e eu finjo estar dormindo.

"Foi um milagre ela ter pegado a faca. Hadley contou o que aconteceu. Mandou uma mensagem superlonga", Elise diz, baixo.

Sinto o corpo de Logan enrijecer. "Continuo achando que não estou pronto para saber."

Sinto o coração pulsando nos ouvidos.

"Ela brigou, Logan. Brigou pela própria vida. E valeu a pena. Pegou o cara desprevenido quando ele cometeu o erro. Ele morreu

pela própria faca. Simplesmente entrou nela. E eu que achava que essas coisas só aconteciam nos filmes...”

Meus lábios tremem, mas não digo nada. Se está espalhando a mentira entre seus amigos, Hadley vai guardar meu segredo.

Mas por quê?

4

A morte é algo assustador.
William Shakespeare

LOGAN

Tenho a impressão de que nem uma semana será suficiente. Não que eu vá conseguir tirar uma semana. Com sorte, tirarei alguns dias, independentemente de minha namorada quase ter morrido esta noite.

Meu estômago se revira só de pensar em tudo o que poderia ter dado errado.

Coloco Lana no chão somente quando entramos no quarto do hotel. Fazer o check-in foi um pé no saco, porém Lana tirou a carteira do meu bolso e entregou à mulher bastante curiosa do outro lado do balcão o que ela havia pedido.

Dá para ver que a ficha dela ainda não caiu. Ela está calma demais. Quero estar presente quando isso acontecer.

Lana matou um homem. Um homem quase a matou.

E é tudo culpa minha.

Ela se encolhe na cama, a exaustão fazendo seus olhos pesarem.

Assim que fico só de cueca, eu me junto a ela, grato por permitir que a toque. Se ele...

Não posso ficar pensando em tudo o que poderia ter dado errado. Hadley é uma agente treinada e nem ela conseguiu ir para

casa sozinha. Veio para este hotel, onde alguém a ouviria caso gritasse por ajuda.

Lana deve estar à beira de um colapso. É uma pessoa comum, sem treinamento.

"Desculpa", digo em seu cabelo.

Ela faz "hum" e se aconchega em mim.

"Não foi culpa sua", murmura.

"Eu sabia que meu trabalho atrapalhava meus relacionamentos, mas nunca pensei que colocaria você em perigo, o que foi muita ingenuidade", digo baixo. Quando ela não responde, eu me pergunto se já pegou no sono.

Lana se vira para me encarar, lutando para manter os olhos abertos.

"Se você estiver tentando terminar comigo, depois que sobrevivi a um ataque do Bicho-Papão, é capaz de eu te encher de porrada."

Ela diz isso com um humor seco, mas a vulnerabilidade é visível em seus olhos.

"Eu deveria mesmo terminar. Mas sou egoísta demais para fazer isso", digo com sinceridade.

Lana roça os lábios nos meus, suspira e se aninha ainda mais em mim. "É exatamente como eu me sinto. Não consigo ficar sem você, mesmo achando que você merece coisa muito melhor."

Eu mereço coisa melhor? Ela foi atacada por um sádico sexual por *minha* causa. Ela foi atacada porque *eu* não liguei para a viatura para me certificar de que estava a postos. Lana poderia ter se machucado porque *eu* falhei com ela.

Não. Ela se machucou. Não tem nada de "*poderia*".

Os hematomas em seu rosto e o corte em seus lábios contam a história em alto e bom tom.

Recebo uma notificação no celular quando a respiração dela já

está regular e assisto ao seu sono, abraçando-a como se tivesse medo de que tudo fosse apenas uma ilusão. Preocupado que amanhã eu acorde e me dê conta de que tive um surto psicótico e passei a viver na minha cabeça, em um mundo no qual Lana sobreviveu.

Leio a mensagem de Craig.

CRAIG: Sua garota lutou a ponto de deixar marcas nele também. O legista disse que não deve ter sido fácil, considerando os músculos do cara. Ela é mais durona do que você pensa. Não fica se martirizando.

EU: Quando sua namorada quase morrer por causa de um serial killer que estava atrás de você, a gente conversa.

CRAIG: Boa. Como ela está?

EU: Acho que ainda não caiu na real. Mas agora está dormindo.

CRAIG: Por sinal, sei que você quer uma folga, mas… descobri algo importante.

EU: Puta merda. O quê?

Meu celular toca e Lana nem se mexe. Atendo com relutância.

"Então. A cidadezinha esconde o fato de que foi alvo de um serial killer dez anos atrás. Um sádico sexual, como nosso querido Bicho-Papão."

"É cedo demais pra brincar com isso", digo, seco.

"Verdade. Foi mal. Bom, nem os jornais mencionam o caso."

"E o que um serial killer tem a ver com a história?"

"Aí é que está: parece que pegaram o cara errado."

Eu me sento devagar, para não incomodar Lana. Outro dia, sairia do quarto, mas hoje não.

"Quê?"

"O Padrinho traçou o perfil de um cara de trinta e muitos ou quarenta e poucos anos, trabalhador braçal. Mas Leonard — sim, eu liguei antes pra ele — acha que não faz sentido. O cara era organizado e mostrava tendências psicopatas ao matar. As mulheres foram brutalmente agredidas *peri mortem*, *ante mortem* e *post mortem*. O cara fazia questão de acabar com os corpos."

"O que ele fazia?"

"Resumindo, retalhava os corpos com uma faca de serra, depois cravava pregos na testa. De início, principalmente depois da morte. Depois, antes. O canalha foi ficando cada vez mais sem coração."

"Um psicopata com tendências sádicas. E não um sádico sexual. Como se a ideia de sexo lhe viesse depois. E qual é a ligação disso com nosso assassino? Sei que é estranho ter outro serial killer da mesma cidade, mas não se trata de um caso de imitação. A motivação do nosso cara é vingança."

"Era o que eu estava dizendo. Acho que o Padrinho pegou o cara errado. Serial killers dificilmente formam família. Psicopatas dificilmente formam família. Noventa por cento dos criminosos não formam família, porque são incapazes de relacionamentos saudáveis e duradouros. O cara que prenderam era um pai amoroso de dois. E pai solteiro. A esposa morreu em um acidente de carro, cinco anos antes. As crianças nunca chegavam tarde na escola ou eram negligenciadas de alguma maneira. A defesa argumentou que o cara não poderia ser o assassino, porque passava todas as noites em casa com os dois, eles jantavam em família."

"Então por que o prenderam?"

"DNA. Encontraram o esperma dele nas cenas do crime."

"Pode não ser profissional, mas é incriminador."

"Ou brilhante. Quem gosta de controlar uma situação?"

"Narcisistas. Você acha que o assassino era um narcisista?"

“Não sei se porque o lance todo do Bicho-Papão acabou de acontecer, mas sim. Acho que era tudo o que você disse mais uma boa dose de narcisismo. Acho que o verdadeiro assassino armou pro cara. Por que alguém tão cuidadoso deixaria DNA assim? Pra completar: encontraram dois tipos de espermicida em cada vítima.”

“Mas espermicida sugere uso de camisinha. Pra que usar camisinha se ele ia deixar esperma pra trás?”

“Essas perguntas deveriam ter sido feitas dez anos atrás. Bom, o cara tinha dois filhos, que sofreram um acidente logo depois que o pai foi encontrado morto em sua cela.”

“Como assim?”, pergunto, confuso. “O que aconteceu?”

“Robert Evans morreu no dia em que foi condenado. O relatório do legista se resume a três palavras: ele se enforcou. De verdade, só diz isso. Duas noites depois, os filhos dele desapareceram.”

“Caraaaalho. Como?”

“Tive que fuçar muito para encontrar informações, porque eles foram mandados para um hospital a cinco cidades de distância. É um longo caminho a percorrer atrás de um médico, quando havia vários ali mesmo. Supostamente, foi um acidente de carro, mas o garoto de dezessete anos apresentava sinais graves de trauma sexual e, ouve só isso, tinha sido castrado.”

Engulo a bile que me sobe pela garganta. “É o cara que estamos procurando.”

“Seria de imaginar, mas, a não ser que ele seja um assassino zumbi, não é possível. O garoto morreu no hospital, depois de supostamente ter dirigido até lá com a irmã, apesar dos ferimentos. Se ele dirigiu desde Delaney Grove... Porra, não sei como não morreu só da perda de sangue. A irmã tinha sido espancada e esfaqueada várias vezes. Seu rosto estava desfigurado e ela tinha um pedaço grande de vidro enfiado no corpo. Também apresentava

sinais graves de trauma sexual, mas repetiu a história do irmão de que os dois haviam sofrido um acidente de carro. Foi registrado que eles estavam assustados demais para falar, e a menina morreu naquela mesma noite. Isso foi tudo o que consegui tirar de uma enfermeira prestativa sem um mandado."

Passo a mão pela cicatriz na lateral do corpo de Lana, coberta por suas roupas. Ela capotou e nem percebe meu toque. O comentário sobre o pedaço de vidro é incômodo, porque me lembra de que Lana já chegou perto de morrer duas vezes.

Vou colocá-la em uma bolha.

"Que bizarro. É tudo muito bizarro. Consiga os arquivos do caso. Por que nunca ouvi falar disso?"

"Não chegou a ser noticiado, porque tinha uma ameaça terrorista rolando ao mesmo tempo. Se pegaram o cara errado..."

"Então tem um serial killer à solta há dez anos, somando vítimas. E isso ainda pode ter desencadeado uma sequência de assassinatos por vingança. A ideia de fazer justiça com as próprias mãos é sempre um problema em cidades pequenas. Normalmente é o FBI quem transporta os presos, mas... por que as crianças? O quão doentia é essa cidade?"

"A filha tinha dezesseis anos. O filho já tinha recebido uma bolsa para estudar teatro em Nova York. Eles iam deixar a cidade em pouco tempo. Tenho certeza de que foi a cidade que colocou os dois no hospital. Por isso eles foram tão longe só para morrer. O garoto talvez sobrevivesse se tivesse sido atendido antes. Não foi o caso. Ele dirigiu até onde aguentou para chegar o mais longe possível de Delaney Grove. Não posso provar, mas meu instinto me diz que foi isso que aconteceu."

"Fale com as pessoas da cidade. Veja o que consegue descobrir."

Ele fica em silêncio. Por um longo tempo.

“Alguma chance de observadores inocentes serem atacados?”

“Pelo criminoso?”, pergunto.

“Isso.”

“Assassinos motivados por vingança sempre vão longe demais e começam a matar pessoas por infrações mínimas. Não tente transformar o cara em um herói. Ele pode matar monstros, mas também vai matar pessoas boas no processo. E ninguém tem o direito de decidir quem vive ou morre.”

Nem sei se estou inteiramente convencido das palavras que saem da minha boca. Se Lana tivesse morrido nas mãos de Plemmons, eu não pararia até encontrar o cara e mandá-lo para o túmulo.

Mas não digo isso em voz alta.

“Claro. Você tem razão. É só que... esses casos são sempre os mais difíceis.”

“A gente acaba sentindo empatia pelos assassinos quando entende seus motivos. Eu sei. Mas não se esqueça de que representamos a lei. Se todo mundo começar a matar quem lhe fez mal, logo vamos nos tornar uma espécie em extinção. Tem que ser alguém próximo da família. Vasculhe o passado deles. E o de Lindy. Ela era amiga do criminoso.”

“Pode deixar. Leonard já está trabalhando nisso. Elise está no mesmo hotel que vocês. Aparentemente, está todo mundo com medo de ir para casa depois que Plemmons atacou Lana e prendeu Hadley em um armário.”

Minha mão aperta o quadril de Lana com mais força, por instinto, e ela se mexe um pouco.

“Vou dormir um pouco. Preciso tirar pelo menos alguns dias de folga, falando sério. Preciso de dias seguidos de sono.”

“E sexo”, ele completa.

Reviro os olhos e desligo, aconchegando-me às costas de Lana,

que fica mais perto automaticamente, embora ainda durma. Ela não está gritando ou se revirando. Tem um sorrisinho nos lábios, como se estivesse tudo bem com o mundo.

Só posso agradecer por esse pequeno milagre.

Lana é forte pra caralho. Fiquei esperando que surtasse, mas ela me impressiona mais a cada segundo que passa.

"Te amo", Lana diz, apesar de ser a confissão de uma mulher dormindo.

Ainda assim, sinto um calor no peito, e é como se fios elétricos percorressem minha pele.

Eu me inclino para beijar sua bochecha e sorrio quando ela suspira. Ainda que eu preferisse me manter acordado a tirar os olhos dela por um momento que fosse, os longos dias finalmente cobram seu preço, e eu pego no sono com Lana em meus braços.

5

A desconfiança sempre assombra a mente culpada.
William Shakespeare

LANA

"Você está sério", digo a Logan, e sorrio quando ele assente, plenamente confiante.

"Então tá", digo, com um suspiro, e pago para ver, empurrando todas as minhas balas em sua direção. "Me mostra o que você tem aí."

Logan sorri antes de baixar as cartas. "Um flush. Pode chorar."

É o sobe e desce de suas sobrancelhas que me faz rir. Logan fica fofo assim, todo competitivo.

"Antes que você se anime demais..."

Baixo minhas próprias cartas, e a expressão dele se altera no mesmo instante. Rio com ainda mais vontade enquanto ele olha para meu royal flush sem conseguir acreditar.

"Mas... mas... mas..."

Pego as balas todas para mim, e Logan me ataca de repente, me derrubando na cama enquanto ainda estou rindo. Seus lábios encontram a curva do meu pescoço, e eu sorrio enquanto ele me beija bem ali.

"Você está roubando, só não sei como", Logan diz no meu pescoço.

“Só sou boa em conter minhas expressões”, digo, enlaçando sua cintura com as pernas.

Faz três dias que o tenho só para mim. Dizem que o tempo cura todas as feridas, mas não é verdade. Para esquecer a raiva, só se apaixonando. Se não fosse por meu irmão e meu pai, eu poria um fim à minha busca por vingança.

A imprensa está cercando minha casa, o que é um problema. Jake teve que entrar escondido para verificar se ninguém mexeu no meu quarto secreto. Felizmente, ninguém sabe que tenho um quarto escondido em outro quarto.

Craig foi buscar minha bolsa e algumas roupas para mim. Ele teve que levar tudo para o trabalho — e soltou os cachorros para cima de Logan por ter pedido isso, porque agora estava todo mundo tirando sarro dele por ter chegado de bolsa. Até a revistaram na entrada, enquanto ele aguardava na fila, aparentemente fervilhando de raiva.

Achei tudo muito engraçado, claro.

Então ele entregou a bolsa para Elise, que a enfiou dentro de sua mala, o que deixou Craig puto por não ter pensado em fazer o mesmo. Ela trouxe a bolsa e minhas roupas, para que a imprensa não descobrisse onde estou.

Fora que uns paparazzi tiravam fotos de Craig carregando minha bolsa. Às vezes fico impressionada com as coisas que despertam o interesse da imprensa.

Eu também odeio a imprensa. Porque dificulta que eu avance com a minha lista.

Quando as coisas se acalmarem, vou ter que agir mais rápido. Meu rosto machucado foi publicado em todos os jornais, e todo mundo quer entrevistar a mulher que matou um homem que até então vinha conseguindo escapar da polícia.

Pois é. Não pensei direito antes de agir. Ser a mulher que matou o pior pesadelo de uma mulher me tornou uma celebridade sem querer. E ser uma celebridade não é nada legal quando você é uma serial killer que precisa passar despercebida.

Logan é praticamente uma sombra costurada em mim, como em *Peter Pan*. Não que eu esteja reclamando. Eu poderia me acostumar a tê-lo o tempo todo.

Seu celular toca, e ele geme, ainda em cima de mim, então estica o braço para alcançá-lo. Minhas pernas continuam envolvendo sua cintura, mantendo-o no lugar mesmo quando ele atende.

"Bennett."

Sua testa se franze e Logan sai de cima de mim. Assim que desenlaço minhas pernas, ele se levanta de vez.

"Quando?" Logan fecha os olhos, seus lábios uma linha fina. É assim que eu sei que vai ter que ir. "Tá. Não deixa tocarem em nada. Vou ver se Hadley dá conta e chego o mais rápido possível."

Ele desliga e exala devagar, enquanto seus olhos me avaliam. "Preciso falar com Hadley, para ver se ela consegue voltar ao trabalho. Encontramos outros dois corpos deixados por um dos caras que estamos investigando."

Meu corpo gela. Lawrence e Tyler finalmente foram encontrados. Os corpos já devem estar em decomposição a esta altura.

"Eu falo com ela", sugiro, voltando a me deitar na cama. "O lance com o Bicho-Papão meio que aproximou a gente."

Logan fica só me olhando por um longo minuto. "Tem certeza de que *você* está bem? Não falamos muito sobre o que aconteceu."

Assinto, séria. "Não é como se eu já tivesse esquecido, mas estou lidando com isso melhor do que imaginava."

Minha resposta pode ser meio enganosa, mas não chega a ser mentira. Não no sentido convencional. Estou lidando com as

consequências melhor do que imaginava, porque ele não parece desconfiar de nada. Parece apenas aliviado por eu não estar inconsolável.

"Você é incrível", Logan diz, tocando meu queixo antes de me dar um beijo.

"Eu já estava querendo falar com Hadley mesmo", digo, para garantir que terei tempo de esclarecer as coisas com ela antes que os dois fiquem a sós no carro.

"Tá bom. Claro. Só me avisa se ela está pronta pra voltar ao trabalho e, se estiver, me avisa quando a conversa terminar."

Eu me levanto e enlaço seu pescoço para puxá-lo para um beijo. Logan não me solta, sua pegada exigente e forte. Amo estar em seus braços, sentir que há segurança em algo assim simples.

"Vou correr", digo nos lábios dele.

Ele agarra minha bunda, sem dó, e me dá uma piscadela antes de ir para o banheiro.

Meu sorriso desaparece no segundo em que Logan fecha a porta.

Tenho adiado isso, a preocupação com Hadley. Ainda me pergunto por que ela não contou para ninguém.

Visto uma roupa e dou uma espiada no corredor, porque podem ter descoberto onde estamos. Quando confirmo que está vazio, ando a passos rápidos até o fim do corredor, respiro fundo e bato na porta.

Ela abre imediatamente, e eu engulo em seco ao me ver diante do cano de uma arma.

"Eu estava te esperando", Hadley diz, olhando além de mim.

Ela recua um passo, mas continua apontando para mim enquanto entro, depois fecha a porta. Fico a uns sessenta centímetros da arma, preparada para agir se vir seu dedo se coçando no gatilho.

“Na verdade, achei que você fosse vir bem antes”, Hadley diz, sem tirar os olhos de mim, como se aguardasse uma desculpa da minha parte.

Procuro manter a calma e encará-la com o máximo de frieza possível.

“Logan quer saber se você pode voltar para o trabalho. Ele está esperando sua resposta.”

“Não finge que foi pra isso que você veio”, ela diz, em um tom cortante.

“Por que não contou a Logan quem sou?”

Hadley recua devagar, então faz sinal para que eu me sente na cama mais próxima da porta. Obedeço a mulher que está apontando uma arma pra mim e me sento. Ela recua mais um pouco e se senta na minha frente, na outra cama, sem baixar a arma.

“Não vim machucar você”, digo, e uma risada escapa dela.

“Prefiro julgar isso sozinha. Quanto à outra pergunta: não contei porque você disse ao Bicho-Papão que o estava matando para proteger Logan. Você não fazia ideia de que eu estava lá, claro, então não pode ter sido fingimento. Acho que você acredita mesmo que ama Logan.”

“Eu amo Logan”, retruco imediatamente, então faço uma careta. Não tinha intenção de dizer isso a ela antes de dizer a ele.

Hadley ergue as sobrancelhas. “Psicopatas não são capazes de amar. Só de imitar.”

“Acha que sou uma psicopata? Tipo, eu brinco a respeito, mas não sou o significado literal da palavra.”

“É mesmo? O que vi me deu outra impressão.”

Eu me inclino para a frente e Hadley leva a outra mão à arma.

“Calma”, digo, mostrando uma palma para ela. “Só estou me

ajeitando. Você está me rotulando sem saber nada a meu respeito. Quem traça perfis deve mergulhar no passado."

"Não traço perfis. Sou especializada em perícia e um gênio da tecnologia. Sei o que vi. E vou contar pro Logan. Só queria que você soubesse primeiro, porque matou meu pesadelo e me salvou do Plemmons. Estou retribuindo o favor."

Lágrimas se formam em meus olhos, e a primeira rola por minha bochecha. Todo o ar deixa meus pulmões, e meu corpo parece mergulhado em uma banheira de gelo.

Hadley inclina a cabeça, me observando. Enxugo uma lágrima.

"Então me dá cinco minutos de vantagem", digo, baixo.

Começo a me levantar, e a arma me acompanha, ainda apontada para a minha cabeça.

"A arma é a única coisa que te impede de me matar agora", Hadley diz, do nada.

Eu me viro tão rápido que a ouço soltar o ar em surpresa, então arranco a arma de sua mão e a desmonto em menos de dois segundos. Jogo as partes na cama, me sentindo destruída, derrotada.

"Não. O que me impede de te matar é que você não merece morrer", digo, enquanto Hadley vai um pouco mais para trás. "Armas não me assustam."

"Mas perder Logan te assusta", ela diz, baixo, e parece engolir em seco.

"Há duas pessoas que amo. Um é como um irmão. E o outro é a primeira pessoa por quem me apaixonei. Então, sim, perder Logan me assusta."

"Assassinos motivados por vingança são fruto de um surto psicótico. Eles perdem de vista seus objetivos iniciais e sua moral

fica nebulosa. A vingança é seu único foco, e qualquer coisa ou qualquer pessoa que a atrapalhe se torna um dano colateral."

"Você está traçando meu perfil logo depois de dizer que não é sua especialidade. É melhor não mudar de área. Você não sabe nada sobre mim ou do que sou capaz."

Quando eu me viro para ir embora, ela grita: "Espera! Era um teste".

Confusa, eu me viro. Hadley se levanta, um pouco trêmula.

"Posso remontar minha arma? Já vi que você é capaz de me desarmar, mas ela ainda faz com que eu me sinta melhor, depois de ver você com Plemmons."

"Por que não usa a que você tem embaixo do travesseiro?", digo, e seu rosto empalidece.

"Como você...?"

"Você passou por bastante coisa na última semana. Faz sentido dormir com uma arma embaixo do travesseiro, se precisa se sentir segura. E é claro que você não tem só a arma do trabalho. Preciso de pelo menos duas para me sentir segura em momentos de vulnerabilidade."

Hadley solta um suspiro vigoroso antes de tirar a arma de baixo do travesseiro. Volto a me sentar, de frente para ela, mantendo a distância necessária para desarmá-la novamente caso haja necessidade.

Dessa vez, ela não aponta a arma para mim.

"Começa pelo início. Explica o que pode ter te transformado nisso", ela diz, abarcando meu corpo com um gesto.

"Eles me transformaram nisso", digo, baixo. "Arrancaram minha alma e me deixaram sem nenhuma empatia pelos monstros do mundo. Não sou uma psicopata. Sei diferenciar mentira e verdade. Realidade e ilusão. Na verdade, não tenho ilusões."

“Não encontramos nada naquela cidade que apontasse para esse nível de violência.”

Eu me inclino para a frente. Dessa vez, ela não reage. “Então precisam ir mais fundo.”

“Me conta. Não vou decidir o que fazer até você me explicar o que seria capaz de transformar uma pessoa em uma assassina tão fria a ponto de não hesitar em matar Plemmons. Você queria torturar o cara.”

“Como ele torturou tantas mulheres. Não acha que a morte seria uma saída simples demais?”

Ela me olha como se fosse uma mulher sem cicatrizes, ainda que eu saiba muito bem que as tem.

“Tá. Se você quer saber, eu conto. Mas não pode contar pra sua equipe. Eles vão ter que descobrir sozinhos”, digo.

“Por quê?”, ela pergunta. “Por que não quer que eles saibam?”

“Porque quero que a cidade confesse os pecados que encobriu”, explico com amargura.

“Me prova que não vai machucar ninguém inocente e eu fico quieta. Me conta tudo.”

“Eu poderia ter te matado várias vezes, Hadley. Desde que foi à minha casa e me acusou de ter roubado a identidade de Kennedy.”

“Por que você roubou a identidade dela?”

“Para sobreviver”, digo, baixo.

Seus lábios ficam tensos, mas ela faz um sinal que indica que quer ouvir o que tenho a dizer. Ela precisa saber que não se trata de um surto psicótico. Precisa saber que, apesar da maneira brutal como mato, continuo no controle da minha mente.

Então eu conto. Começo pelo início, falando sobre meu pai. Sobre como ele morreu. Sobre como funciona a justiça nas cidades pequenas. Revelo todos os detalhes doentios e perversos, até que

ela fica branca, pega o cesto de lixo e vomita nele, perdendo a batalha pelo controle de seu estômago.

O vômito não me incomoda, então eu continuo. Conto sobre Marcus, sobre a beleza que roubaram dele. Sobre como o destruíram em suas últimas horas de vida.

Conto como ele estava tão desesperado para salvar minha vida que sacrificou a sua, afastando-se o máximo possível de Delaney Grove, enquanto pressionava o corte.

Falo sobre Jake, sobre como o pai dele era advogado do meu pai e seu melhor amigo. Sobre como provamos repetidamente que meu pai não podia ser culpado pelos assassinatos que recaíam sobre ele. Conto sobre como Christopher Denver foi expulso da cidade por tentar salvar a vida de um homem inocente.

Conto que Jake conseguiu fugir antes que a cidade pudesse se voltar contra ele, porque precisava se manter inocente, pelo meu bem. Pelo bem da justiça, e não apenas da vingança.

Conto sobre Lindy e o que Kyle fez com ela. Conto que até seu marido preferiu acreditar em um estuprador a acreditar na própria esposa, aterrorizada. Falo sobre Diana e o modo como ameaçaram seu filho para mantê-la em silêncio. Conto todos os detalhes sombrios que a cidade acobertou. Revelo cada segredinho sujo, finalmente.

E enquanto eu me sinto livre sabendo que alguém mais sabe a verdade, Hadley me passa a impressão de que nunca vai se recuperar.

Pelo menos a poupei de um detalhe.

O nome do homem que terá a morte mais dolorosa de todas.

O homem que derrubou o primeiro dominó da sequência naquela época.

Ficamos em silêncio por vários minutos. Verifico o telefone.

Logan está sendo paciente, apesar da pressa. Nenhuma mensagem.

"Como você sobreviveu?", Hadley pergunta em um sussurro áspero. Volto a encará-la e percebo que lágrimas rolam por seu rosto. Já eu não tenho mais lágrimas para essa história. Já derramei todas.

"Ninguém sabe", digo, sincera. "Mas minha mãe sempre acreditou em anjos vingadores. As últimas palavras de Marcus foram que voltaríamos como anjos vingadores e faríamos com que eles pagassem. Juntos. Mas ele não voltou."

Minha voz falha na última parte, mas eu me forço a reprimir a emoção. "Jake assumiu seu lugar. Ele amava meu irmão mais do que apenas um amigo, mas sempre ficava preocupado demais com o que a cidade diria ou faria se soubesse do relacionamento dos dois. Esse é seu maior arrependimento."

Hadley enxuga mais algumas lágrimas, depois passa a mão pelo cabelo.

"Não vou contar ao pessoal", ela diz afinal. "A menos que alguém inocente acabe sendo envolvido, te devo o meu silêncio. Você salvou a vida de inúmeras crianças dando fim ao monstro que eu deixei solto. Salvou várias mulheres, incluindo eu, e talvez até Logan, de Plemmons. Até que seu surto psicótico venha, vou ficar quieta."

É mais do que eu esperava. Sinto que uma bigorna foi tirada de cima do meu peito.

"Eu treinei para me proteger de um surto psicótico. Eles me transformaram na casca de uma pessoa. Agora uso isso contra eles. Minha mente continua inteira, mesmo que minha alma não esteja."

"Como?", ela pergunta, confusa. "Como é possível treinar para se proteger de um surto psicótico?"

"Treinando todas as formas de arte marcial possíveis. Jiu-jítsu,

caratê, esgrima, taekwondo, bokator, krav maga... Você sabe. Tenho faixa preta em várias formas de luta. Sem mencionar meu treino com armas, incluindo facas. Toda forma de luta ou treinamento ensina a disciplinar a mente. Ensina controle. Torna qualquer um mais forte mental, física e emocionalmente."

Hadley enxuga outra lágrima, depois puxa o ar.

"Então vamos torcer para isso te manter sã a ponto de chegar ao fim sem machucar alguém que não mereça se machucar. Não sei se consigo lidar com mais culpa."

Faço menção de ir embora, mas me viro para encará-la. "Você tentou contar, quando era pequena. E as pessoas para quem contou falharam com você. Falharam com aquelas crianças. Convenceram sua mente jovem e impressionável a acreditar que era tudo invenção. Tudo o que aconteceu desde então não é culpa sua. É culpa deles. Essas pessoas podem não merecer morrer por sua falha, como ele merecia, e coisa pior, mas elas merecem viver com a culpa. Ligue pra sua mãe. Passe o fardo pra ela carregar. Ligue pra terapeuta e conte os detalhes mais sórdidos dos pecados dele. Ligue para a delegacia que ignorou os gritos de uma criança sofrendo. Eles merecem carregar o peso da culpa. E não você."

Eu a ouço respirando fundo enquanto me viro para sair.

"Como você conseguiu arrastar o filho da puta gigantesco do porão e morro acima?"

A pergunta é tão aleatória que me faz sorrir. "Sou mais forte do que pareço", digo, olhando por cima do ombro. "Mas não foi fácil."

Seu sorriso frágil diante do meu humor mórbido é quase uma oferta de paz. Não vamos nos tornar melhores amigas nem nada do tipo, mas chegamos a um acordo.

"Diz pro Logan que estarei pronta em cinco minutos", ela pede.

Assim que saio, mando uma mensagem para Jake.

EU: Te ligo em vinte minutos. Precisamos ajustar a programação. Estou atrasada.

6

Para praticar um grande bem, cometa um pequeno mal.
William Shakespeare

LOGAN

Não podemos ficar no porão, porque o cheiro dos dois cadáveres apodrecendo está impregnado no ar.

"Ele está ficando mais ousado, matando dois de uma vez só", Elise diz, quase vomitando mesmo inspirando o ar limpo do andar de cima. "E fazer um assistir ao outro é mais uma forma de tortura."

Os corpos foram tirados das correntes e levados depois que vimos a cena, mas o ar continua tóxico. Hadley está com o legista, talvez munida de um cesto de lixo para vomitar.

O fedor é avassalador.

"Ele deixou os outros em casa, para serem descobertos logo. Por que a mudança? Ele correu risco sequestrando um e trazendo-o de Nova York até a Virgínia Ocidental", Leonard diz, lutando contra a própria náusea.

É difícil analisar a cena lá embaixo. Serão necessários dias de ventilação para que seja tolerável ficar ali.

"Ele está chegando perto do fim, e é evidente que os dois o irritaram. Mas não se vê sinais de raiva", digo, distraído.

O nome de Hadley surge na minha tela. Atendo o celular e coloco no viva-voz.

“O que descobriu?”, pergunto.

“Bom, as bocas foram costuradas, como vocês sabem, e quando as abrimos encontramos os pênis ausentes.”

Leonard faz que vai vomitar e se vira. Sinto meu estômago se revirar também.

“É... uma intensificação, sem dúvida”, Elise diz, com a perna engessada e uma tipoia no braço. Ela continua recusando a cadeira de rodas e se esforça para se virar com as muletas.

“O pior nem é isso”, Hadley prossegue. “Tirei amostras de sangue das bocas e... Tyler era O+ e Lawrence era AB+. Encontrei sangue O+ na boca de Lawrence e AB+ na boca de Tyler.”

“Espera, você está dizendo que ele botou o pau do Tyler na boca do Lawrence e vice-versa?”, Donny pergunta, e sua pele empalidece de maneira preocupante.

“Sim, é exatamente o que estou dizendo.”

“Não sei dizer se o cara está evoluindo ou involuindo”, Elise comenta.

“Só pode ser um surto psicótico, se ele está se dedicando mais à tortura”, Leonard diz, com uma careta.

“Não”, digo, depois de pensar. “Esses dois fizeram algo recentemente que irritou o criminoso. Não encontramos imagens, mas pelas cobranças no cartão de crédito de Tyler sabemos que ele foi a Nova York nos últimos dias. Talvez os dois tenham se encontrado para discutir a morte dos outros, mesmo que a notícia ainda não tivesse sido divulgada nos jornais. O criminoso pode ter seguido os dois e ouvido a conversa, e isso pode ter levado à morte conjunta e ao agravamento da tortura.”

“Ainda estamos falando de um surto psicótico”, Donny argumenta.

“Não. Para afirmar isso precisamos encontrar sinais de raiva nas

mortes. A tortura é uma punição. Para prolongar as mortes. O assassino tem como alvo quem lhe fez mal, e ele os pune de acordo com isso, pelo menos em sua lógica. Quem ultrapassar um limite vai ser punido mais duramente que os demais."

Fico em silêncio por um momento, deixando que eles reflitam a respeito enquanto me perco em pensamentos.

"Precisamos de mais informações sobre o serial killer, Robert Evans", digo a Donny.

O ruidinho estrangulado que Hadley produz do outro lado me lembra de que ela continua na linha.

"Tudo bem aí, Had?"

"Tudo. Tudo. Tudo bem", ela se apressa em garantir.

"Vê o que mais você consegue descobrir a partir dos corpos. Me manda o relatório final por e-mail. E liga se algo chamar sua atenção."

"Combinado."

Ela desliga, e Donny franze a testa. "Hadley anda meio esquisita."

"O padrasto abusou dela quando pequena, Hadley foi convencida de que era tudo invenção e outros morreram depois que ela fugiu. Fora que quase foi vítima do Plemmons. Hadley tem todo o direito de andar meio esquisita", eu o lembro.

"E Lana, como está?", Craig me pergunta, quando começo a mandar uma mensagem pelo celular.

"Bem melhor do que poderia se imaginar. Ela é muito mais durona do que eu pensava."

"Que bom. Fiquei preocupado. Eu me lembro da primeira vez que tive que atirar em alguém. Foi por isso que escolhi essa área: para não precisar usar de tanta violência."

Faço que sim com a cabeça, porque entendo o que ele quer dizer. As primeiras duas vezes foram difíceis para mim, mesmo sabendo

que eu estava salvando várias pessoas ao matar dois monstros. Essa consciência não aliviava meus pesadelos. Felizmente, os sonhos de Lana não parecem assombrados pelas lembranças. Ela é forte pra caralho, nem dá pra acreditar.

Isso só faz com que eu a ame ainda mais.

"Prepare uma ida a Delaney Grove. Vão se lembrar do assassino se entrarmos em detalhes quanto aos dois adolescentes mortos."

"Nada é mencionado nos boletins de ocorrência", Craig diz, baixo. "A cidade tenta agir como se aquela família nunca tivesse existido. O legista que escreveu aquela merda sobre Robert Evans ou está morto, ou se fazendo de morto. Ninguém retorna as ligações."

"Mais um motivo para ir lá pessoalmente."

Ele assente.

"E passe o perfil para a imprensa. Mencione que algo traumático pode ter acontecido com os filhos e incomodado um amigo próximo ou parente."

"Eles não têm parentes vivos. Eram só os três. E os únicos amigos eram o advogado do pai e o filho", Donny aponta.

"Vamos falar com os dois, mas continue procurando. Lindy May era uma amiga. Tenho certeza de que havia outros e só não sabemos."

Craig faz que sim outra vez com a cabeça. Sigo para o meu carro, mandando mensagem para Lana no caminho.

EU: Talvez eu chegue tarde.

LANA: Talvez eu precise viajar a trabalho ainda hoje. Tenho adiado e deixado tudo na mão do meu sócio. Sem o Bicho-Papão, não corro mais risco.

EU: E a imprensa?

LANA: Eles ainda não sabem do hotel, e minha viagem é pro Kentucky.
Vou em um carro alugado, só pra garantir.

EU: Vou ficar com saudade. :(

LANA: Volto amanhã cedinho. <3

Deixo o celular de lado, odiando minha possessividade. Quero mantê-la trancada e sob meu controle sempre que possível. É egoísmo. É ridículo. E é meio criminoso.

"Apareceu outro corpo deixado pelo stalker noturno", Donny diz, com um suspiro pesado. "Juro que esses caras combinam de matar ao mesmo tempo pra gente não conseguir acompanhar."

Ele me passa o iPad com as fotos, e algo chama minha atenção. Não a foto, mas as anotações. Traços de pelo de tigre-siberiano. "Sei quem é o assassino", digo, pegando o celular. "Liga pra polícia e manda prenderem o irmão da primeira vítima. Desconfiei dele, mas descartaram a possibilidade. Agora tenho certeza. Ele é taxidermista. Trabalha com animais exóticos."

"Puta merda", Donny sibila, já pegando o celular enquanto eu corro para o meu SUV.

Adoro quando os caras facilitam o trabalho. Também estou um passo mais próximo de pegar o assassino de Delaney Grove.

Hadley liga assim que chego ao carro, e eu atendo, apoiando o celular entre o ombro e a bochecha enquanto dou a partida e Donny se senta no banco do passageiro.

"Descobriu alguma coisa?"

"Mais ou menos. O legista encontrou um prego no estômago de Lawrence. Ainda não sei o que significa, mas achei que valia a pena mencionar", ela diz.

“Claro, mas não sei o que pode significar. Acabamos de descobrir quem é o stalker noturno e estamos a caminho da Pensilvânia.”

“Lembra que você disse que conheceu Lana em um café aonde não costuma ir?”, Hadley pergunta, do nada.

Uma estranha mudança de assunto. “É. Por quê?”

“Me conta de novo como foi.”

Dou uma risadinha. “Tá... Craig foi dar em cima dela e levou um fora. Paguei pelo que Lana tinha consumido sem ela saber. Lana ficou puta por eu fazer algo legal só porque tinha achado graça, e eu dei meu cartão a ela. Não achei que fosse dar em nada, mas disse para Lana me ligar, porque os cinco minutos que passei com ela tinham sido suficientes para que eu quisesse saber mais. Quando Lana finalmente ligou, percebi que ela era... tudo o que eu não sabia que queria.”

“Então você que abordou Lana. E meio que perseguiu ela.”

“Sim, fui eu”, digo, sem entender aonde Hadley quer chegar.

“E o caso... Você contou detalhes sobre o Bicho-Papão. Você sempre compartilha detalhes dos casos?”

“Da primeira vez deixei escapar, e ela acabou ajudando a identificar o cara. Depois Lana se tornou um alvo, e eu a mantive informada como faria com qualquer alvo. Lana prefere que eu não conte nada, porque não gosta que eu quebre as regras por ela. Respeita minha posição e não quer que eu me meta em encrenca.”

“Então ela nunca pede detalhes de outros casos?”, Hadley pergunta, sem esclarecer nada.

“Não. Por quê?”

“Por nada”, Hadley diz, com um suspiro pesado. “Você sabe que desconfio de todas as mulheres com quem você sai e dos motivos delas. Lisa usou seu nome para ser promovida. Ainda não gosto dela.”

É difícil não rir disso.

"Olha, Lana é incrível, Hadley. Tem compaixão, é compreensiva, atenciosa e se importa de verdade. É mais do que eu pensei que teria, considerando minha profissão. Lana também é superindependente e inteligente. Se estivesse me usando, eu saberia. Ela não tem nenhum interesse em trabalhar para o FBI, ainda que eu ache que seria ótima traçando perfis."

"Tá. Você tem razão. Desculpa. Preciso ver umas análises laboratoriais aqui. A gente se fala depois?"

"Claro. Me avisa se encontrar mais alguma coisa esquisita, como um prego no estômago."

"Um prego no estômago?", Donny pergunta, atrás de mim.

"Lawrence Martin tinha um. Por quê?", pergunto.

Ele balança a cabeça. "Parece familiar. Só não consigo lembrar por quê."

Como eu, Donny foi recrutado ao sair da faculdade. Faz só seis anos que está conosco, mas trabalha para o FBI há onze.

"Até mais tarde", digo a Hadley.

"Fui!"

Reviro os olhos e desligo o telefone. Pelo menos Hadley já está mais parecida com ela mesma. Intrometida e excêntrica.

Donny parece perdido em pensamentos, enquanto desenha um prego. É o que ele faz quando está tentando se lembrar de alguma coisa.

"Você acha que o cara já usou pregos antes?", pergunto.

"Não", ele diz imediatamente. "Mas acho que já ouvi essa história. De pregos no estômago. É uma técnica de tortura brutal. Vai rasgando a pessoa por dentro, até perfurar o estômago. Sem mencionar o que acontece caso eles consigam passar. Mas um único prego? Significa alguma coisa."

“Lawrence era filho de um policial de Delaney Grove. Ele saiu da cidade cerca de dez anos atrás. Vários deles saíram. E foram bem-sucedidos. Nunca deram sinais de violência e pareciam ter a consciência limpa. Sem as espirais autodestrutivas das mentes torturadas pela culpa.”

“Então você acha que eles são alvos, mas não desempenharam um papel no que aconteceu naquela noite?”, Donny pergunta.

“Não sei. Só estou traçando o perfil dos caras. É o que eu faço.”

Ele baixa a cabeça, voltando a seu desenho de prego para reforçar os traços de novo e de novo.

Vamos entender o que aconteceu e vamos parar o cara. É o que fazemos.

Uma hora, o bem vence o mal, porque o mal sempre trabalha só.

7

O diabo é capaz de citar as Escrituras para seus próprios fins.
William Shakespeare

LANA

Em uma semana, risquei dois nomes da minha lista. Estamos chegando mais perto. Jake está muito preocupado.

Acelerei a programação e comecei a esconder os corpos. Mudei meu modus operandi. Também comecei a acrescentar os pregos, algo que eu não planejava fazer até mais para a frente.

Também há mais pregos na minha maçã de cera, para marcar as dívidas cobradas. E minha sala do crime foi transferida para a casa de Jake.

A imprensa perdeu o interesse em mim depois que Craig passou o perfil do Assassino Escarlate. Sim, a imprensa me deu um nome. Jake acabou conseguindo o que queria.

É irônico que tenham perdido o interesse na heroína em mim em favor do meu lado sombrio. E mostra como esse mundo pode ser feio e pervertido.

"Odeio a velocidade com que estamos riscando nomes", Jake murmura quando risco o nome da última vítima.

"Dois em uma semana não é rápido demais. Eu pretendia arrastar as coisas, mas estou cansada. Quero terminar logo com isso."

“Por causa de Logan?”, ele pergunta, me avaliando de seu assento.

“Sim e não. Estou cansada de ficar presa ao passado e de não ser capaz de deixar tudo para trás. Você não?”

Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos braços da cadeira. “Me diz uma coisa, Lana. O que acha que vai acontecer quando tudo terminar, mesmo que a gente sobreviva? Acha que ele não vai descobrir? Que vocês vão seguir rumo ao pôr do sol, o agente do FBI e a assassina? Quero saber o que você pensa, de verdade. Por mim tudo bem pararmos por aqui e seguirmos em frente da melhor forma possível. Acho que seria a única maneira de você conseguir ficar com o cara, se esse for mesmo seu objetivo.”

Meu lábio treme, e eu pigarreio. “Parar agora seria errado. Marcus e meu pai... Eles continuam mortos e assombrados pelo modo como morreram.”

Ele se recosta, sem tirar os olhos de mim. “Às vezes acho que consigo sentir Marcus. É como se ele estivesse bem aqui, do nosso lado, impedindo que sejamos descobertos. Outras vezes acho que isso é ridículo e que nossa sorte vai acabar.”

“Você quer parar?”, pergunto, baixo, me sentando na beirada da mesa dele.

“Sinceramente? Não. Quero matar todos eles pelo que fizeram. Quero que sofram. Mas não é justo eu esperar isso quando parece que você finalmente está melhorando. E é tudo por causa de Logan. Ele te devolveu algo que você tinha perdido.”

“O quê?”, pergunto, enquanto Jake vai para o outro lado do cômodo pegar algo para beber no frigobar.

“Seu coração”, Jake diz, me encarando com tristeza nos olhos.

“Você pode seguir em frente”, digo, dando de ombros. “Marcus ia

querer isso."

"Por enquanto, prefiro continuar com meus casinhos tórridos, sem qualquer ligação emocional", ele diz, com um sorriso frágil no rosto.

"Sempre que acho que posso dar as costas vejo tudo acontecendo de novo assim que fecho os olhos", digo com um suspiro longo e pesado. "Às vezes, acho que morri e que sou mesmo o anjo vingador que meu irmão disse que seríamos."

É como se esse fosse meu único propósito na vida.

"Talvez você seja", Jake concorda. "Mas talvez você tenha o direito de trocar a vingança pela esperança."

"Então por que sempre que penso em parar tenho pesadelos?"

A tensão é visível em seus lábios.

"Pois é", digo, abarcando o cômodo com um gesto. "Se minha vida foi poupada para que os erros daquela época sejam corrigidos, não terei paz até que estejam todos mortos. Tem mais gente daquela cidade sofrendo. Você sabe disso. Gente como Lindy, que se manifestou contra a 'justiça' feita. Mulheres como Diana, que passaram os últimos dez anos preocupadas que um dia seu filho aparecesse morto ou sumisse. E não podemos esquecer que meu pai morreu por um crime que não cometeu."

Ele assente, sabendo que estou certa.

"A escolha é sua, Lana. Só estou dizendo que apoiarei qualquer decisão sua."

Lágrimas. Odeio lágrimas. E elas têm reaparecido aleatoriamente nos meus olhos.

Eu me sento no colo dele, que me abraça e me puxa para si. "Você sabe que é meu segundo irmão preferido, né?", digo, como faço desde criança.

Ele ri na lateral do meu rosto. "É, eu sei. E você é minha irmã

preferida, mas só porque é a única que eu tenho."

Rimos desse fragmento do passado a que nos agarramos, e minha mente retorna aos eventos dos últimos dias. Aos acréscimos mais recentes à minha lista de mortos.

"Grita pra mim", digo a Anthony, sorrindo enquanto ele sangra, seus gritos de agonia como música aos meus ouvidos. Uma música desafinada, que não atinge as notas esperadas.

Em geral, a sensação é muito melhor.

"Sua puta maldita! Eu sabia que você era maligna. Que nem seu pai."

"Não. Eu era doce", digo, e não minto. Passo devagar a lâmina pelo peito dele, deixando um corte raso ali. Anthony só estremece. "Era ingênua. Não era virgem, mas não era a puta que vocês pintaram. Meu corpo era meu templo e tudo mais, até vocês me prenderem, se revezarem e me deixarem para morrer. Vocês mataram Marcus. E ele deu a vida para que eu pudesse voltar e pegar vocês um de cada vez."

Anthony grita quando a faca corta, e eu o provoco de novo com as palavras que usou contra mim.

"Grita pra mim, Anthony. Grita alto. Ninguém te ouve. Ninguém se importa."

Ele grita. Grita para o vazio do porão subterrâneo. Às vezes esses caras facilitam demais as coisas pra mim.

Mas não vou deixá-lo neste lugar. Ninguém vai saber que estive aqui.

"Você vai arder no inferno. O que fizemos foi tentar destruir o mal no mundo. Mas o mal é duro de matar", ele cospe.

"Vai mesmo tentar justificar o que fez como um ato de justiça? Vai insistir em estar certo mesmo depois de seus pecados e atos de violência?"

Ele sorri, com a boca ensanguentada. "Não existe pecado contra o diabo. Você é igualzinha ao seu pai. Vão te parar. O bem sempre triunfa sobre o mal. Serei vingado."

Meus lábios se retorcem. Não consigo acreditar em como o cara se ilude. "Isso é o bem triunfando sobre o mal", digo, baixo. Seus olhos se estreitam. Ele odeia o fato de que me considero um anjo vingador e uso isso a meu favor. "Esta é sua punição. Isso é o bem vencendo."

"Você e a bicha do seu irmão já iam para o inferno. Só aceleramos o processo."

"Se você está certo, cadê a intervenção divina para te salvar?", pergunto, me levantando devagar. "Eu ressurgi das cinzas, sobrevivi contra todas as probabilidades. É você quem está aqui, sofrendo pelos crimes do passado. E não eu."

Ele abre a boca e a fecha em seguida. "Viu?", digo, sorrindo. "O diabo é capaz de citar as Escrituras para seus próprios fins. Isso é Shakespeare, caso você esteja se perguntando. Mas eu não sou o diabo, Anthony. Sou o anjo que veio para levar vocês todos para o inferno."

Anthony grita mais alto que antes quando tiro dele o que lhe resta de poder, cortando-o fora e o chutando como o lixo que é.

"Você nunca mais vai machucar ninguém", sussurro em um tom sombrio, desfrutando dos sons de sua dor, ignorando o vazio que sinto pela primeira vez.

Não vou parar.

Não posso.

Agora, de volta a Kentucky.

"Vou dizer ao próximo que você mandou um oi", prossigo, falando por cima dos soluços de choro dele. "Ao seu melhor amigo."

O som de alguém batendo à porta de Jake me arranca de minhas lembranças.

"Merda", ele sibila, olhando para o monitor ao nosso lado.

Saio do colo dele e meu coração bate dolorosamente no peito quando vejo que Logan bate na porta outra vez. Isso *não pode* estar

acontecendo.

"Sr. Denver", Logan diz, olhando para a câmera que Jake nunca se deu ao trabalho de esconder. "Se estiver aqui, precisamos falar com você."

Donny está ao lado dele, de óculos escuros, parecendo um dos *Homens de Preto*. Logan pega seu documento do FBI e mostra para a câmera.

"Sabíamos que isso ia acontecer", Jake diz, enquanto tremo de pânico.

Um único homem tem o poder de me destruir e vai me relacionar a tudo se me encontrar aqui.

"Sou o agente especial Logan Bennett", ele prossegue, e pela primeira vez sua voz não tem um efeito calmante em mim. Nem um pouco. Meu pânico me foge ao controle.

"Calma", Jake diz, achando graça. Achando graça para cacete. Não tem a *menor* graça. "Fica aqui e tranca a porta. Eles não têm um mandado. E me interrogar vai ser inútil. A gente se preparou para isso, não esquece."

Assinto e engulo em seco, tentando voltar a pensar de maneira lógica e relaxar. Sempre tomamos todo o cuidado para que eu não fosse vista indo e vindo. Estaciono na cidade, usando um carro alugado, e Jake me pega em algum lugar sem câmeras. Vou na parte de trás de sua van — que eu chamo de van de sequestrador —, e ele estaciona na garagem. Ninguém me vê.

Eles não têm como saber que estou aqui.

Então por que o pânico?

Calmo e composto, Jake esconde tudo relacionado aos crimes sob uma tábua do piso, depois puxa a luminária de chão para cima dela, escondendo-a de vista. Então aperta um interruptor e cinco monitores nas paredes são cobertos pelo painel falso que desce.

“Fica aqui”, ele repete, saindo depressa.

Tranco a porta imediatamente, depois tento ouvir através das paredes, colocando um copo no ouvido.

Não. Não pareço nem um pouco culpada.

8

É a tentativa, e não o feito, que nos confunde.
William Shakespeare

LOGAN

"Acha que ele não está?", Donny pergunta, quando volto a bater na porta.

Não tem ninguém parado na frente da casa, mas a porta da garagem está fechada. Pode haver um carro lá dentro.

"A vizinha disse que ele quase não sai e nunca recebe visita. Parece que ele saiu hoje de manhã, mas voltou e não saiu mais."

Antes que eu volte a bater, a porta se abre. Olho para baixo e deparo com algo que não estava esperando.

Jacob Denver usa cadeira de rodas.

"Desculpe", ele diz, parecendo confuso. "Às vezes demoro um pouco para passar para a cadeira. Como posso ajudar?"

As cortinas estão fechadas, mas alguém devia ter mencionado que ele usa cadeira de rodas. Odeio surpresas, e é raro que tenha que lidar com uma.

Pelas sobrancelhas erguidas de Donny, sei que ele está tão surpreso quanto eu.

"Hum... podemos fazer algumas perguntas?", consigo dizer afinal.

A linha do interrogatório mudou.

"Claro. Querem entrar? Desculpe pela bagunça. É mais difícil limpar agora."

Merda.

Merda.

Merda.

"Obrigado", digo, passando por ele, que manobra a cadeira para fora do caminho.

Minha mente começa a trabalhar enquanto Donny digita alguma coisa no celular. Olho para a cozinha, que fica à direita. Todas as bancadas são adaptadas, mais baixas que o padrão para que ele consiga acessá-las. A entrada da varanda não me parecera indício de nada, o que agora percebo que foi um erro. O piso é todo nivelado, sem nenhuma saliência entre um cômodo e outro.

Os armários superiores da cozinha não contam com portas e ostentam objetos decorativos. Nada que ele poderia precisar.

Passo os olhos pela sala de estar e noto uma poltrona num ângulo estranho, com o controle remoto preso a ela e balançando, como se ele precisasse de ajuda para se levantar e passar à cadeira.

"É uma gambiarra", ele diz, chamando minha atenção para si e apontando para a poltrona que eu observava. "Torna a vida mais fácil."

Ele é forte e parece em forma, mas não consigo ver suas pernas direito, por baixo da calça de moletom. Por mais que odeie fazer isso, eu me agacho, fingindo precisar ajeitar o sapato, e reparo na sola de seus sapatos, que estão limpas. Nunca tocaram o chão.

Bem, fodeu. O cara é mesmo um cadeirante.

Eu me levanto, e ele se afasta.

"Que porra é essa?", sibilo para Donny.

"Vai entender. Acabei de mandar uma mensagem para Alan."

Nós nos separamos quando Jake se vira para nos olhar, como se fôssemos idiotas. E somos mesmo. Alguém vai ter que me explicar por que não sabíamos disso até agora.

“Posso perguntar o que aconteceu?”, digo, conjecturando que pode estar relacionado ao mistério da cidade de Delaney Grove.

Ele dá de ombros. “Foi um acidente de moto, alguns anos atrás, que me paralisou da cintura para baixo. Precisei me adaptar, mas a vida continua.”

Definitivamente não é o nosso assassino. E o pai estava em audiência nos horários de várias mortes, então tem um álibi. Os dois eram nossa única esperança, parecia tão fácil. Talvez fácil demais.

De jeito nenhum um cara numa cadeira de rodas conseguiria subjugar fisicamente as vítimas e fazer todas as coisas que foram feitas.

“Bom, por que o FBI está batendo à minha porta e fazendo perguntas sobre meu acidente?”, ele quer saber, parecendo genuinamente confuso.

“Você acompanha o noticiário?”, Donny pergunta, guardando o celular.

“Não muito”, Jacob diz, dando de ombros. “É deprimente pra caralho, e já tive minha cota de coisas deprimentes.”

Ele cruza as mãos. Suas pernas não se moveram nem uma vez.

Por hábito, quando alguém finge uma paralisia, acaba se entregando através de movimentos. Mas esse cara não coçou as pernas nem *nada* do tipo.

Sei que Donny está atento aos mesmos sinais que eu.

Jacob parece calmo demais, desinteressado demais.

“Vocês só vieram me perguntar se eu acompanho o noticiário?”, ele pergunta, olhando de um para o outro.

Parece estar curtindo nossa perplexidade.

“Não”, Donny murmura.

“Na verdade, eu estava me perguntando se você teria

informações sobre a família Evans."

Seus olhos se tornam frios, e ele desvia o rosto.

"A porta é ali, quando quiserem ir."

Olho para Donny, que olha para mim. Estamos ambos confusos.

"Você era amigo deles, e acreditamos que um serial killer esteja tentando vingar a morte dos três. Muito embora os relatórios indiquem que os filhos morreram em um acidente de carro."

Ele volta a nos encarar. "Acidentes de carro costumam castrar um homem?", ele pergunta, sem conseguir acreditar. "Ou obrigar dois adolescentes a continuar dirigindo de cidade em cidade para procurar ajuda médica?"

"Então você sabe alguma coisa?", pergunto, me inclinando em sua direção.

"Sei que se tem alguém vingando a morte deles, quero mais é apertar a mão da pessoa. Marcus era meu namorado, embora na época eu não tivesse coragem de admitir. E Victoria era como uma irmã mais nova. Eu tinha dezessete anos, que nem Marcus, quando eles morreram."

Meus lábios ficam tensos. Tem alguma coisa que ele não está contando.

"Pode nos ajudar de alguma maneira a descobrir como os dois realmente morreram?", Donny pergunta.

"Agora vocês querem saber? Porque, na época, quando falei com o cara do FBI que apontou Robert Evans como um assassino erroneamente, quando contei como meus amigos, as duas pessoas mais doces do mundo, foram mortos pela cidade, ele me disse que não tinha nada a ver com aquilo, que eu precisava deixar a polícia fazer seu trabalho. Que se não tivesse sido um acidente de carro, eles descobririam."

A amargura em seu tom é real. Ele não está escondendo sua

raiva. O que o torna menos suspeito. Ainda assim... meu instinto me diz que, de alguma maneira, ele está envolvido.

"Quem era o cara?", Donny pergunta.

"O sobrenome dele era Tino, e o nome era Cre. Mas às vezes ele atendia por agente especial Johnson."

Uma risada estrangulada escapa de Donny, mas eu não rio. Johnson era péssimo em traçar perfis e manchou a reputação da unidade de tal maneira que acabou sendo promovido. Política é foda. O cara era péssimo, mas tinha seu valor pelas coisas que sabia, então o passaram a um cargo inventado e lhe deram tarefas medíocres para mantê-lo sempre sob nossa asa.

O cara também é conhecido como o Padrinho do departamento, porque basicamente colocou o perfilamento no caminho que segue hoje, transformando em algo concreto, com resultados reais, ainda que os iniciais fossem bastante falhos.

"Você está dizendo que ele ignorou a morte de dois adolescentes?", Donny pergunta, sem rir, agora que se deu conta das implicações.

"Estou dizendo que ele estava cagando. E agora bato o pé, metaforicamente falando, claro, para não voltar ao passado. Bom, a menos que vocês tenham algo importante para me dizer, quero que vão embora, por favor. Tenho coisas a fazer."

Meu celular toca bem quando Donny começa a tentar arrancar mais dele, qualquer coisa que possa nos ajudar a descobrir o que realmente aconteceu.

Vejo que é Alan ligando. Eu me levanto e vou atender no corredor.

"Mas que caralhos?", eu o repreendo imediatamente.

"Desculpa. Desculpa. Desculpa mesmo. Não sei como deixei isso passar, mas recebi a mensagem de Donny e, sim, Jacob Denver é

paraplégico. Por conta de um acidente quatro anos atrás. Um motorista bêbado bateu com tudo nele e fugiu. Jacob estava de moto. Desde então, usa cadeira de rodas."

Por que ainda parece haver algo de errado?

"Obrigado. Não deixa nada assim importante passar. Pensamos que tínhamos pegado nosso assassino."

"Eu sei. Desculpa. É que isso só é mencionado de passagem nos registros. Não é como se eu pudesse abrir os arquivos do hospital. Eu não tinha como perceber sem estar procurando."

"Tá bom. OK. Agora vê se consegue descobrir amigos em comum que ele pudesse ter com os irmãos. Tem algo de estranho com o cara. Ele nem perguntou quem foi assassinado."

Algo cai no chão no cômodo diante do qual me encontro. Tento abrir a porta, mas está trancada, o que é curioso.

"Posso ajudar?", Jacob pergunta, vindo até mim enquanto continuo forçando a maçaneta.

"Por que está trancada?", pergunto, guardando o celular.

"Hum... porque a casa é minha e não gosto que entrem no meu escritório. O que você quer?"

Jacob parece mesmo reservado, mas por que um cara que mora sozinho trancaria uma porta se não estivesse escondendo algo?

"Você se importa se dermos uma olhada?", Donny pede, de maneira que não soa como uma ordem.

"Tá. Tá. Mas depois vocês vão embora e me deixam em paz. Não preciso de gente surgindo na minha vida para trazer à tona lembranças que é melhor serem esquecidas."

Jacob volta à sala de estar, pega um molho de chaves, sem pressa, e volta para destrancar a porta. Então sai da frente e eu a abro e olho em volta. A tela do computador está desligada, e meus olhos

param na janela entreaberta diante da qual há um monte de tachinhas espalhadas pelo chão.

"Droga. De novo, não", ele resmunga, passando por mim para se aproximar das tachinhas. "Podem ir agora. Preciso arrumar isso."

Assinto para Donny e saímos, deixando-o sozinho. Assim que estamos na rua, olho na direção da janela entreaberta.

"Tem alguém lá com ele", digo em voz baixa, quando chegamos na rua.

"Parece que o vento fez a cortina esvoaçar e derrubar as tachinhas."

"A janela estava fechada quando chegamos e a cortina também. Tem um armário naquele quarto. Com alguém dentro."

"Por que você não abriu o armário?"

"Porque talvez fosse o nosso cara."

Finjo que estamos entrando no carro, e Jacob volta a fechar a janela e a cortina. Ligo para Lisa da rua.

"Você está perto do endereço de Jacob Denver?"

"Elise e eu estamos a cinco minutos daí. Por quê?"

"Venham pra cá e parem na frente da casa. Assim que vocês chegarem, a gente vai. Se o cara sair, quero que me liguem. Se ficar, quero que o observem. Tem alguém com ele lá dentro e pode ser nosso assassino. Toda a cautela é pouca."

"Merda. Entendido. Tomem cuidado vocês também." Quando vou desligar, ela acrescenta: "Aliás, obrigada pelas rosas. São lindas".

Franzo a testa, confuso.

"Não te mandei rosas."

"Quando eu estava no hospital. Percebi que nunca agradeci por elas."

"Lisa, eu nunca te mandei rosas. Nunca."

Ela fica em um silêncio mortal. "Então foi ele? Plemmons?"

Não tenho tempo de conjecturar sobre as motivações de um homem morto. “Talvez. Liga pra floricultura e descobre.”

“Tá. OK. Vou ver se Hadley pode fazer isso pra mim”, ela diz, distante agora.

Quando desligo, Donny está sorrindo. “O que foi?”

“Nada”, ele mente, e seu sorriso se alarga.

Olho feio para ele.

“Eu só estava pensando no que Lisa faria com Lana se pudesse. Ela é a típica ex rejeitada. Parece perfeitamente bem com o término até o cara arranjar uma namorada por quem parece apaixonado. Lisa é uma vaca. É melhor manter a mulher longe de Lana ou ela vai arrancar os olhos da garota.”

“Lana já conheceu Lisa, caso tenha esquecido. E não se abalou.” Posso parecer indiferente, mas na verdade escondo como a conversa me deixa desconfortável.

“Todos sabemos o quão escrota Lisa pode ser, e, no momento, ela está sentindo o ciúme que a maioria dos ex sente quando a outra pessoa finalmente segue em frente e parece feliz de verdade. Ela não segura a língua e talvez procure Lana para tentar estragar as coisas entre vocês. É o perfil dela. E traçar perfis é o que eu faço.”

Merda.

“Vou manter uma longe da outra. Lisa vai acabar esquecendo.”

“Quando ela encontrar alguém que a faça feliz”, Donny concorda, com um sorriso zombeteiro. “O que pode levar a vida inteira.”

Mostro o dedo do meio para ele, que ri, depois volto a olhar para a janela fechada. O carro de Lisa e Elise aparece e estaciona.

Donny e eu entramos no SUV e vamos embora. Não demora muito para que Elise nos escreva, dizendo que Jacob saiu e vem em nossa direção em uma van branca. Ela manda a placa, para garantir que a gente não siga o carro errado.

Assim que a van branca passa por nós, arqueio uma das sobrancelhas. Parece um veículo que um sequestrador usaria.

Há janelas apenas na frente, o que indica que se trata de uma van de trabalho. Jacob trabalha com tecnologia, de acordo com sua ficha.

Donny e eu o seguimos discretamente, enquanto Elise e Lisa continuam vigiando a casa.

"Tentem ver lá dentro", digo, quando Donny coloca Lisa no viva-voz.

"Tentamos conseguir um mandado, mas recusaram, porque não há indícios de nada."

"Só deem uma olhada", digo, vago, sugerindo que ela quebre as regras. Estamos atrás da porra de um serial killer. Algumas regras valem ser quebradas.

"Tá."

"Só não deem na cara", Donny diz ao telefone.

"Não sou idiota", Lisa retruca.

Ele desliga, e eu me mantenho a uma distância segura da traseira de Jacob. Paramos na rua quando a van entra em um estacionamento. Poucos minutos depois, a porta lateral da van se abre e uma plataforma motorizada o baixa na cadeira de rodas até o chão.

"Isso explica a van. É adaptada", Donny comenta.

Franzo a testa. Jacob tem uma bola de basquete na mão. Ele tranca a van e segue pela calçada.

Quando chega a uma quadra cheia de crianças, Donny solta o ar. A maioria delas tem alguma deficiência. Algumas são amputadas, outras usam cadeira de rodas, outras ainda têm questões físicas.

"Vamos pro inferno", Donny solta enquanto as crianças comemoram, Jacob sopra um apito e joga a bola para elas.

Um jogo de basquete começa. Jacob ri com elas, fazendo a diferença no dia delas.

Elise me liga. Quando eu atendo, ela diz: “Não tem nada na casa. O armário do escritório está vazio. Vou fechar tudo para que o cara nem saiba que a gente entrou”.

“Então o armário do escritório está vazio e o cara só é o técnico de um time de crianças com deficiência. Ele perdeu a mãe ainda pequeno, depois uma grande amiga e o namorado na adolescência, e acabou ficando paraplégico. É a versão masculina da Madre Teresa”, Donny comenta, irônico. “E a gente desconfiado de que o cara é um assassino. Repito: vamos todos pro inferno.”

“Dá uma olhada na van”, digo, frustrado. Ainda acho que há algo de estranho. Havia alguém na casa. Se não apareceu, deve estar na van.

Ele xinga antes de sair e vai com sua arma até a van. Tenta abrir a porta, e meus olhos se alternam entre Donny e Jacob.

Donny consegue abrir a porta, que estava destrancada, e eu franzo a testa. Poderia jurar que Jacob havia trancado a van.

Lá dentro, tem só uma caixa escrito MÍDIA. E nada mais.

Donny arqueia a sobrancelha para mim, e eu o mando voltar, revirando os olhos. Ele fecha a porta e entra no meu carro. Vamos embora.

“Esquece o cara. Mesmo que ele saiba quem é o assassino, não pode estar envolvido”, Donny comenta, com um suspiro.

Continuo dirigindo, aborrecido. Sempre fui guiado por meu instinto, e é raro que tenha tanta convicção só para me provar errado.

Jacob nem nos nota quando passamos. Joga a bola no ar, e um menino com um só braço a recebe e faz cesta.

Quando chego ao escritório, Hadley vem falar comigo, mas eu

sigo direto para Leonard. “Ei, preciso que você puxe tudo o que houver sobre o caso Robert Evans. Precisamos descobrir o que a maldita cidade esconde. Está tudo relacionado a isso, de alguma forma. É a peça do dominó que vai fazer todas as outras caírem.”

Ele assente e aponta para o laptop.

“Eu já estava trabalhando nisso. Há tantas inconsistências no arquivo que chega a ser ridículo. Basicamente, a única coisa que o incriminava era o DNA nas cenas do crime, e até isso parece ter sido comprometido, a julgar pela maneira pouco confiável como lidaram com as provas. Não sei como o cara acabou sendo condenado. O juiz ignorou todas as leis criadas em nome da justiça e da honestidade.”

“E sabemos como o Padrinho trabalhava”, acrescento. “Veja o que você consegue descobrir. Descubra por que as mortes pararam, se é que pararam. Se o assassino incriminou Evans, pode ter ido para outra cidade e mudado seu modus operandi para incriminar outra pessoa também.”

“Pode deixar”, Leonard diz, voltando ao trabalho.

Quase trombo com Hadley quando me viro.

“Por que está com essa cara? O que descobriu sobre Jacob Denver?”, ela me pergunta.

Pela maneira como retorce as mãos, sei que está ansiosa por informações. Acho que estamos todos assim.

“Nada. Meu instinto me diz que ele esconde alguma coisa, mas parece que estou errado.”

“Nem sempre dá para confiar no instinto”, ela diz, franzindo a testa. “O que aconteceu?”

“Nada. Ei, Lisa disse que ia pedir pra você pesquisar quem mandou flores pra ela se passando por mim.”

“Não foi você”, ela diz na mesma hora.

“Eu sei”, digo, confuso quanto ao motivo de Hadley estar agindo desse jeito estranho.

“Não, quero dizer que nada indicava que tinha sido você. Era só um buquê de rosas sem cartão. Acho que Lisa preencheu as lacunas por conta própria.”

Balanço a cabeça e olho para o arquivo à minha frente.

“Posso ir? Estou exausta e não surgiu nada novo. Já mandei todos os laudos que consegui agilizar. Uma parte ainda vai demorar alguns dias para chegar, por conta do laboratório.”

Assinto e a dispenso. Ela quase sai correndo.

Não posso culpá-la. Também não gosto de passar tanto tempo aqui. Lana passou a maior parte da semana fora, a trabalho, mas ficaremos a noite de hoje juntos, finalmente.

Quanto ao caso, o povo de Delaney Grove parece que será minha ruína.

9

Se cobiçar honra é um pecado,
então sou a alma mais transgressora que há.
William Shakespeare

LANA

Tive que me esconder do meu namorado em um armário depois de ter derrubado tachinhas, como uma idiota. Depois precisei passar uma hora em uma caixa na van de Jake, enquanto ele jogava basquete com crianças, no programa que ajudo a financiar. Eu não tinha como sair, porque a caixa não abria por dentro.

O espertinho fez isso de propósito, para me ensinar uma lição, e vai levar uma em troca.

No momento, estou exausta, louca para ficar na cama até Logan conseguir vir. Quando chego ao corredor do hotel, no entanto, Hadley, que aguarda à minha porta, me lança um olhar fulminante.

Ela bem que podia voltar para casa.

"Você!", ela sibila.

"O que foi que eu fiz?", pergunto, confusa.

"Rosas te lembram de alguma coisa?"

Sorrio e empurro a porta para abri-la. Hadley passa por mim, me dando uma ombrada no caminho.

"Quer entrar?", pergunto, irônica.

A porta se fecha e ela se vira para mim, apontando em acusação.

“Não vem com gracinha, Lana. Você mandou flores pra Lisa. Sei que foi você. E deixou que ela pensasse que tinha sido Logan. Agora que Lisa sabe que não, ela pensa que foi Plemmons e está horrorizada.”

Hadley deve ter perdido o senso de humor, porque isso é muito engraçado.

“O Bicho-Papão está morto. E por que acha que fui eu, ou que era essa minha intenção?”, pergunto, disfarçando um sorriso.

“Sei que foi você. As rosas foram pagas com um cartão pré-pago. Plemmons não queria mais saber de Lisa, mas é a ex de Logan, e você escolheu uma péssima maneira de mexer com ela.”

“Ela mexeu comigo primeiro. Eu só mandei rosas”, digo, com um sorriso tímido.

O rosto de Hadley fica ainda mais vermelho. “Não mexe com a minha equipe, Lana. Você tem coisa demais a perder pra ficar de joguinho com a gente.”

“A gente? Não estou de joguinho com ninguém além de Lisa, e foi ela que começou. A mulher fez de tudo menos mijar nele para demarcar território. E faz um século que mandei as rosas. Nem teve muita graça, se ela não se deu conta enquanto o cara ainda estava vivo. Caso tenha esquecido, eu o matei, então ela não tem nada a temer. A menos que acredite em fantasmas de serial killers.”

Pego uma lanterna e ilumino meu queixo por baixo. Hadley estreita os olhos. Ela não tem mesmo senso de humor.

“Isso é maluquice. Você sabe, né?”, ela pergunta.

Reviro os olhos e desligo a lanterna. “Não. Maluquice é não ter mais nada com Logan e agir daquele jeito comigo. Você só disse que eu não podia matar ninguém que não merecesse morrer. Não disse que eu não podia mandar rosas para alguém que tinha sido uma vaca comigo.”

“Não diminui o que você fez”, ela retruca. “Se mandou rosas, foi pra assustar Lisa. Pra foder com a cabeça dela. O cara gravou uma palavra no braço de Lisa com ela consciente. Teria matado as duas se Lisa não tivesse conseguido atirar.”

“Mas não conseguiu acertar”, eu a lembrei. Como ela pôde errar um cara daquele tamanho?

“Pegou de raspão”, Hadley me corrige.

“Ou seja, ela errou”, digo sorrindo enquanto ela fica cada vez mais vermelha. “Eu não errei. Repito: o cara está morto. Nem tem mais graça. E que falta de educação só agradecer Logan agora pelas flores que ela, em toda a sua arrogância, achou que ele tivesse mandado.”

Hadley abre e fecha a boca, e eu fico me perguntando se sua cabeça vai explodir, como nos desenhos animados.

“Não tem a menor graça! É cruel. E perverso. E...”

“Lisa é sua melhor amiga?”

“Não”, ela diz, franzindo a testa.

“Salvou sua vida ou algo do tipo?”

Hadley balança a cabeça.

“Você pelo menos gosta dela?”

Seus olhos se estreitam, mas Hadley não chega a responder.

“Imagino que não. Então por que essa postura toda de superioridade moral, essa indignação? Só provoquei uma valentona. Eu não tinha como colocar a garota diretamente em seu lugar, então mexi um pouco com a cabeça dela. Aliás, mal mexi, porque ela só caiu na real tarde demais. Não fiz nenhum mal.”

“Você tornou um membro da nossa equipe um alvo e não parece se dar conta de como a *piada* foi doentia e perversa.”

Meu sorriso desaparece. “Eu poderia ter mandado para ela o coração de um porco ou coisa do tipo. Isso, sim, seria doentio e

perverso. Poderia ter mandado um buquê com MANTER escrito. Poderia ter mandado aquela música russa que fala do Bicho-Papão. Só mandei rosas, Hadley. Mexi bem pouco com a cabeça dela, pra usar o mesmo termo que você. Só isso. Poupei Lisa, se você pensar bem. Nós duas sabemos que posso ser bem mais fria."

Os olhos dela perdem um pouco do brilho.

"Não", eu digo, revirando os olhos. "Não estou ameaçando matar Lisa."

Ela se senta na cama e passa a mão pelo cabelo. "Isso é demais. *Você* é demais."

"Você está reagindo de maneira exagerada. Calma, Hadley. Se não queria a verdade, não deveria ter procurado respostas."

Ela levanta a cabeça, e uma exaustão genuína é visível em seus olhos.

"A moral de Logan não é tão flexível quanto a minha, Lana. Se você ama o cara de verdade, precisa parar com essa busca por vingança. Deixa a gente descobrir uma maneira de pegar os outros. Podemos..."

"Pegar toda uma força policial? Mesmo sendo apenas a minha palavra contra a dos estupradores? A palavra da filha de um homem condenado por assassinato em série, de quem um de vocês traçou um perfil errado?", digo, sem emoção.

"Logan sabe que o perfil estava errado", Hadley diz, o que é um choque.

Ela avalia minha expressão.

"Você não sabia disso, né?"

Assinto, me sentando devagar.

"Você não pergunta mesmo nada sobre os casos, né?"

Olho feio para ela. "Se eu quisesse saber o que vocês sabem, pediria para Jake hackear as câmeras. Não preciso usar meu

namorado, não preciso trair Logan assim. Já odeio mentir para ele."

"Chega de joguinhos com a minha equipe", ela diz, frustrada.

"Só se Lisa me deixar em paz", digo, e não tiro os olhos de Hadley enquanto ela pensa a respeito.

"Nada mórbido assim."

Dou de ombros, sorrindo. "Tenho um senso de humor mórbido. E sou territorialista. Pelo menos não fiz xixi nas rosas antes de mandar."

Ela fica olhando para mim. Eu sorrio.

"Você é tão confusa. Me sinto uma idiota por achar que você ama Logan de verdade."

"Eu amo Logan de verdade", digo, com um longo suspiro.

"Bom saber." A voz de Logan faz com que ambas se calem. O choque até faz Hadley cair no chão.

Logan sorri para ela, que se levanta na mesma hora. Se ele está sorrindo, não deve ter ouvido a parte mais importante: a de que sou uma psicopata assassina, né?

"Há quanto tempo você está aí?", Hadley pergunta, parecendo tão culpada quanto uma assassina.

"O bastante para ouvir uma confissão que imagino que não deveria ter ouvido", ele diz. Seu sorriso se torna irônico quando ele me encara com olhos ardentes.

Sim, ele não ouviu nada sobre eu ser uma assassina. Preciso ser mais cuidadosa.

"Confissão?", Hadley pergunta, pálida.

Essa garota nunca poderia ser uma assassina.

"É", Logan diz, vindo em minha direção, totalmente concentrado em mim.

"Logan, não é o que parece. Ela..."

Fico grata por suas palavras morrerem quando Logan me pega

pela cintura, me puxa para si e leva os lábios aos meus. Quase subo nele para facilitar o beijo, de modo que ele não precise se inclinar e eu não precise ficar na ponta dos pés. Hadley solta um ruidinho estrangulado, e eu beijo Logan com mais vontade, para distraí-lo da língua solta dela.

Não foi à toa que o Bicho-Papão tapou a boca dela com *silver tape*.

"Então tá", Hadley diz, enquanto Logan continua me beijando. "Vou indo."

A única reação dele é intensificar o beijo e me imprensar contra a janela com vista para o centro. Minha boca se mantém na dele, necessitada, depois de uma semana em que pouco nos vimos.

"Senti sua falta pra caralho", Logan diz contra meus lábios, sem parar de me beijar.

Nem consigo responder, porque ele não me deixa me afastar por tempo o bastante. Logan começa a baixar minha calça e me apertar mais contra o vidro.

Meus dedos encontram seu lugar preferido no mundo, se enfiando no cabelo dele, e eu estremeço em antecipação quando minha calça vai ao chão. Logan interrompe o beijo para tirar minha blusa, como se tivesse pressa de me deixar tão nua quanto possível.

"Também senti sua falta", digo, enquanto tenho a chance, mas ele continua todo sério. Seus olhos ardentes poderiam queimar uma mulher menos preparada.

Logan se despe, e eu jogo o sutiã longe e tiro a calcinha. Quando termino, ele já está completamente nu e me levanta tão rápido que perco o fôlego.

Minhas costas batem contra o vidro, minhas pernas enlaçam seus ombros. Meus olhos se fecham quando ele enfia a cara bem onde quero e toca o amontoado de nervos que sabe manipular tão bem.

Logan é mais agressivo que de costume, como se estivesse me punindo, sem ter pena de mim enquanto gemo e me debato e quase arranco seus cabelos.

Minha cabeça cai para trás, batendo contra o vidro, e eu grito, já perdida na sensação de sua boca habilidosa. Em um movimento fluido, Logan me coloca no chão e me vira, me deixando cara a cara com o vidro.

Minhas palmas me amparam, me segurando antes que eu me choque contra ele, e Logan levanta minha metade inferior, se posicionando de maneira a meter com força em mim.

A sensação é boa demais. Ele se inclina, beijando meu pescoço com a mesma dureza com que possui meu corpo. "Você deveria ter contado para mim antes", Logan diz, explicando o motivo da sensação de estar sendo punida da maneira mais incrível possível.

Se essa é a consequência de decepcioná-lo, nunca mais vou ser boazinha.

Vai ser ótimo se ele me punir assim quando ou se descobrir quem realmente sou.

Espero que esse dia nunca chegue. Prefiro não saber o que ele faria.

Minhas mãos pressionam o vidro com ainda mais força, e Logan me mantém erguida, para poder controlar cada segundo em que está dentro de mim. Só para quando eu grito, e seus quadris investem com tudo uma última vez, antes que ele comece a movimentá-los em um círculo lento, sua respiração dificultosa, sua testa descansando no meu ombro. Logan ainda me mantém firme no lugar, e eu sorrio contra a janela.

"Eu não tinha a intenção de contar a Hadley", falei, sorrindo e sem ar. "Ela descobriu sozinha."

Logan se inclina para a frente e beija meu ombro.

Mas ele não diz que me ama.

Não sei por que isso me deixa meio sem graça, mas procuro ignorar a semente de dúvida que foi plantada.

“Você não pode passar tanto tempo fora de novo. Só ficou um dia na cidade esta semana”, ele diz, beijando meu pescoço e passando as mãos pelo meu corpo.

“Se essa é a minha recompensa, talvez eu não consiga evitar”, digo e sorrio diante de sua risada estrondosa.

Logan sai de dentro de mim e me dá um tapa na bunda. Quando viro, ele me oferece uma piscadela. “Veste uma roupa legal. Hoje vou te levar para sair de verdade.”

Sorrindo como uma garotinha, eu vou para o chuveiro. Assim que estou debaixo da água, no entanto, Logan entra comigo. Seus lábios encontram os meus e ele me imprensa contra a parede.

“Podemos sair amanhã”, murmuro contra seus lábios e sinto que ele sorri ao me penetrar de novo.

Assim que Logan começa, ele adquire um ritmo constante, seus lábios se afastam dos meus e ele começa a beijar minha orelha.

“Também te amo, Lana Myers”, ele diz, bem baixinho.

Neste momento, sou completamente sua. Não há vingança, não há mortes manchando minhas mãos. Sou apenas uma mulher apaixonada por um homem destinado a me odiar quando souber a verdade.

O que é devastadoramente trágico. Mais do que qualquer peça de Shakespeare.

10

A expectativa está na raiz de todo sofrimento.
William Shakespeare

LOGAN

Lana dorme em paz, seu corpo envolvendo o meu, quando uma sequência de mensagens chega no meu celular.

Grunhindo, pego o aparelho. Ela se vira na minha direção e suspira, ainda dormindo, se aconchegando do meu lado.

Dou um beijo em sua cabeça e começo a ler.

COLLINS: Temos um problema.
Ligue imediatamente.

CRAIG: A porra do vice-diretor acabou de me pedir pra te achar e te trazer aqui.
Deu merda.

HADLEY: Acabei de chegar no trabalho e o Padrinho está aqui. É melhor você vir rápido.

Xingo e me levanto da cama, deixando Lana dormir. Estou me cansando disso. Meus horários sempre foram variáveis, mas parecem estar piorando, com tantos assassinos importantes decididos a sair matando.

Eu me visto rápido, me perguntando que porra Johnson está fazendo no nosso andar. Deixo um bilhete para Lana, prometendo

voltar assim que possível, e saio às quatro da manhã para lidar com a suposta merda que deu.

Quando chego, Johnson está sentado à porra da minha mesa.

"O que acha que está fazendo? Ninguém pode entrar na minha sala sem a minha autorização", digo.

"Modere o tom com seus superiores", ele diz, olhando feio para mim.

Nunca gostamos um do outro, caso não tenha ficado claro.

"Sai da minha sala. E você não é meu superior. Tenho o mesmo título que você, agente especial Johnson. Seu cargo no FBI não tem nenhuma autoridade sobre o meu."

Ele se levanta devagar, ajeitando o paletó.

"Eu só estava me atualizando quanto ao meu caso."

"Seu caso?", pergunto, com os olhos fixos nele.

Johnson está sendo mais arrogante e desrespeitoso que de costume. Isso sem mencionar o brilho ameaçador em seus olhos.

"Sim. Meu caso. Parece que você andou acessando meus arquivos, e o diretor decidiu que eu deveria investigar esse caso novo que você acredita estar relacionado ao meu antigo."

"Você quer dizer que o diretor te liberou para fazer o que quer, porque vocês dois jogam golfe juntos durante o dia e vão pro swing durante a noite?", eu reformulo, dizendo o que ele deveria ter dito.

Um músculo pulsa no maxilar de Johnson. Sei que ele odeia o fato de que segredos nunca morrem em uma sala cheia de agentes acostumados a traçar perfis.

"O caso é meu."

"O departamento é meu. Caso tenha esquecido."

"Bom, se tem um problema com isso, vai falar com o diretor."

Aponto um dedo para ele. "Sai da minha sala. Não vou repetir."

Ele sorri e passa devagar por mim, como se houvesse ganhado alguma coisa. Sigo para o elevador imediatamente e deparo com o vice-diretor Collins saindo.

"Eu mandei você me ligar", ele diz, baixo, olhando para Johnson antes de entrar em uma sala vazia.

"O que está acontecendo?", pergunto.

Ele solta um suspiro longo e duro. "Não sei. Johnson recebeu uma ligação de alguém e me ligou, querendo saber por que você estava mexendo em um caso solucionado dele. Eu disse que estava relacionado a um caso atual seu. Quando vi, estava acordando com uma ligação do diretor, dizendo que agora é Johnson quem está no comando do caso do Assassino Escarlate."

"Que porra é essa?", solto.

Ele faz sinal para que passemos à minha sala. Vejo Hadley, que olha furiosa para Johnson. Ela nunca o viu, mas ele é capaz de irritar qualquer um em questão de segundos.

Assim que entramos, Collins fecha a porta.

"Tem algo de estranho na história toda. O laudo que o legista fez da morte do suposto assassino é simplesmente ridículo. O perfil de Johnson está cheio de buracos e inconsistências, como todo o caso contra Evans. Fora que temos um assassino em busca de vingança à solta, sentenciando à morte homens que moravam na mesma cidade. A vítima mais velha, até onde sabemos, devia ter dezenove anos na época. E a mais nova, quinze", digo a ele, furioso.

Collins se senta, com o rosto pálido. Mas ainda não terminei.

"Agora Johnson aparece para atrapalhar a investigação. O que está acontecendo, Collins? Ele teve alguma coisa a ver com a morte de um homem inocente? Ele errou de propósito no perfil, para incriminar Robert Evans? Não encontro muitas informações sobre o caso aqui. Estamos juntando tudo o que podemos."

Ele balança a cabeça. “Eu me lembro desse caso. Não foi muito divulgado, por conta de umas ameaças terroristas feitas na mesma época, ou algo assim. Lembro porque fui à cidade depois que vários membros da unidade saíram. Metade pediu demissão, se aposentou ou foi transferida, motivo pelo qual abriram tantas vagas ao mesmo tempo. Johnson fechou o caso sozinho. Depois voltou. O julgamento foi bem rápido. Nunca vi um julgamento tão rápido quanto aquele.”

Ele para por um momento e respira fundo, olhando para o nada. Finalmente, prossegue.

“Quando vi, o que restava da unidade se demitiu. Estava decidido que Johnson ia mudar de cargo, não sei por quê. Contrataram um monte de gente. Ficaram um tempão de olho em você, que chegou três anos depois da confusão toda. Aí concluíram que tinham o substituto ideal e se livraram dele assim que você estava pronto para assumir.”

“E agora o diretor manda o cara de volta?”

“Parece que ele mandou Johnson de volta para limpar a bagunça que fez.”

“Johnson parece bem cheio de si para alguém tentando se safar”, disparo.

“Ele não está tentando se safar. Está tentando fazer o diretor se safar. Já faz seis meses que estão querendo substituir McEvoy. Fui abordado várias vezes por funcionários de alto escalão. Eles querem mandar o cara embora e me colocar em seu lugar.”

Eu me sento na mesa enquanto Collins se senta em uma das duas cadeiras perto da porta.

“Então o que fazemos?”

“Quem traça perfis é você. Me diz o que nos tiraria dessa situação e ofereceria a melhor solução possível para um serial killer muito

perigoso.”

Penso a respeito, pesando os fatos e os prováveis resultados.

“Johnson vai insistir que o cara é um sádico, apesar de tudo o que descobrimos. Vai manipular as provas para que seu perfil faça sentido. Então vai escolher alguém que não bate com o verdadeiro perfil. Metade dos casos dele foi anulado por causa disso.”

“Tenho bastante consciência das limitações dele”, Collins diz apenas.

“E se ele adulterou o DNA nas provas...” Deixo as palavras morrerem no ar.

“Se isso tiver acontecido, ele vai ser preso”, Collins promete.

Confio nele. Sempre confiei. Collins não se envolve com política. É das antigas, o tipo de cara que entrou para o FBI em nome da verdade e da justiça.

“Então vou continuar trabalhando no caso com minha equipe. Vou continuar mandando nela. E qualquer retaliação deve cair sobre mim, entendido? Não quero colocar a carreira deles em risco por causa disso.”

“Enquanto isso, eu convoco uma reunião do comitê para ver se consigo voltar atrás nessa decisão absurda. Talvez leve mais de uma semana, mas farei o possível para não deixar o cara te atrapalhar”, ele promete.

“Diga que a responsabilidade é minha, e não da equipe”, repito, encarando-o.

“Como quiser”, Collins diz, com um suspiro. “Espero que não chegue a isso.”

“Ele vai querer ir para Delaney Grove amanhã ou depois”, prossigo. “Vai querer se adiantar, ainda que os assassinatos no momento estejam ocorrendo à nossa volta, e não na cidade. Mas

isso pode acabar funcionando a nosso favor. Talvez finalmente tenhamos respostas quanto ao que aconteceu ali."

Levanto a cabeça e pela janela vejo Johnson indo até o meio da sala para mexer na porra do mural, tirando informações cruciais para o perfil.

"Odeio esse filho da puta", digo, baixo.

Collins se vira e exala em frustração. "Quem não odeia?"

Saio para ouvir o que Johnson está instruindo metade da minha equipe a fazer. Elise e Lisa ainda não chegaram, mas os olhos de Donny encontram os meus, como se começasse a compreender a extensão daquele absurdo.

"Vamos para Delaney Grove em dois dias. Façam as malas. Liguei para o xerife e ele nos convidou a ajudar", Johnson diz.

"Engraçado", Craig observa. "Quando falamos com o cara, ele fingiu que estava tudo ótimo."

Johnson o encara. "Se preocupa em sorrir para as câmeras e deixa o trabalho de verdade com a gente."

Um músculo no maxilar de Craig palpita, e ele olha para mim. Abro um sorriso presunçoso, para informar que tenho meus próprios planos, e ele sorri de volta, mas logo disfarça.

"Temos um sádico", Johnson diz, como eu previa. "Um sádico cujo alvo são machos alfa."

Donny se vira, provavelmente com vontade de rir diante do perfil inadequado. Ninguém discorda. A reputação de Johnson o precede. Ele não sabe trabalhar em equipe, não ouve e não ajusta o curso. É um babaca dominador, que acha que sua palavra é sagrada.

Um narcisista exemplar.

"Kyle Davenport está sob a proteção da polícia local", Johnson prossegue, finalmente dizendo algo que me surpreende.

"Quem é esse?", Donny pergunta.

Hadley se senta, estranhamente calada.

"O filho do xerife. Analisei o perfil das vítimas e ele e mais alguns se encaixam. Davenport é mais alfa que os outros, o que nos faz acreditar que será o próximo alvo."

Donny vem para o meu lado, enquanto Johnson começa a se louvar pelos muitos sádicos que pegou e como é fácil fazer isso quando eles têm um tipo específico de vítima.

"Quanta besteira", Donny comenta comigo. "Não dá para prever quem será a próxima vítima com o pouco de informação que temos."

Esfrego o queixo, olhando para a frente. "A menos que ele saiba o que aconteceu dez anos atrás."

Donny me encara. "Então ele saberia que o assassino não é um sádico."

Assinto. "Mas se você fez uma cagada tão grande que precisou pedir para o diretor te colocar na investigação atual, a última coisa que você quer é assumir que se trata de assassinatos por vingança."

Os olhos de Donny se arregalam e se estreitam em um segundo. "O filho da puta sabe mesmo o que aconteceu. Ele poderia ser demitido e até preso por obstruir uma investigação assim."

"Estou ciente", digo. "Por isso vou tocar esse caso paralelamente. Por ora, vai ser assim. Eu sou seu chefe, e não ele. Siga as minhas ordens, e não as dele. Se for preciso, se tudo der errado, a responsabilidade recairá sobre mim."

"Não estou nem aí se me demitirem por causa desse cretino, Logan. Você não precisa fazer isso sozinho. O cara tem amigos importantes."

"É, mas eu prefiro me concentrar nas provas", digo, dando um tapinha no ombro dele e indo para a minha sala.

Faz pouco que me sentei quando Hadley entra.

“Você deveria levar Lana com a gente para Delaney”, ela diz, sem emoção na voz.

Minhas sobrancelhas se erguem imediatamente. “Como assim? Por que eu faria isso?”

“Bom, pra começar, a gente vai passar um tempo fora, se o cara não estiver perto de acabar. E, pra terminar, Lana ainda se incomoda de ficar sozinha à noite. Ou foi o que ela me disse”, Hadley conclui, dando de ombros.

Fico tenso. Isso é novidade para mim.

“Por que ela não me disse isso?”

Hadley dá de ombros outra vez e se senta. “Ela é durona. Não quer que você saiba, porque você parece se orgulhar da força dela.”

Gemo e passo a mão pelo cabelo. É claro que ela não quer ficar sozinha. Um homem invadiu a casa dela e tentou matá-la. Desde então, moramos em um hotel.

“É melhor ela ficar com uma amiga. Levar Lana para Delaney Grove seria perigoso demais. E contra as regras.”

“Eu concordaria com tudo isso, mas estamos atrás de um assassino motivado por vingança, independente do que o babaca lá fora diga. Você sabe que esses caras não matam mais ninguém a menos que esteja em seu caminho. Ela vai ficar bem. Quanto às regras, o FBI não pode controlar o ir e vir de civis. Estamos num país livre.”

Seus lábios se retorcem, como se ela achasse graça.

“Fora que o otário ia ficar puto se você a levasse e se justificasse assim”, ela acrescenta.

Levar Lana a uma cidade onde um serial killer uma hora vai aparecer... parece extremamente irresponsável e perigoso.

“Por favor, Logan. Lana precisa de companhia, e você é tudo o que ela tem.”

Solto um palavrão e passo a mão pelo cabelo.

"Se o assassino achar que estamos chegando perto demais, pode decidir tornar Lana um alvo, como uma maneira de chegar a mim. É arriscado demais."

"Você sabe que isso é besteira", ela retruca na mesma hora. "Se o cara quisesse vir atrás de você, simplesmente viria atrás de *você*. Ele não tem medo. Não é um covarde, como Plemmons, que preda os mais fracos. Não é um sádico sexual interessado em morenas bonitas. Você não está raciocinando."

Olho para Hadley como se ela tivesse perdido a cabeça. "Não estou raciocinando?", pergunto, incrédulo. "Você está me pedindo para levar uma pessoa sem treinamento para o meio da ação, alguém que recentemente foi atacada por causa do meu trabalho."

Hadley se inclina para a frente, com determinação nos olhos. "Lana conseguiu se salvar sozinha. E me salvou. Você não vai levar ninguém para o meio da ação, ela vai ficar trancada onde quer que você se instale. Não há hotéis em Delaney Grove. Vou falar com Craig para ver exatamente onde vão nos enfiar."

Como essa fosse sua deixa, Craig entra sem esperar convite.

"Ei, que tal me explicar que porra está acontecendo?", Craig diz, fechando a porta atrás de si.

"Estou sugerindo que Logan leve Lana com a gente, porque ela não se sente segura sozinha. No momento, só de viajar ela já se sente exposta. Foi o que ela me disse", Hadley se apressa em acrescentar.

As sobrancelhas de Craig se erguem. "É compreensível, depois de tudo o que ela sofreu. Lana deveria vir junto."

Hadley sorri para mim como uma criança que acabou de ganhar uma discussão quanto a quem fica com um doce. "Você também? Tem noção do perigo que ela vai correr?"

Ele diminui a importância do que eu disse com um gesto. “Um cara matando por vingança e visando homens fortes não vai atacar uma mulher indefesa. Se ele quiser pegar alguém da nossa equipe, vai ser direto. Ele não tem medo.”

“Foi exatamente o que eu disse”, Hadley se gaba.

“Nenhum de vocês é especializado em perfis”, faço questão de apontar.

“Motivo pelo qual não deveríamos ser melhores nisso que você”, Hadley diz, exalando longa e demoradamente, a provocação evidente nos olhos.

“Por que isso é tão importante para você? Primeiro você não confia em Lana, agora quer que ela venha com a gente?”

Seus lábios se tensionam. “As coisas mudam. Fotos são tiradas. Às vezes as mudanças ocorrem rápido demais, dá merda e de repente o agente especial Babaca Maior chega e assume o controle, como se tentasse esconder alguma coisa.”

“O que você quer dizer com isso?”, resmungo.

“Lana vai estar mais segura com a gente do que sozinha”, Craig me diz. Parece que os dois estão contra mim.

Donny entra. Olho para ele, que fecha a porta.

“Não sei o que está acontecendo aqui, mas precisamos definir o próximo passo logo. Ele está no telefone com o xerife, mas, em vez de falar na frente de todo mundo, fechou a porta, dizendo que era particular.”

Donny olha para nós três.

“O que foi?”, pergunta, sem entender a tensão no ar.

“Os dois acham que devo levar Lana comigo, porque ela não tem se sentido segura sozinha.”

“Isso é perfeitamente compreensível. Você devia levar Lana mesmo. Ela não vai correr perigo. Se o cara achar que estamos

atrapalhando os planos dele, vai vir atrás de nós, e não dela", Donny diz, fazendo Craig *e* Hadley se virarem para mim com um sorriso vitorioso no rosto.

"I-na-cre-di-tá-vel."

"Fora que deixaria o capitão Bundão puto", Donny prossegue, ignorando meu comentário.

11

Se nos aferroam, não sangramos? Se nos fazem
cócegas, não rimos? Se nos envenenam, não morremos?
E se nos injustiçam, não nos vingaremos?
William Shakespeare

LANA

Poucos pensadores acreditavam na vingança, mas Shakespeare foi um deles. O cara era um romântico, e românticos sempre acreditam em vingança, porque amam mais, sofrem a perda mais dolorosamente, guardam rancor contra aquilo que despedaçou seu coração. O coração é de extrema importância para os românticos. Está acima de tudo: corpo, alma e mente.

Meu corpo se tornou mais forte e minha mente se tornou calculista quando perdi minha alma para vingar meu coração.

Acho que isso me torna uma romântica.

Estou mandando uma mensagem para Jake, que também é um romântico, quando alguém bate à minha porta e me interrompe.

Logan não bateria.

Cautelosa, espio pelo olho mágico e dou com uma cabeça ruiva, de costas para mim.

Abro a porta, me perguntando o que ela veio dizer desta vez. Quando se vira, percebo que há lágrimas em seus olhos.

Ela passa por mim, abrindo caminho com uma ombrada.

O fardo do meu segredo parece ser pesado demais para ela. Merda.

E agora estou muito perto.

Sem dizer nada, fecho a porta. Ela se senta na cama, e eu me recosto onde estou.

"Sessenta e nove fotos e setenta pregos", ela diz, por um segundo me confundindo. "Algo me diz que você não é ruim de conta."

Quando entendo a que se refere, vou me sentar no canto.

"Está falando de Ferguson?"

"Hoje finalmente tive coragem de abrir o arquivo. Levantei cedo para fazer isso, aí aconteceu um monte de coisa de que precisamos falar depois. Mas a questão é: são setenta pregos e sessenta e nove fotos. O que você fez com a outra, Lana?"

Meus lábios se tensionam. Ela sabe que foto eu peguei. Não sei como vai reagir.

"Eu queimei."

"Por quê?", Hadley pergunta, sem demonstrar nenhuma emoção.

"Porque a mente é frágil. Seus amigos teriam visto e você também. Isso poderia acabar com você. Ouvir que a prova existia não é tão impactante quanto se *enxergar* como aquela criança exposta e vulnerável, e aí descobrir que a evidência esteve lá o tempo todo. O processamento da audição é diferente do processamento da visão. A mente é mais sensível à imagem que ao som. Eu não queria você em frangalhos. Não queria que ele ganhasse mesmo morto. Então queimei a foto."

Ela enxuga as poucas lágrimas que conseguiram rolar por seu rosto.

"Estou com você", Hadley diz, baixo. "No que precisar, pode contar comigo."

Isso... me confunde ainda mais.

“Por quê?”

“Porque uma psicopata não se importaria com alguém que, admito, dificultou seus planos. Isso demonstra compaixão genuína. Entra em conflito óbvio com a personalidade psicopata.”

“Tenho tendências psicopatas, mas não sou uma psicopata”, digo, com um suspiro. “Eu já tinha dito isso.”

“É, mas não acreditei até ver sessenta e nove fotos e setenta pregos. Agora acredito que você é apenas uma pessoa se vingando de injustiças. E se tem alguém que é capaz de se identificar com a necessidade de matar os demônios desse mundo que não vão morrer sozinhos, sou eu.”

Solto o ar de maneira pesada. Até este momento, não tinha me dado conta de como a indecisão dela vinha me afetando.

Agora está tudo em seu devido lugar, sem a ameaça de ruir.

“E aí o agente especial Miller Johnson apareceu hoje. Não que eu precisasse de mais sinais.”

O nome basta para que meu corpo se enrijeça, e ela percebe.

“Ele encobriu tudo, não foi?”, Hadley pergunta, lendo bem minha reação.

“Johnson fez mais do que isso.”

“O que você não me contou?”

“Contei tudo o que aconteceu antes. Não contei nada sobre o que aconteceu depois. Isso você vai ter que descobrir com o restante da equipe.”

“Por quê? Por que não conta tudo ao pessoal em um bilhete ou coisa do tipo?”

Eu me inclino para a frente. “A mente é frágil e delicada”, digo. “Descobrir através de uma carta ou de um assassino tem um impacto menor do que descobrir através de alguém se torturando por causa de um segredo guardado. Várias pessoas sabem dessa

história, Hadley. Encontre uma que a conte a você. Sem mencionar que preciso que a cidade continue parecendo assombrada. Quanto mais demorar para a história ser revelada, mais perguntas você e sua equipe farão. E mais pessoas tremerão de medo."

"Você quer esse medo", ela afirma, me avaliando.

"Não posso matar todos", digo, dando de ombros. "Mas posso aterrorizar todos, e isso é o que transmitirá o recado para nunca mais ficarem em silêncio quando inocentes gritarem por ajuda."

Hadley assente uma vez, tentando não demonstrar quão desconfortável a ideia a deixa. Ela vai mudar de ideia quando finalmente for a Delaney Grove.

"Convenci Logan a levar você para Delaney Grove com a gente", Hadley diz, o que me choca.

"Por quê?"

"Você não vai conseguir andar pelo lugar sem ser reconhecida com a gente lá. Fora que seu rosto estampou os jornais depois da história do Bicho-Papão. As pessoas vão saber quem você é e desconfiariam se você estivesse na cidade sem ser na companhia de Logan."

Já pensei nisso. Minha ideia era aparecer para fazer uma "surpresa" a Logan.

"Ele vai passar bastante tempo fora, trabalhando no caso. Parece que vamos ficar em umas cabanas que o xerife aluga."

Meu estômago se revira. "As cabanas ficam nos limites da cidade, à beira da floresta. Se ele achar que vocês estão chegando perto demais de descobrir o que aconteceu, vai pegar um de vocês e tentar fazer parecer que fui eu. Bom, o assassino", digo.

"Não somos bobos. Vamos saber se foi o Assassino Escarlate ou não. E ninguém da nossa equipe vai morrer. Vou garantir isso, nem

que tenha que hackear todas as câmeras da cidade e assistir vinte e quatro horas por dia, me mantendo acordada à base de café."

"Não tem câmeras na cidade."

Ela balança a cabeça. "Tem que haver alguma."

"Verdade. Tem algumas. Dão para estacionamentos e para o interior de lojas. Só isso. O ângulo em que estão posicionadas impede ver qualquer coisa na rua. Pode confiar em mim. Estudei a cidade quando decidi o que precisava fazer."

Hadley pisca.

"Por que não tem câmeras?"

"Porque a mente é frágil", repito. "É mais fácil fingir que as palavras que ouve são apenas rumores ou mentiras. É menos fácil ignorar algo que se viu. E há muita coisa que o xerife não quer que ninguém veja."

Ela solta o ar de maneira trêmula.

"Foi o xerife que matou aquelas mulheres? Foi ele que cometeu os crimes pelos quais culparam seu pai?", Hadley me pergunta, e meu estômago se revira.

Antes que eu possa responder, Logan entra, mas para ao se deparar com nós duas juntas. "Você já contou?", ele pergunta, estreitando os olhos para Hadley.

Diferente da última vez em que nos vimos nessa situação, ela não se atrapalha toda. Só abre um sorriso provocador. "Talvez."

Logan revira os olhos, depois me encara, com uma expressão mais branda.

"Estou indo resolver umas coisas, mas por você tudo bem ir? Você não poderia sair à noite. Talvez se sinta meio presa, mas pelo menos vou poder te ver mais."

Por que ele parece tão preocupado comigo?

Olho para Hadley, que só pisca para mim, toda inocente. Volto a

olhar para Logan.

"Prefiro estar com você a ficar aqui sozinha. Talvez você demore pra voltar, pelo que Hadley disse."

Logan assente, sério, e eu me levanto quando ele começa a vir em minha direção. Quando nos aproximamos, ele me abraça como se sentisse que preciso ser reconfortada. Retribuo o abraço, olhando por cima de seu bíceps para Hadley, que parece achar graça.

O que está acontecendo?

"Você devia ter me dito que não quer ficar sozinha agora. Apesar de lá também ter que ficar. Não sei o que fazer", Logan diz, parecendo exausto e dominado pela culpa.

Olho para Hadley, que apenas sorri para mim.

"Vou ficar bem", garanto, abraçando-o com mais força, pensando em todas as maneiras como posso fazer Hadley pagar. "Eu prometo."

Logan se afasta e levanta meu queixo para conseguir olhar nos meus olhos. Sinto que o estou enganando e odeio isso.

"Arruma as malas. Partimos amanhã."

"Amanhã?", Hadley pergunta, enquanto meus olhos se arregalam. "Pensei que fôssemos levar alguns dias."

"O agente especial Johnson decidiu que precisávamos ir mais cedo depois de falar com o xerife. Talvez tenhamos algumas respostas quando chegarmos lá", Logan diz. "Faz as malas também. A gente precisa de um minuto."

Hadley levanta da cama, e eu tento me conformar com o que ela fez. Como vou escapar para matar duas outras pessoas antes de voltar para a cidade?

Eles ainda não encontraram Kevin e Anthony.

Acho que vou ter que escolher um e deixar o outro para depois.

Morgan foi pior que Jason. Jason morrerá quando a hora chegar. Só não na ordem que planejei.

"Se vamos amanhã, preciso pegar umas coisas em casa. Também preciso falar com meu sócio e resolver algumas pendências do trabalho. Volto hoje à noite", digo, deixando que ele me abrace mais forte.

"Você devia mesmo ter me contado como estava se sentindo. E eu deveria ter notado. Traçar perfis é meu trabalho, pelo amor de Deus. É minha obrigação perceber esse tipo de coisa."

Vou matar Hadley. Não literalmente. Bom, talvez um pouco.

Eu o abraço mais forte e beijo seu peito, por cima da camisa. Seu cheiro é uma delícia.

O cabelo loiro de Logan está sempre bagunçado ultimamente, pelo costume de passar a mão por ele em sinal de frustração. Isso é algo que notei sobre ele.

"Eu estou bem, Logan. De verdade", digo, aplacando sua sensação de culpa. Independente de suas boas intenções, Hadley não tinha o direito de fazê-lo se sentir culpado, e isso me deixa puta.

Logan beija minha testa, e eu me inclino em sua direção, absorvendo o calor que ele parece irradiar. Sempre que Logan me abraça assim, parece que está dividindo sua alma comigo, ajudando a restaurar a minha.

Ele conseguiu o que ninguém mais foi capaz em dez anos: fez com que eu começasse a me curar.

Sou capaz de morrer para que nada aconteça com ele e não vou deixá-lo sozinho naquela cidade, despreparado para perigos que não sabe que existem. Logan ainda não presenciou perversão de verdade e não vai acreditar. Ainda não. Não até que esteja desesperado por respostas.

Então a ficha vai finalmente cair. Então a sensação vai ser de um

nocaute, e não de um jab simples na barriga.

"Tenho que ir mesmo, mas faz a mala. Devo voltar tarde. Me liga se precisar de mim que eu chego o mais rápido possível", ele diz baixinho.

Eu o beijo para calar sua boca, para que saiba quão bem faz com que eu me sinta. Eu o beijo por muitos motivos, todos emaranhos em uma frase de cinco letrinhas, simples, inócua, que detém mais poder do que eu imaginava.

Agora sei por que meu pai nunca conseguiu seguir em frente após a morte da minha mãe.

Ele era um romântico.

E um verdadeiro romântico nunca se recupera da perda de um amor.

As mãos de Logan deslizam para a minha bunda, então seu celular toca, nos impedindo de ir além. Gemendo, ele verifica a tela e revira os olhos.

"Mais um motivo para odiar esse filho da puta", Logan diz, me deixando confusa. Então leva o aparelho à orelha e diz: "Já estava com saudade de mim, agente especial Johnson?".

Forço meu corpo a não ficar tenso só de ouvir o nome. Escondo o rosto para não revelar qualquer expressão que poderia me entregar. Continuo beijando o peito de Logan, enquanto sua mão livre acaricia minhas costas, um gesto distraído e carregado de sentimento.

Me tocar e abraçar, me reconfortar mesmo quando não preciso se tornou algo natural para ele. Nunca pensei que eu me sentiria assim à vontade com alguém. Nunca pensei que alguém como ele existia.

"O que eu faço não lhe diz respeito, agente especial Johnson", Logan o corta, e um sorriso estica seus lábios. "Não se esqueça de

que você não é mais meu chefe."

Meu estômago se revira, então eu me lembro de que faz apenas sete anos que Logan trabalha para o FBI. Ele não teve nenhum envolvimento com meu caso.

Volto a relaxar.

"Você vai saber quando eu voltar. Meu cabelo é loiro-escuro e tenho uns cinco centímetros a mais que você. Não costumo passar despercebido."

Sorrio em seu peito, sem deixar que ele veja. Adoro que Logan não seja obediente como outros foram.

Embora ainda dê para ouvir alguém falando do outro lado, Logan desliga. Continuo escondendo meu sorriso quando os braços dele me envolvem novamente. Passamos mais um minuto assim.

"Posso te perguntar uma coisa?", ele pergunta baixinho.

"Pode."

"Por que você nunca fala do passado? Fico sempre esperando que você se abra, mas às vezes tenho medo de que você continue me mantendo de fora se eu não insistir."

O sangue em minhas veias gela. "Agora, não. Hoje, não. Assim, não", digo, um pouco rouca. "Mas prometo que um dia você vai saber de tudo."

E espero, contra todas as probabilidades, que ele continue me amando depois de saber.

Logan me abraça mais forte, e eu ignoro a pontada no peito.

"Preciso voltar. Alguém pode acabar matando Johnson se eu não estiver lá para impedir."

Percebo que seria esperado que eu perguntasse alguma coisa, sugerindo que não sei de nada, ou ele poderia desconfiar de algo.

"Johnson?", repito, me fazendo de inocente. Logan suspira e se afasta.

Ele me beija rápido, porque não pode correr o risco de acabar prolongando a coisa. Quando já está indo para a porta, diz: "É uma história longa pra caralho. Talvez eu finalmente tenha mais tempo para ficar com você depois que resolvermos esse caso".

"Como assim?", pergunto, confusa de verdade agora.

Logan se vira e abre um sorriso rígido. "Enfrentar Johnson para impedir que acoberte alguma coisa provavelmente vai pôr um fim na minha carreira."

Ele vai embora, deixando o suspense no ar, como se não houvesse nenhum problema nisso.

Preciso matar uma pessoa bem mais rápido do que eu pretendia, então vou logo me trocar. Calço os tênis que logo substituirei por botas, se preciso.

Vou até o quarto de Hadley e bato na porta. Ela a abre e sorri para mim.

"O que você disse a Logan?", pergunto, já entrando.

"Que você estava traumatizada com a história do Bicho-Papão. Era a maneira mais fácil de fazer Logan te levar junto."

Olho feio para ela. "Não estou traumatizada."

"Pois é. Só que uma mulher normal estaria. Eu mesma continuo com medo de ir para casa e dormir lá, e não foi nem a minha que o cara invadiu. Ainda me sinto violada."

"Agora Logan está se sentindo culpado. Não fingi que estava abalada porque não queria que ele se sentisse culpado. Prefiro despertar suspeitas a magoar Logan. Não quero que ele carregue um peso desnecessário."

O sorriso dela fraqueja. "Essa não era minha intenção", Hadley diz, séria. "Merda."

Ajusto a postura e verifico as horas. "Tenho algo a fazer. Quando voltar, você vai me explicar por que a carreira de Logan pode estar

em risco."

Seus lábios formam uma linha fina, o que indica que ela sabe do que estou falando.

Decido que a morte de Morgan pode ser adiada alguns minutos.

"O que foi?"

"Miller Johnson é o 'padrinho' da nossa unidade. Ele tem certa influência sobre uns figurões. Não demitiram o cara mesmo depois de todas as cagadas que ele fez: só o mudaram de departamento. O diretor está deixando o protocolo de lado descaradamente para que Johnson continue encobrindo o que quer tenha acontecido na sua cidade. Se Logan não colaborar, vai ter que enfrentar esses figurões, que podem acabar com a carreira dele no FBI."

Sempre odiei corrupção. Foi um dos motivos pelos quais iniciei minha jornada. Ninguém faria nada.

Ninguém além de mim.

"Você não pode sair matando todos os funcionários do FBI que forem contra ele", Hadley aponta diante da minha expressão.

Não vejo por que não poderia.

"Eu sei", digo, só para agradar.

Faço menção de ir embora, mas Hadley me segura pelo cotovelo. Quando olho para o ponto de contato, ela me solta na mesma hora, ainda com um pouco de medo de mim.

Eu a encaro. "O que vai acontecer quando tudo terminar?", Hadley pergunta, timidamente.

"Na melhor das hipóteses, Logan não fica sabendo desse meu lado. Descobre a verdade, mas é compreensivo, ainda que não tenha uma moral tão tortuosa quanto a minha. Na pior, ele é o responsável pela minha queda. Porque eu nunca o machucaria, Hadley."

Seus olhos procuram os meus, atrás de algo específico.

“Os números apontam que quase todos os serial killers motivados por vingança morrem no fim de sua cruzada, Lana. Em geral, se suicidam para não serem pegos, ou são mortos pela polícia para proteger outras pessoas. Porque a vingança é tudo em que eles pensam.”

“Conheço as estatísticas”, digo, mantendo o tom de voz e a expressão desprovidos de emoção.

“Não se atreva a obrigar Logan a ser o responsável se isso acabar acontecendo. Está me ouvindo? Prefiro fazer eu mesma a deixar que ele viva com isso”, Hadley avisa, me lembrando do lado da lei em que está acostumada a ficar.

“Eu me mataria antes de obrigar Logan a fazer isso”, retruco, com uma voz rouca que não consigo disfarçar.

Ela pigarreia.

“Mas esse não é o seu objetivo, é? Morrer e imortalizar sua mensagem?”

Balanço a cabeça, devagar, sem saber o que dizer.

Ela relaxa visivelmente.

“Você precisa saber de algo antes de ir para as profundezas do inferno”, digo, olhando para ela, percebendo como se torna ainda mais leal a mim.

“Do quê?”

“O xerife é dono de *tudo* no condado. TV a cabo? Há uma única empresa que oferece: a dele. Quer internet? A única empresa que fornece é dele. Ninguém ‘de fora’ pode fazer negócios na área. A coisa fica feia para quem tenta. Quer água? É do reservatório dele, e não do reservatório da cidade ou do condado. Quer comida? Ele é dono de todos os mercados do condado. Quer combustível? Bom, você entendeu. O cara também é dono de todos os hospitais. Por isso meu irmão levou a gente para tão longe. Ele sabia que ou a

demora no atendimento nos mataria, ou morreríamos por ficar em Delaney County. O condado recebeu o nome *em homenagem a* Delaney Grove. Ele fez isso no dia em que assumiu como xerife, seguindo os trâmites legais para oficializar a mudança."

"Então você está dizendo que o cara tem o monopólio de basicamente tudo que não o ar, e ninguém impediu isso?", ela pergunta, incrédula.

"Estou dizendo que ele tem amigos influentes e ganha muito dinheiro para esses amigos. Não se trata apenas de Delaney, Hadley. Senti isso na pele. A mão dele está em tudo. O cara é o chefe e o xerife de todo mundo. Para eles, é intocável. Por causa disso, não há muitos dispostos a se voltar contra ele. Principalmente considerando que o cara se vangloria de sua retidão para esconder seus pecados."

"Por que Delaney?", Hadley pergunta, sem entender.

"Os antepassados dele foram os primeiros a povoar a região. O sobrenome do cara pode ser Cannon, mas ele vem do tipo mais influente de gente. E usa isso em sua vantagem, lembrando os outros de suas raízes sempre que alguém o enfrenta. E Kyle... Kyle é um monstro que ele criou à sua imagem."

Hadley parece pensar por um momento. "Por que o sobrenome de Kyle é Davenport, e não Cannon?"

Inclino a cabeça. "Porque o xerife *jamais* daria seu nome a Kyle. Nem seu próprio filho é bom o bastante para ele. Uma única pessoa foi."

"Quem?", Hadley pergunta, quando já me dirijo à porta.

"A filha dele", digo, me virando em sua direção quando meus pés param. "Ela é o motivo pelo qual meu pai foi condenado."

"Como assim?"

"Você vai ter que esperar para ver, agente Hadley."

Volto a me virar e me afasto. Ouço Hadley soltar o ar, frustrada.
“Aonde você vai?”, ela pergunta quando abro a porta.
“Comprar lubrificante.”
“Eu preferiria não saber”, Hadley resmunga enquanto saio.

12

Ela pode ser pequena, mas é impetuosa.
William Shakespeare

LANA

Encaro meu futuro, mesmo sabendo que é sombrio. O que vai acontecer com eles? Já perderam a mãe, e agora os pecados alheios recaem sobre mim, destruindo o que resta da nossa família com suas mentiras e insinuações.

Eles se tornarão párias. Receio que meu nome os prejudicará. Minha filha é impetuosa, não para de lutar por mim. Meu filho está fragilizado, mal segura as pontas.

Victoria é quem mais me preocupa. Meu filho vai sentir minha perda, mas vai se recuperar. Minha filha nunca vai parar de lutar por mim. Isso pode colocá-la em perigo. É óbvio que devo servir de bode expiatório aqui. Só não entendo por quê.

Por que isso está acontecendo? Por que está acontecendo conosco? Já não sofremos o bastante?

Se eu pudesse pôr fim à minha vida e poupá-los do restante do julgamento, faria isso.

Mas, se fizer isso, estarei ensinando os dois a desistir. Estarei estabelecendo um precedente que minha esposa nunca aprovaria.

Então vou lutar. Vou rezar. E vou torcer, contra todas as probabilidades, para que a verdade prevaleça.

Pelo bem dos meus filhos, eu vou lutar.

Fecho o diário e o coloco na mala enquanto o sol se põe. Toda vez que preciso ser lembrada de por que é importante lutar sempre, leio o diário de um homem que não teve escolha a não ser lutar. Lutar por seus filhos.

Lutar por nós.

"Você continua aí, Lana?", Jake pergunta, irritado. Apoio o celular entre o ombro e a bochecha.

"Continuo aqui", digo.

"Não estou gostando disso. Ainda nem instalei as câmeras. E Morgan é professor de MMA, pelo amor de Deus. Você vai entrar às cegas na casa de um cara que sabe lutar."

"Todos eles sabem lutar", digo, sem dar importância.

"Não como Morgan. E você sabe disso. Está apressando as coisas, ficando ousada demais. Chegou a um ponto em que se acha indestrutível. Falamos a respeito. Concordamos que você me deixaria te segurar se você criasse esse complexo."

Jake está frustrado, e eu entendo. No segundo em que me apaixonei por Logan, todos os nossos planos se tornaram umas cinco vezes mais complicados e umas sete vezes mais tortuosos. Sem mencionar corridos e desleixados.

"Preciso ir para lá amanhã. Morgan tem que morrer hoje à noite. Não posso deixar os dois fugirem depois de descobrir o que fiz com a cidade. Vai ser mais difícil matar os dois depois. Bom, mais difícil matar os dois e não virar o foco da atenção do FBI."

"Droga, Lana. Me deixa cuidar disso."

"Não", digo na mesma hora. "O Assassino Escarlate, como me chamam, não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, ou vão saber que tenho um cúmplice. Isso estragaria tudo. Aquela cidade já me chamou de cria do diabo e estava falando sério. Eles acreditam mesmo nisso. E quando eu acabar, vão acreditar em

espíritos e demônios voltando para ceifar suas almas. Não posso matar todos de medo sem a sua colaboração."

Ele diz um palavrão e resmunga. "Tá. Merda. Tá. Chego em vinte minutos. Deixa o celular ligado. Se você se meter em encrenca, vou ouvir e entrar armado."

"Eu dou conta do cara", prometo.

"Você anda convencida demais."

"Você perdeu a fé em mim", digo com um sorriso.

"Não perdi. Só não quero perder minha irmã para um deles porque ela foi descuidada", Jake retruca.

"Pelo menos não vamos precisar nos arriscar a passar mais tempo na casa tirando as câmeras de segurança."

"Ainda não consigo acreditar que não se deram conta de que observamos os caras. Me refiro ao FBI."

"Dois buraquinhos nas paredes não são suficientes para desconfiarem da instalação de câmeras, considerando que a Agência Nacional de Segurança deveria ser a única a contar com essa tecnologia."

"Se eles querem manter essa tecnologia em segredo, precisam dificultar o hackeamento."

Reviro os olhos, sorrindo. "Quem anda convencido demais agora?"

Ele usa uma palavra nada lisonjeira para me descrever, e meu sorriso se alarga.

"Você sabe que a pior coisa que pode acontecer não é apenas sua morte. Se ele te dominar... Você estudou o cara tanto quanto eu. Sabe que não foi a única mulher que ele machucou."

Meu sorriso desaparece quando uma fúria gelada me varre. "Eu sei. Assim como sei que o pai dele é amigo do governador, então

todas as acusações desaparecem e todas as mulheres são tachadas de putas mentirosas. Certo?"

"Só toma cuidado", Jake diz, com um suspiro. "Encurrala o cara primeiro. Depois se diverte."

Isso traz o sorriso de volta ao meu rosto.

"Vou lá."

"Deixa o celular ligado."

"Sim, senhor!", digo, como se estivesse no Exército.

"É sim, senhor, senhor. Mas tudo bem."

Devagar, enfio o celular no bolso e entro para matar uma última vez antes de ir para casa matar muitos mais.

Vou pintar a cidade de vermelho. Assim como eles pintaram as ruas com nosso sangue.

Pego minha bolsa, saio e troto pela rua.

"Não se esqueça de ir para Delaney Grove para começarmos a fase um", digo, no fone com Bluetooth.

"Tá, pode deixar. Faço isso assim que sua imprudência não te custar a vida", Jake diz no meu ouvido, alto demais.

Abaixo o volume e diminuo o ritmo ao me aproximar da casa de Morgan. Pela janela, eu o vejo andando pela casa só de cueca, sem nenhum pudor.

Felizmente, ele está a um quilômetro e meio de seus vizinhos mais próximos, então a menos que alguém nos surpreenda devo terminar rapidinho. Odeio ter que apressar as coisas. Planejei dias e dias de tortura.

Agora, preciso improvisar e concentrar a tortura em um único método. É a única maneira de dar conta.

"Entrando", sussurro.

Giro a maçaneta da porta da frente. Está destrancada, o que não me surpreende. Morgan se acha foda, como se não pudessem

machucá-lo. Se alguém se sente invencível, é ele.

Entro e faço uma careta quando a porta range. Paro e fico atenta, mas não ouço nada que indique que ele está vindo.

A casa está praticamente em silêncio. Deixo a porta entreaberta, para não correr o risco de que ranja novamente.

Jake não diz nada, e eu cubro o fone de ouvido com o cabelo. Levei em conta todas as possibilidades e tenho um plano diferente para cada uma.

Quando viro, meu coração dispara e meus olhos se arregalam ao deparar com o cano de uma arma, algo que eu *não* estava esperando.

"Caralho!", Morgan grita, baixando a arma, mas ainda a segurando. Ele me observa, confuso. "Porra, garota. No que estava pensando, entrando assim na casa de alguém?"

Engulo a surpresa e me dou conta de que Jake quase acertou em cheio. Morgan continua me olhando, parecendo confuso. Ele vai dar um tiro na minha cabeça se descobrir quem sou.

"Desculpa", digo, com a voz intencionalmente aguda.

Morgan não tem medo de mulher. Na cabeça dele, sou indefesa. É assim que ele pensa. As mulheres embaixo dele podem ser facilmente dominadas.

"Meu carro quebrou, e essa foi a primeira casa que encontrei", prossigo, levando a mão ao coração, que bate rápido demais.

Ele olha para meu decote, e seus lábios se alargam lentamente em um sorriso. *Pois é, fiz isso especialmente para você. Sei do que gosta. Sou sexy, não perigosa. Continua pensando assim e larga essa arma.*

"Ah é?", ele fala, voltando a acionar a trava de segurança do revólver.

"É. Eu vi a luz acesa." Puxo o cabelo para trás e aponto para o fone. "Meu celular morreu, e preciso ligar para alguém. A menos

que você entenda de carro."

Ele lambe os lábios, ainda de olho no meu decote.

Alguém me dá um soco, e eu grito de dor, sem conseguir conter as lágrimas dessa vez. Algo quente escorre pelo meu rosto. Sei que é sangue. Sei que ele quebrou alguma coisa.

"*Porra, Morgan, não fode com o rosto dela ainda*", *Kyle o repreende.* "*Quero mais e não consigo gozar com esse sangue. Não sou que nem o filho da puta doentio do pai dela. Fora que ainda não é sua vez de novo.*"

Mais lágrimas deixam meus olhos enquanto Morgan se deita sobre mim. "*Continua preocupado com o rabo do irmão dela. É onde sua rola deveria estar.*"

"*O que foi que você disse?*", *Kyle grunhe.*

"*Você me ouviu. Você pode gostar de meter o pau em qualquer coisa apertada, mas não vem me dizer onde meter o meu. Prefiro boceta a cu mil vezes. E ainda mais cu de homem, seu viado.*"

Kyle dá um passo na direção de Morgan, que abre um sorriso atrevido. O filho do xerife pode estar no comando, mas Morgan é o único que não apresenta comportamento de manada. Kyle sabe disso, mas deixa para lá, ainda que talvez tenha vontade de matar o desgraçado em cima de mim por não saber qual é seu lugar.

Morgan só veio me comer. Não veio me punir, como os outros.

Ele estava esperando pelo dia em que conseguiria fazer isso.

Suas mãos massageiam meus seios, e ele solta um gemido satisfeito. "*Sempre quis sentir o gostinho*", *ele diz, colocando um deles na boca.*

Estou entorpecida demais para sentir alguma coisa. Ou pelo menos é o que minha mente me diz. Estou cansada de sentir. Quero ficar entorpecida pelo resto da vida.

Mãos fortes seguram as minhas, me prendendo no lugar, mas eu parei de lutar, então nem há necessidade disso. O soco na minha cara me deixou

atordoada e acabou com a força que eu tinha para lutar.

"Pelo menos eu trouxe lubrificante", Morgan diz no meu ouvido, entrando e saindo, enquanto tento fingir que estou em outro lugar. "Estou fazendo gostoso e você me morde, porra?", ele sibila no meu ouvido. "Quero que seja bom pra você também, linda. Eu não precisaria bater em você se tivesse me beijado, em vez de tentar me morder", Morgan insiste, enquanto suas investidas ganham velocidade. "Quero que você goze. Quero que você saiba que fui eu que te fiz gozar. Quero que você mantenha os olhos fechados pelo restante da noite e me veja entrando e saindo de você, mesmo quando não for a minha vez."

Meu estômago se revira. Eu engulo o vômito.

"Você vai amar cada segundo que eu estiver dentro de você." Ele tira o meu cabelo da frente. "Só se lembra de que eu poderia ter impedido tudo isso se você tivesse parado de resistir a mim lá atrás."

Ele para, dentro de mim, e estremece ao gozar. Fico olhando para o lado, para o nada, enquanto os lábios de Morgan passeiam pelo meu pescoço. Com o lubrificante, a dor é mais suportável, mas para não chorar preciso visualizar alguém vindo nos salvar. Alguém vindo cortar a cabeça de Morgan enquanto ele ainda está dentro de mim.

Assim, vou vê-lo morrer sempre que fechar os olhos e vou conseguir dormir melhor à noite.

"De quem é a vez?", Morgan pergunta, rindo ao apalpar meus seios uma última vez.

Não luto nem quando sou virada no concreto, para o próximo não precisar ver meu rosto ensanguentado. Estou cansada de ver. Estou cansada de respirar.

Só quero que tudo acabe.

"Então você está sozinha?", Morgan pergunta, enquanto seus olhos passeiam pelo meu corpo. Quando assinto, ele faz *tsc-tsc* e

diz: “Então o destino deve ter trazido você aqui”.

Ele dá um passo na minha direção, sem deixar a arma de lado. Desarmá-lo vai ser difícil. Ele não é tão inexperiente quanto Hadley.

Deixo que Morgan me segure pelo pescoço. Finjo estar chocada quando ele me pressiona contra a parede. Grito, fingindo dor, quando ele enfia um joelho entre minhas pernas. Só ajo quando ouço a arma indo ao chão.

Então meus lábios se curvam em um sorriso, e eu imito o *tsc-tsc* que ele fez antes. Sua testa se franze em confusão segundos antes que eu estique um braço e a base da minha mão acerte seu nariz, mandando sangue para todo lado enquanto ele cambaleia para trás.

“Esperei bastante tempo para retribuir o favor”, digo, tirando o fone de ouvido e o deixando de lado.

Morgan olha para mim, e eu vejo a fúria assumindo o controle. Pessoas irritadas atacam sem nenhuma sutileza.

Como esperado, Morgan ataca, e eu dou uma joelhada no tronco dele, depois uma cotovelada em sua nuca. Ele bate na parede, atordoado, cambaleia e cai. Antes que o cara possa se recuperar, pego o cabo na minha bolsa e o passo em seu pescoço, enforcando-o por trás. Morgan se debate, se levantando, o que me força a montar em suas costas e enforcá-lo com ainda mais força.

Ele me bate contra a parede, mas eu não solto, e a dor nunca vem. Minha tolerância é muito maior que a dele.

“Você me fez assim”, sussurro.

Pelo espelho à nossa frente, eu vejo a confusão em seus olhos. Ele não faz ideia de quem eu sou.

Eu o solto quando ele cai no chão, não inconsciente, tampouco consciente o bastante para contra-atacar.

Com alguns movimentos rápidos, algemo suas mãos e uso o cabo

para amarrá-lo a uma viga na sala de estar. Depois amarro seus pés e pego minha pistola elétrica de pregos da bolsa grande.

Um grito de gelar o sangue escapa de sua garganta quando uso a pistola de pregos pequena e potente em seus pés, prendendo-o no lugar com tiros em rápida sucessão. Então pego o lubrificante enquanto ele chora.

"Quem é você, porra?", Morgan pergunta.

Um soluço de agonia lhe escapa quando ele tenta se mover. Os pregos são compridos demais para que Morgan os arranque sem rasgar os próprios pés.

"Não se preocupe, Morgan", digo, sorrindo enquanto passo o gel em seu peito nu. "Eu trouxe lubrificante. Quero que você curta. Vai ser gostoso quando eu estiver dentro de você."

Com um golpe certeiro, cravo a faca na lateral de seu corpo, e ele solta outro grito horripilante. Percebo o instante em que ele entende quem eu sou.

"Não é gostoso?", brinco.

"Não", ele diz, balançando a cabeça. "De jeito nenhum. Não é você."

Eu me inclino e levo a boca a sua orelha. "Você devia ter me salvado, anos atrás. Aí eu poderia salvar você."

Com essa última provocação, baixo a cueca dele e calço luvas antes de passar lubrificante no cara. Ele é tão doente que seu pau está duro. É a primeira vez que isso acontece.

Ele me observa, provavelmente pensando que vou fazer outra coisa. O ferimento que fiz não é letal. Sei onde atingir para provocar dor sem matar.

Morgan sente muita dor, mas é tão depravado que não parece se importar. Não até que eu pegue outra faca e a passe lentamente por seu tronco lubrificado, cortando um pouco, mas não de fato.

Ele prende a respiração quando chego àquilo que mais valoriza.

"Não", Morgan sussurra, o pânico empalidecendo seu rosto quando ele vê o que vou fazer. "Não tive nada a ver com o que fizeram com Marcus. Juro que não fui eu."

"Você segurou o espelho. Você riu quando Kyle o cortou. Você encorajou Kyle a se redimir diante dos seus olhos. Foi por sua causa que aconteceu. Por que deveria ficar com o seu pau?", pergunto, ouvindo-o gritar de medo quando passo a faca pela lateral.

"Não! Por favor! Eu imploro, caralho!"

Um sorriso deliciosamente sombrio curva meus lábios. "Eu me lembro do que você disse quando imploramos. *Os dois que se fodam. Mata os dois.*"

Então eu corto, fazendo força para decepar o membro mais duro entre os que decepei.

O grito dele corta o ar, mas suas súplicas não são ouvidas. Como as nossas não foram.

O sangue começa a escorrer, e eu esvazio três tubos de lubrificante sobre ele, que chora, perdendo a cor tão rápido quanto perde sangue. O pênis sangra mais, e mais rápido, quando está duro. Interessante.

Só para bancar a maníaca completa, finco a faca no membro decepado que larguei ao lado dele. Morgan grita sem parar, e eu saio rindo.

Tem dois galões de gasolina à espera. Jake fez como prometeu. Depois de ouvir como eu estava me saindo, deve ter ido para Delaney Grove para executar a primeira parte do nosso plano.

Cantando enquanto Morgan chora e se engasga com o próprio vômito, espalho gasolina pela casa, depois por seu corpo.

"Dizem que a maneira mais dolorosa de morrer é queimado.

Quem será que se voluntariou para descobrir?", comento, animada.

Morgan balança a cabeça, tentando formar as palavras, mas sente dor demais, a agonia e o choque avassaladores.

Risco o fósforo, e seus olhos se arregalaram uma última vez.

"Nem precisei ouvir você confessar seus pecados", digo, baixo.

Fico vendo a chama consumir devagar o palito, até quase chegar aos meus dedos, então o atiro no corpo dele. Começo a me afastar, devagar, ouvindo o rugido do fogo se espelhando pelo rastro de combustível.

"Logo, todos vão arder em chamas", digo ao sair.

13

Foras da lei são aqueles que fazem de sua vontade a lei.
William Shakespeare

LOGAN

"O que tem depois dessas árvores?", pergunto ao xerife, que faz questão de me ignorar.

O cara tem pelo menos um metro e noventa, o que significa que temos quase a mesma altura. Parece passar mais tempo na academia do que qualquer outro xerife que já conheci. Também tem mais gente trabalhando com ele do que qualquer outro xerife de cidade pequena que já conheci.

O prédio da prefeitura é grande o bastante para abrigar toda essa gente, e pelo visto Delaney Grove é o quartel-general do condado, por assim dizer. O departamento de polícia da cidade conta com cinco policiais, enquanto o condado conta com muitos mais.

Para que vinte e três policiais em um condado tão pequeno?

"Fiz uma pergunta", digo, com toda a minha autoridade, olhando para o homem com cabelo grisalho e olhos de peixe morto.

Eu devia ter vindo antes. Não fazia ideia do quanto. No pouco tempo em que estou aqui, já vi bastante coisa que Leonard e Elise deixaram passar em sua visita.

"Quatro ou cinco cabanas de caça, e a natureza selvagem, com que vocês, da cidade, não vão querer se misturar", o cara diz com um tom claramente condescendente.

Ele volta a se virar para Johnson, depois se dirige a um de seus subalternos. “Mostra tudo pro pessoal. Vou voltar ao forte com o agente especial Johnson.”

“O forte?”, Elise pergunta.

“É como chamamos a prefeitura”, um policial explica, sorrindo para Elise como se ela fosse o tipo dele.

Craig ri, e ela olha feio para o colega.

Fico feliz em me livrar do xerife e de Johnson, então não reclamo de ser deixado para trás.

“Tá”, Elise murmura para o cara, que continua sorrindo para ela, como se tivesse coraçõezinhos nos olhos. “Eles realmente não têm nenhuma mulher por aqui, tem?”

“De uniforme, não”, o cara diz, vindo atrás de nós quando vamos dar uma olhada na floresta.

Uma cabana de caça seria ideal para o assassino. Ele poderia ir e vir sem ser visto. “As únicas mulheres no departamento trabalham atendendo o telefone. São só duas. Tonya e Tasha. Elas ficam em outro escritório.”

Pelo menos Elise está conseguindo arrancar informações de seu novo admirador.

Hadley vai dar carona para Lana até aqui. Ela não pôde vir cedo, porque houve um assassinato relacionado a Delaney Grove ontem à noite. A duas cidades de distância, na verdade. Até agora, ninguém aqui quis falar da morte de Morgan Jones.

Na verdade, ninguém aqui quer falar sobre qualquer morte ou sobre qualquer pessoa que tenha morrido.

Precisamos ir fundo no passado do cara e das outras vítimas e entrevistar as famílias, mas o cretino do Johnson dificultou ao se recusar a alterar seus planos de virmos para cá hoje. Por que a pressa?

E por que o assassino matou Morgan Jones tão rápido, em comparação com os outros? Atear fogo nele configurou tortura, e ele provavelmente foi castrado — ainda estão tentando descobrir quando o pênis foi separado do corpo carbonizado.

Palavras que jamais imaginei que falaria.

"Vocês vão ficar aqui", o policial diz, levando as mãos ao coldre, como um xerife de um programa de TV antigo. E sorrindo como um.

"Beleza", Elise diz, olhando para ele. "Já vimos."

"É para eu acompanhar vocês durante a reunião da cidade e ir junto aonde quer que precisem ir, se for o caso."

"Vamos dar uma volta e fazer perguntas aos moradores", Elise diz.

Ele arregala os olhos e balança a cabeça de maneira enfática.

"Você não pode fazer isso. O xerife Cannon me mandou ir com vocês aonde quiserem ir, mas não quer os moradores da cidade assustados com um assunto tão sombrio."

Assunto sombrio? É sério que ele está fraseando desse jeito?

"Tem um serial killer matando pessoas daqui. Teve uma coletiva de imprensa de alcance nacional a respeito do assunto. Como eles podem não saber disso?", Craig pergunta.

"Melhor ainda: por que vocês não querem que eles saibam?", Elise complementa.

O policial dá um passo atrás, parecendo se sentir acuado. Está com os nervos à flor da pele.

"O xerife controla a TV local. Temos um sistema próprio de transmissão, que usamos quando precisamos que as pessoas saibam de algo imediatamente. A transmissão normal é interrompida em caso de emergência."

Eu me viro para Craig. "O cara domina todos os aspectos da vida

das pessoas. É tipo um culto."

"O que funciona muito bem para um psicopata com tendências narcísicas", Donny comenta, baixo, enquanto Elise mantém Barney, ou sei lá como o cara se chama, distraído.

O assassino original usou as falhas da cidade em vantagem própria.

"O xerife pretende agir como se não tivéssemos nenhuma autoridade nesta cidade", prossigo.

"O que faremos?", Craig pergunta.

"Vamos deixar claro que nós estamos no comando. Vamos imprimir folhetos com o que sabemos do perfil do assassino e começar a distribuir pela cidade. Vamos nos dividir em grupos e começar com as perguntas."

Craig assente e entra na cabana dele, onde montamos nosso quartel-general temporário, já que o xerife garantiu que não tinha como disponibilizar uma sala na delegacia.

Quanta generosidade.

"O cara também é dono da única casa na cidade disponível para aluguel", Donny diz.

"Mais um passo rumo à dominação completa. Ele *precisa* estar no controle."

"Parece mais um caso de personalidade alfa extrema que de psicopatia."

"Na superfície", digo, distraído, depois me viro para nosso acompanhante. "Policial..."

Deixo a palavra morrer no ar, para sugerir que não faço ideia de qual é o nome de alguém tão pouco importante. O cara abre um sorriso bobo e inocente, no entanto, o que me deixa curioso.

"Charles Howser", ele diz, orgulhoso, sem parecer nem um pouco ofendido com minha provocação sutil.

“Há quanto tempo você mora aqui ou trabalha para o xerife?”

“Estou aqui há seis meses. Com a polícia, há três semanas.”

Eu me viro para Donny, que estreita os olhos. “O cara colocou o policial mais inexperiente para ficar com a gente. Não pode ser coincidência.”

“E o mais inocente, a julgar pelo cheiro de corrupção que os outros emanam. Cadê o Leonard?”

Como se tivesse ouvido seu nome, Leonard se aproxima. Ele se junta a nós, enquanto Elise volta a distrair o policial. Eu os interrompo, no entanto.

“Por que está havendo uma reunião da cidade se o xerife está escondendo o fato de que tem um serial killer matando caras daqui?”

“Ah, por causa do que aconteceu ontem à noite. Várias portas de casas foram encontradas abertas hoje de manhã. Pelo menos cinquenta. Alguns espelhos foram levados, mas só isso. Esquisito, né?”, ele pergunta, mas não nos dá tempo de responder. “A reunião é para saber quem foi o responsável.”

Não faz o menor sentido.

“As coisas estão muito piores agora”, Leonard nos diz, baixo. “Quando viemos, o xerife fez toda uma encenação. Escondeu muita coisa. Agora, por algum motivo, se sente no controle, agindo como se também pudesse nos controlar.”

“Por causa do Padrinho”, Donny comenta, lendo minha mente.

Eu me viro para interromper Elise e o policial outra vez. “Vamos fazer aquelas perguntas agora”, digo, bem quando Craig sai de sua cabana.

Ele tem uma pilha de folhetos nas mãos. Os olhos de Howser se arregalam de medo.

“Mas o xerife disse que...”

“O xerife não é meu chefe para me dar ordens. Ele não tem autoridade sobre nós ou sobre nossa investigação. A inclusão dele nessa história não passa de uma cortesia da nossa parte. Somos superiores a ele. Entendeu?”

Ele não entendeu. Dá para ver por sua expressão hesitante.

Em vez de explicar, Craig e eu vamos embora. Elise vai para a cabana, para começar a trabalhar. Donny e Leonard vão conosco, pegando metade dos folhetos.

“Quando Lana vai chegar?”, Craig pergunta, ignorando o pedido educado de Howser para pararmos.

“Em dois dias, no máximo. Talvez antes. Ela não queria que Hadley viesse sozinha. Lisa deve chegar a qualquer minuto.”

“Então agora Hadley a aprova? Nunca pensei que isso fosse acontecer.”

“Foi abrupto, mas parece que a história do Bicho-Papão aproximou as duas.”

“Nada forma vínculo mais rápido que quase morrer nas mãos de um sádico sexual e escapar por pura sorte.”

Meu estômago se revira, e eu me viro para Craig.

“Cedo demais?”

Xingando baixo, pego o grampeador da mão dele e fixo um folheto em um poste.

Vemos uma mulher saindo do mercado, puxando uma criança pela mão. Inclino a cabeça ao perceber que várias outras pessoas saem depressa. Algumas correndo em pânico.

Craig e eu atravessamos a rua depressa e entramos, com a mão na arma, só para dar com uma inscrição na parede do fundo.

A água correrá vermelha. Como seus pecados. A verdade não será mais encoberta.

Que porra é essa?

A inscrição foi pintada em letras grandes. O cara atrás do balcão está ligando para a polícia.

"O que aconteceu?", pergunto, me aproximando.

"Não sei. Apareceu de repente. Tipo, não tinha nada aqui, e aí, do nada... todo mundo viu!", ele grita.

Como assim?

A tinta está seca. Pego um saco plástico de provas, raspo e coleto uma amostra. Preciso para caralho que Hadley chegue logo.

Ouço os cochichos dos poucos que tiveram coragem de continuar aqui.

"Está seca, mas acabou de aparecer? Você conhece algum tipo de tinta que faz isso?"

"Deve existir. Ou alguém inteligente deve conseguir fazer", digo, e percebo que algumas das palavras deixam as pessoas em pânico. "É ele."

"Quê? Ele veio para pintar um punhado de palavras que apareceriam magicamente?", Craig pergunta, incrédulo.

"Definimos esta cidade como religiosa e com mentalidade de culto. Olha em volta. Estão todos apavorados por causa de algo mínimo. Se estivéssemos em Washington, as pessoas estariam tirando fotos e revirando os olhos. Ou talvez nem notassem. Mas aqui? Já está deixando todo mundo assustado."

Craig pensa a respeito, sua cabeça processando o mesmo que a minha, ainda que ele não seja especialista em perfis.

"O cara está mexendo com a nossa cabeça."

"O objetivo final dele não é só matar. Ele quer aterrorizar a cidade", digo, completando a teoria de Craig.

Ele vem atrás de mim. Desço a rua, procurando qualquer pessoa que se destaque. Não encontro ninguém. Até que a tinta seja analisada, não vamos saber como o cara fez isso.

Paramos e começamos a conversar com os transeuntes. O medo é evidente nas expressões quando contamos sobre o serial killer que o xerife vinha escondendo. A maioria foge de nós, porque não quer ouvir que algo assim existe.

Um homem leva a mão ao coração. “Então é verdade”, ele sussurra. “Há um espírito maligno entre nós?”

As sobrancelhas de Craig se erguem.

“Não. Tem uma pessoa de carne e osso querendo se vingar de algo que aconteceu há dez anos com Victoria e Marcus Evans.”

Toda a cor se esvai do rosto dele.

“Você pronunciou o nome dos filhos do demo”, o homem sibila, então me dá as costas e sai correndo, como se tivéssemos acabado de invocar um mal.

“Não sei você, mas pra mim esse é o caso mais bizarro em que já trabalhamos”, Craig comenta, exasperado.

Então ele recebe uma notificação no celular e verifica a tela. “Mandei uma foto da mensagem para Leonard e ele me mandou isso.” Craig franze a testa e vira o celular para mim.

LEONARD: A mesma mensagem está aparecendo nas casas com portas abertas. Em toda a cidade. A gente viu. Ela aparece do nada, como se estivesse sendo escrita.

“Então ele também entende de ciência, além de ser um assassino organizado. Ótimo. A cidade inteira vai acreditar em fantasmas antes do fim do dia”, Craig comenta, com ironia.

“Mas por que fantasmas?”, pergunto.

Gritos irrompem à nossa volta antes que eu consiga pensar mais a respeito. Pessoas saem correndo do parque, com as mãos erguidas.

De novo, corremos em disparada, nadando contra a corrente de pessoas gritando por alguém que as salve.

Da fonte bem no meio dele, sai água vermelha. E dos sprinklers em meio à grama. Eu me viro quando ouço mais gritos. Uma mulher larga uma mangueira de jardim que solta água vermelha também.

Uma menina tenta enxugar a água vermelha que escorre de seu rosto como sangue fino. Ela cobre várias pessoas. É como um filme de massacre dos anos 70, quando o sangue retratado era vermelho demais, fino demais.

"Merda", Craig sibila. "Como foi que o cara fez isso?"

"Não sei, mas parece que ele obteve o efeito desejado. O assassino acabou de começar com seus joguinhos mentais, e a cidade já está ruindo."

14

Os peixes vivem no mar, assim como os homens vivem na terra. E os maiores devoram os menores.
William Shakespeare

LANA

Os gritos são como música. Hadley estremece ao meu lado. “Como ele fez esse lance da tinta?”

“Não posso dizer. Vão esperar que você resolva o mistério. E não quero que isso aconteça cedo demais.” Sorrio para ela, que revira os olhos.

Como eu, Jake teve muitos anos para planejar tudo. Desenvolveu o domínio de várias artes e está apenas começando a mexer com a cabeça deles.

Três anos atrás, nós nos comprometemos com isso e começamos a planejar tudo. Porém já fantasiávamos com nossa vingança desde muito antes. Não tive dificuldade de criar um plano geral, e, quando o apresentei a Jake, ele o aprimorou com suas ideias.

“Imagino que você não vá dizer nada sobre as câmeras e tampouco sobre a fonte jorrando água vermelha”, Hadley diz, enquanto dirige.

“Só te ajudei com a perícia do Morgan pra gente poder sair antes, porque eu não queria deixar Logan muito tempo sozinho. Só que não vou te ajudar mais do que você precisa.”

Ela grunhe.

“Você só disse que tinha partes menos queimadas do corpo do cara por conta de lubrificante. Nada mais. Por que tacar fogo nele?”

“Pra ele ter um gostinho de como ia ser no inferno”, digo, distraída.

“E por que a fonte com água vermelha? Não vai me contar?”

“Não é só a água da fonte. A água de toda a cidade está vermelha. Mas não se preocupe, não é tóxico. Eu não colocaria a vida de crianças ou de Logan em risco.”

Hadley grunhe de novo, e eu sorrio, sabendo que ela tem uma relação de amor e ódio comigo no momento. Fora Lindy, Hadley é a primeira mulher que chega perto de ser uma amiga. Eu e Lindy nunca fomos muito próximas por causa da diferença de idade, porém ela foi minha babá na infância, e costumávamos conversar.

Bom, a verdade é que nunca tive uma amiga.

“Vai me contar o que descobriu na cena do crime sem que eu te contasse?”, pergunto.

“Descobri que você não andou na terra para não deixar pegadas.”

“É sempre bom não precisar usar minhas botas. Adoro calçadas.”

“Não havia nada que te incriminasse lá”, Hadley comenta, com um suspiro.

“Sou boa demais para deixar pistas. Só quero saber o que você descobriu.”

“Podemos falar de algo normal?”, ela pergunta, exasperada.

Eu me viro para encará-la. “Um papo feminino? Mulheres falam de pau, né?”

Hadley faz uma careta. “Considerando que você separa o pau dos caras do corpo, prefiro não falar sobre esse assunto com você.”

“O pau de Logan está seguro, só pra você saber.”

“Esquece o que eu disse”, ela resmunga.

“Você também. Logan falou que você curte mulheres, então

imagino que pau não seja um assunto que te interesse."

Ela fica em silêncio por uns minutos, então diz, finalmente: "Logan fala demais".

Dou de ombros e me ajeito no banco, enquanto vejo as pessoas correrem aos gritos, como eu sabia que aconteceria. Adoro tecnologia. Posso acompanhar o terror de Delaney pelo celular, o que é muito conveniente.

O Bicho-Papão não chega nem aos meus pés.

"Você não deveria ter vergonha de quem é", digo, baixo.

"Não tenho. Só não gosto que falem por mim. Fora que não escolhi nenhum rótulo pra mim. Não estou cem por cento segura da minha sexualidade. É só que... homens me atraem, mas é mais difícil confiar neles do que em mulheres", ela confessa, baixo.

Passo de uma tela para a outra, verificando todas as câmeras que Jake instalou. Ele se manteve ocupado ontem à noite, enquanto eu matava Morgan.

"Meu irmão era gay. Jake é bi e teve medo de contar pra quem quer que fosse que os dois estavam apaixonados. Quando meu irmão saiu do armário meses antes de o matarem, todos fizeram com que ele se sentisse um pecado ambulante ou uma aberração."

Tento falar sem deixar a emoção transparecer na voz, o que exige esforço.

Hadley respira fundo, e eu esfrego o ponto em meu peito onde começo a sentir a dor que sempre acompanha a lembrança do meu irmão.

"Jake sempre diz que seu maior arrependimento é ter tido medo demais de demonstrar a Marcus o quanto meu irmão significava para ele. Marcus sabia que Jake não tinha vergonha dele. Sabia que a cidade era tóxica. Não confessou sua sexualidade para provar seu

amor por Jake, e sim para ser honesto consigo mesmo. Meu irmão não duvidava do amor de Jake."

"E agora Jake está fazendo isso para provar seu amor por Marcus?", ela pergunta, triste.

"Não. Ele está fazendo isso porque é um romântico."

A confusão no rosto de Hadley não me surpreende, mas ela não insiste que eu me explique. Dirigimos em relativo silêncio até chegarmos perto de Delaney Grove. Então a conversa se concentra nos outros casos em que a equipe está trabalhando.

Jake me escreve no meio-tempo, e eu leio a mensagem.

JAKE: Olivia ligou dizendo que meu pai está dando trabalho para tomar o remédio. Vou ter que cuidar disso, mas volto logo. O primeiro passo já foi dado.

EU: Me liga se precisar de ajuda.

JAKE: Não se preocupa comigo.
Volto em algumas horas. Fica assistindo e se diverte. Vou te mandar umas fotos que você vai gostar.

Hadley pede minha opinião sobre alguns casos, tirando minha atenção das mensagens de Jake. Digo o que penso, e ela faz algumas anotações no celular através de comandos de voz.

"Logan vai pensar que sou muito mais genial do que já pensa se eu disser isso a ele", Hadley comenta, rindo.

Eu não acompanho sua risada, porque algo me distrai. Jake me manda uma foto de uma rua. *Da* rua. Das palavras escritas em vermelho.

Virão os anjos e separarão os maus dos justos, e os lançarão na fornalha acesa. Ali haverá pranto e ranger de dentes.

"O que foi?", Hadley pergunta.

Jake também me manda uma foto de Logan avaliando a mensagem. Volto ao vídeo, para ver o homem que amo observando as pessoas à sua volta. A maioria pálida e aterrorizada.

Eles sabem o que aconteceu nesse lugar. Porque cobriram tudo. Pintaram de preto de novo. Como se as manchas vermelhas não existissem só porque não podem mais ser vistas.

Logan não parece perturbado ou temeroso, como eu sabia que seria o caso. Afinal, ele é um homem racional. Não acredita em fantasmas.

Porém Delaney Grove... logo estará de joelhos.

"Não entendo por que estão todos caindo nessa", Hadley comenta.

"Por condicionamento. Eles foram condicionados a ser ovelhas. E ovelhas seguem ovelhas", explico.

"Não entendo", ela insiste.

"Tem alguém em quem você se inspira?", pergunto.

"Queen Latifah. Por quê?"

Sorrio. "Meu pai gostava de Einstein. Minha mãe, de Confúcio. Meu irmão, um romântico incorrigível que ficava facilmente emocionado, vivia e respirava Shakespeare."

"E o que isso tem a ver com as ovelhas?"

Eu a encaro, ainda sorrindo. "Eu, particularmente, sempre amei os escritos de Voltaire."

"Tudo isso me parece um pouco pretensioso, mas tudo bem. Sua família gostava de gente morta que dizia coisas que as pessoas sentem necessidade de citar agora. Continua daí."

"Voltaire disse: *Aqueles capazes de fazer com que você acredite em absurdos também são capazes de fazer com que cometa atrocidades*. Por tempo demais, o xerife Cannon domina o condado, e muito poucos se libertam da corrupção promovida por ele. As mulheres ficam

submetidas aos homens. E a palavra de Cannon é verdade absoluta."

Aponto para o rebanho chorando, em pânico, à beira de um motim contra o xerife. Depois de um dia mexendo com a cabeça deles.

"Ovelhas", repito, baixo. "Fazendo *méééé*."

Ela solta o ar, de maneira trêmula, enquanto continua dirigindo na direção da cidade, depois manda uma mensagem. Quando chegamos, olho meu entorno, o lugar que desiludiu tantos e destruiu muitos mais.

"Voltei, filhos da puta", digo baixo, enquanto passamos pela prefeitura. "E vou transformar a vida de vocês em um inferno antes de pintar a cidade de vermelho."

Procuro Logan nas imagens das câmeras, usando o aplicativo que Jake instalou para mim antes da primeira morte, mas não consigo. Ele deve estar em algum ponto cego.

Nem noto que estacionamos até Hadley desligar o motor.

"Vou avisar Logan que chegamos, caso..."

As palavras dela são interrompidas por um grito quando minha porta é aberta com tudo. Logan me tira do carro de uma vez só. Sorrio contra seus lábios no segundo em que ele me beija, e meus braços enlaçam seu pescoço, desfrutando da sensação de seu corpo pressionando o meu.

"Aff! Estamos na porra de uma cidade insana, no limiar da floresta, você quase me fez ter um ataque. Isso não foi legal, Bennett. Não foi mesmo", diz a ruiva que trouxe a assassina procurada para a cidade, com plena consciência.

Logan sorri contra meus lábios também, apesar das loucuras que teve que encarar desde que chegou, pela manhã. Não quero rir da

ironia de Hadley ter gritado e surtado como se ele pudesse ser o assassino vindo nos pegar... quando... pois é.

Ele me levanta no ar e minhas pernas envolvem sua cintura, sabendo que esse é seu lugar. Então Logan me leva para dentro do que imagino que será nossa cabana. Não olho em volta, preocupada que possa ser a cabana para onde Kyle me levava.

Antes que eu soubesse o monstro que ele era.

Quando eu ainda confiava em um cara tão sombrio, porque não sabia de nada.

Quando eu era uma ovelha do mesmo rebanho a que agora pretendo dar um fim.

Logan se inclina, e sofro uma breve queda, durante a qual me sinto sem peso, até minhas costas pousarem no colchão. Sorrio para Logan, que tira a camisa.

"Você parece ter sentido saudade", digo, procurando gravar cada momento que passo com ele.

Vou precisar me agarrar a isso. Vou precisar lembrar. Vou precisar disso para passar pelo restante. E, com sorte, sobreviver.

Depois, vou precisar disso quando estivermos apenas eu e Jake, olhando para trás, para o caos que criamos, para a justiça que dois assassinos alcançaram sob o disfarce de anjos vingadores.

"Ando pensando seriamente em fazer terapia por causa dessa obsessão absurda que tenho por você", Logan murmura, porém seus lábios formam um sorriso antes que ele tire a calça.

O momento da nossa chegada é perfeito. O Halloween está aí.

Não foi à toa que escolhi *Myers* como meu sobrenome.

Agora, no entanto, não penso em nada disso. Nada mais existe quando estamos apenas os dois, porque meu tempo é limitado. Sei disso. Logan, não.

Ainda assim, ele me ama como se fosse nosso último dia juntos

quando se deita sobre mim, subindo meu vestido.

"Você veio de vermelho só pra me deixar maluco, né?", Logan pergunta.

Antes que eu possa responder, ouço Hadley do outro lado da porta. "Deixei as malas aqui, seus tarados. De nada."

Logan ri no meu pescoço, e eu passo os dedos por seu cabelo, me sentindo no paraíso. É isso que Logan é para mim.

"Às vezes, penso que você é uma ilusão, que nada disso está acontecendo de verdade. Que morri dez anos atrás, depois do acidente", digo, baixo, enquanto ele tira minha calcinha.

"Sou real, Lana", Logan murmura no meu pescoço, finalmente me deixando nua.

A sensação de seu corpo contra o meu enquanto Logan me despia bastou para me deixar pronta para ele.

"E sou seu", Logan diz antes de me beijar, engolindo as palavras com que tento retribuir.

Meu.

Como eu sou dele.

Pelo tempo que Logan me quiser.

"Eu te amo", digo, quando ele me penetra, estremecendo como se me sentir fosse exatamente o que ele precisava.

Conheço a sensação.

Essas palavras significam mais para mim do que Logan imagina, porque são palavras que nunca pensei que eu pronunciaria nesse contexto. Porque acreditei que nunca estaria curada o bastante a ponto de sentir essa conexão.

"Eu te amo", Logan diz, abrindo os olhos para me observar enquanto entra e sai de mim.

É tudo de que preciso e mais.

Ele é tudo que eu gostaria de poder ser.

Um herói.
Um herói amado por um monstro.

15

Se tens lágrimas, prepara-te para vertê-las agora.
William Shakespeare

LOGAN

"Se você pudesse ir para qualquer lugar, onde seria? Um único lugar", Lana me pergunta.

"Hum...", faço contra a pele dela. "Grécia."

"Por que Grécia?", ela pergunta, em meio à confusão de membros entrelaçados.

Eu gostaria de poder passar meus dias deitado em uma praia na Grécia, com seu corpo envolvendo o meu exatamente assim. Meu trabalho está começando a exigir muito de mim, mas dando muito pouco em troca.

Por outro lado, ao fim deste caso, posso nem ter mais uma carreira. Só que não vou baixar a cabeça e deixar que encubram o que quer que tenha acontecido aqui dez anos atrás.

"Porque meu padrasto sempre disse que, se pudesse, tomaria um porre e se apaixonaria na Grécia. Se não tivesse gastado todos os seus anos sexy com a minha mãe."

Lana dá risada, e eu sorrio para ela, que precisa até enxugar algumas lágrimas dos olhos devido à surpresa.

"Ele parece um cara ótimo", Lana comenta.

"Ele era."

“Meu pai era um cara ótimo também. Fazia tudo o que podia para garantir que meu irmão e eu tivéssemos o que precisássemos. Ele era o nosso mundo, e a gente era o dele.”

“E a sua mãe?”, pergunto, decidido a aproveitar que Lana está falando do passado.

“Era incrível”, ela diz, com melancolia. “Cozinhava, e eu adorava quando ela cozinhava. Meu pai sempre dizia que se ela fosse uma bruxa, as crianças entrariam em seu forno só pelo cheirinho bom que sempre saía de lá.” Quando arqueio uma das sobrancelhas, ela explica: “Ele tinha um senso de humor meio mórbido. O que minha mãe adorava. Ela era muito apaixonada por ele. Quando eu era pequena, não sabia como aquele tipo de amor era raro. Como a maioria das coisas que a gente vê todo dia, eu não sabia dar a elas o devido valor”.

Uma tristeza toma seus olhos, e eu me aproximo mais, beijando uma pálpebra sua e depois outra.

“Aonde você iria?”, pergunto a Lana, decidindo que não quero vê-la triste.

“Pode ser qualquer lugar no mundo?”, ela pergunta.

“Qualquer lugar.”

“Eu iria pra Grécia com você.”

E é por isso que sou obcecado por ela.

Meus lábios a encontram de novo, e eu a beijo como se pudesse ser a última vez. É sempre assim que a beijo, porque ela já perdeu o amor no passado — o amor de seus pais. Nunca quero que se sinta insegura em relação a nós.

Quero que ela saiba exatamente como me sinto sempre que está nos meus braços.

Quando Lana interrompe o beijo, tenho que me esforçar para não subir nela e começar tudo de novo. Assim que a vi de vestido,

fiquei louco para entrar nela. Minha ideia era dar um susto em Lana, mas foi Hadley quem gritou, enquanto ela apenas sorria. Lana sempre me surpreende.

E, simples assim, eu tinha que trazê-la para a cama.

"Também quero você na Grécia comigo", digo, com um beijo em sua bochecha.

"Vamos nos embebedar e transar demais", ela concorda. "E comer, claro. Tem sempre algo incrível para comer na Grécia. A menos que isso não passe de um estereótipo."

Sorrindo, dou outro beijo em sua bochecha. "Um dia a gente descobre."

A respiração dela acelera, e eu me afasto um pouco, frente a frente com os olhos assombrados que me enfeitiçaram lá atrás.

"O que foi?", pergunto, passando um dedo por sua bochecha, preocupado com sua expressão.

Lana me encara. "Se você descobrisse que não sou a mulher perfeita que espera que eu seja, ainda me amaria?"

A maneira como ela pergunta faz com que pareça que levei um soco no estômago. "Lana. Não espero que você seja perfeita. Acho que você *é* perfeita. Ou pelo menos perfeita pra mim."

Seus lábios tremulam, e ela força um sorriso. O que eu disse de errado?

"Mas e se eu não for perfeita?", ela insiste, parecendo genuinamente aflita.

"Eu te amaria mesmo assim. Não falo em amor levianamente. Bom, pelo menos não desde o ensino médio. Todo mundo fala em amor no ensino médio sem saber como é de fato amar alguém."

A expressão em seus olhos se alivia apenas um pouco. Tento decifrá-la, mas ela é um mistério. Está sempre fazendo uma coisa quando espero outra.

“Mas sim”, esclareço. “Eu te amaria mesmo assim. Caso não tenha notado, fico meio maluco se passo um tempo sem te ver. Você me dá um motivo pra querer viver, em vez de apenas existir. Você aceita cada parte de mim, aceita as migalhas que posso oferecer. Sem nunca reclamar.”

Ela tenta falar, mas eu continuo.

“Esses olhos me encontram assim que você entra na sala, como se eu fosse a única pessoa que procurassem. Você mantém a cabeça erguida quando outros a baixariam. Você mantém os ombros abertos enquanto outros se curvariam. Sua força é inacreditável. E nunca sei o que esperar. Essa é minha parte preferida em você, ainda que seja a mais enfurecedora também.”

Lana ri baixo, e eu beijo o canto de seus lábios antes de prosseguir.

“Você também sorri para mim de um jeito que não sorri para ninguém mais. Isso faz com que eu me sinta poderoso. Quando estamos juntos, eu sorrio como nunca. Sinto que estamos em pé de igualdade, que somos parceiros. É raro encontrar alguém que te acompanhe passo a passo, e pra mim você é essa pessoa. Amo isso em você. Amo *você*.”

Ela me beija antes que eu continue, garantindo de todas as maneiras possíveis que nada poderia mudar como me sinto. Bem quando decido que tenho tempo de lhe provar isso com um pouco mais de intensidade, alguém bate forte à porta.

“Logan! Temos que ir!”, Donny grita.

“O timing dele é péssimo”, Lana diz, com um suspiro.

“O de todos é. Um dia, vou me livrar do meu celular e me esconder deles.”

“Quando desaparecermos na Grécia”, ela diz, embora o sorriso em seus lábios não alcance os olhos.

Sinto que há algo que ela não está me contando. Percebo isso na maneira como seu olhar parece cada vez mais distante. Mas vou dar um jeito. Assim que descobrir o motivo.

"Sim", digo a ela, sorrindo para fingir que não noto o toque de tristeza em seus olhos.

Eu me visto depressa e vou falar com Donny lá fora. Então volto, bem quando Lana está se levantando, com o lençol enrolado no corpo, e a puxo para mim, em um beijo longo e intenso.

Ela geme em meus lábios, e Donny pigarreia.

"Volto logo", digo, então saio, ignorando a risada de Donny.

"Preciso dizer que nunca pensei que você se apaixonasse tão rápido", ele comenta. "Funcionários exemplares como você em geral morrem solteiros."

"As coisas mudam", digo, já me sentando no banco do motorista. "Aonde vamos?"

"Craig ligou dizendo que um cara deu a dica pra ele de que precisamos falar com Diana Barnes. Só isso. Johnson está furioso. Disse que estamos incitando o terror com nossos folhetos e quer que arranquemos todos. Elise e Lisa estão tentando espalhar mais do que a polícia consegue arrancar."

"Inacreditável", digo e exalo demoradamente. "Ele não está nem tentando ser discreto."

"O que só me deixa mais curioso quanto ao que vamos descobrir."

"As mensagens que o assassino está deixando para aterrorizar a cidade não estão ajudando. As pessoas parecem pensar que é um espírito, mas ninguém diz o nome em voz alta", aponto.

"Dos filhos de Evans? Ou do próprio Evans? Ninguém fala sobre isso", Donny diz, em sua maneira única de concordar comigo.

"É o que o cara quer. Incitar o terror. Ele quer todo mundo

encolhido em um canto. A questão é: por quê? Sabemos que os filhos foram estuprados, mas o hospital não conseguiu fornecer mais informações. Os dois estavam com medo demais de falar." Penso em voz alta, torcendo para que as palavras de alguma forma ofereçam mais.

"A cidade toda está morrendo de medo de falar", Donny diz, observando as pessoas lendo uma mensagem na rua e se afastando, seus passos rápidos como se, caso se demorassem, pudessem acabar levando o diabo consigo para casa.

Donny aponta para a rua que precisamos pegar, então me para quando chegamos a uma casinha branca. Tem até a porra de uma cerca de madeira, pintada de branco também.

"Cruza os dedos pra ela não bater a porta na nossa cara também", Donny diz, saindo do carro.

Saio e endireito a gravata enquanto seguimos pela calçada rachada. A cortina da janela da frente se entreabre, mas tudo o que consigo ver é um olho antes que voltem a fechá-la.

Donny levanta a mão para bater na porta, mas uma mulher a abre antes disso, olhando para nós como se tivesse nos esperado o dia todo.

"Vocês são do FBI?"

"Sim, senhora. Viemos aqui para..."

"Sei por que vieram. Vocês trabalham para o tal do Johnson?"

Meus lábios se franzem. "Temos objetivos diferentes. O meu é descobrir o que aconteceu aqui dez anos atrás. Com mais informações, talvez consigamos salvar vidas."

Isso parece deixá-la tensa. "Não há uma vida que você possa salvar que precise ser salva", ela diz, com amargura. "Essa cidade inteira merece arder em chamas. Só continuo aqui porque sabia

que esse dia chegaria. O dia em que alguém ia querer ouvir a história das crianças e finalmente fazer justiça a elas."

Donny engole em seco. A mulher enxuga algumas lágrimas.

"Entrem", ela diz, com um sinal.

Donny fecha a porta atrás de nós. Diana aponta para um sofá onde imagino que quer que nos sentemos.

"Não posso contar tudo a vocês. Vão ter que ouvir sobre Robert de alguém que conheça todos os detalhes. Mas posso contar sobre as crianças. Elas foram boas com meus filhos. Sempre foram."

Diana se senta em uma poltrona e pega o telefone.

"Qualquer informação que puder nos fornecer será de grande ajuda", digo, sentindo um frio na barriga diante da perspectiva de finalmente ter respostas, me perguntando quão fundo é o buraco em que estamos prestes a entrar.

Aguardamos com toda a paciência enquanto Diana liga para alguém.

"Oi, meu bem. Não, eu estou bem", ela diz para... o namorado? O filho? Ela não usa aliança e não tem nada na sala que aponte para a existência de um marido.

"Ainda está saindo com aquela advogada bonita? Que tem o apartamento todo protegido?"

Diana nos observa enquanto ouve a pessoa do outro lado da linha.

"Ótimo. Então fique com ela até eu dizer que não precisa mais. A mamãe está prestes a contar uma história que está me devorando por dentro há mais de dez anos."

SOBRE A AUTORA

S.T. Abby, também conhecida como CM Owens e Kristy Cunning, é autora de mais de cinquenta livros de romance.

Copyright © 2016. SCARLET ANGEL by S.T. Abby
Os direitos morais da autora foram assegurados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Scarlet Angel
CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Gustavo Magalhães
PREPARAÇÃO Clarissa Melo
REVISÃO Luíza Côrtes e Natália Mori
VERSÃO DIGITAL Calil Mello Serviços Editoriais

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
x.com/editoraparalela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Abby, S.T.

Anjo escarlate [recurso eletrônico] / S.T. Abby ; tradução Lígia Azevedo. — 1. ed. eletrônica — São Paulo : Paralela, 2026. (Série Mindfuck ; 3)

Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original: Scarlet Angel.

ISBN 978-85-8439-605-4

1. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

CDD 813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5